

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SILAS MOLOCHENCO

A SALVAÇÃO INTEGRAL DO SER
COMO RESULTADO DA COMUNHÃO E DA MUTUALIDADE

São Leopoldo

2011

SILAS MOLOCHENCO

A SALVAÇÃO INTEGRAL DO SER
COMO RESULTADO DA COMUNHÃO E DA MUTUALIDADE

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção de Grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento Pastoral

Orientador: Lothar Carlos Hoch

Segundo avaliador: Karin Hellen K. Wondracek

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M728s Molochenco, Silas

A salvação integral do ser como resultado da comunhão e mutualidade / Silas Molochenco ; orientador Lothar Carlos Hoch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.

136 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Antropologia humana. 2. Salvação. 3. Vida comunitária. 4. Amor – Aspectos religiosos – Cristianismo. 5. Disciplina eclesiástica. 6. Perdão – Aspectos Religiosos – Cristianismo. I. Hoch, Lothar Carlos. II. Título.

SILAS MOLOCHENCO

A SALVAÇÃO INTEGRAL DO SER
COMO RESULTADO DA COMUNHÃO E DA MUTUALIDADE

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção de Grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento Pastoral

Data:

Lothar Carlos Hoch – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Karin Hellen K. Wondracek – Doutora em Teologia – Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são uma parte muito importante em um trabalho acadêmico, pois colocam em evidência as pessoas e as instituições que auxiliaram e influenciaram o escritor em seu processo de elaboração da escrita de seu trabalho.

Começo por agradecer ao meu bom Deus e a seu Filho Jesus e ao Espírito Santo que me auxiliaram e me deram inspiração para a elaboração da dissertação. Agradeço a meu filho que, por vezes, abriu mão de minha companhia em momentos importantes. Meus agradecimentos vão também para a minha esposa Madalena, que teve paciência comigo e abriu mão da minha companhia em diversos momentos e ainda teve a bondade de ler o texto e dar sugestões quanto à sua redação final. Também agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Lothar Carlos Hoch, que sempre me atendeu e deu sugestões quanto ao desenvolvimento da dissertação. Sou grato também a Profa. Paula Coatti que me substituiu nas vezes em que não pude dar as aulas para poder escrever. Meus agradecimentos vão também para a Profa. Rita de Cássia Giorno que revisou o texto.

Em especial, agradeço a Faculdade Teológica Batista de São Paulo pelo apoio durante todo o curso e que, na hora da escrita da dissertação, me deu apoio, dando-me certa liberdade de tempo para poder escrever. E agradeço também a Igreja Batista Betel a qual pertenço e sirvo, mas que, nos últimos três meses, não pude atender em suas necessidades.

Por fim, sou grato a todos os que, de uma forma ou outra, me auxiliaram na confecção dessa dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a 'salvação' do SER através da mutualidade. Ela indica o significado da palavra SER que é o eixo central da presente pesquisa. Escolhemos o termo SER, proveniente da filosofia, por compreendermos que ele representa melhor o ser humano como um todo. Mostramos como esse SER é constituído através do processo de identificação com o outro nas relações sociais e da identidade que é a elaboração, desde muito cedo na vida do SER, dos conceitos e dos parâmetros que formam a sua individualidade. A salvação é vista em um sentido amplo conforme o original grego da palavra, que engloba a saúde do SER em todos os aspectos, físico, mental, psíquico, do *self* e do espiritual. Apresentamos o conceito da comunhão considerado de suma importância para que a salvação do SER possa acontecer no convívio do corpo de Cristo. A mutualidade é analisada como algo que se tem perdido nos últimos tempos. Ela implica em desenvolver relacionamentos pessoais na Igreja nos quais o conceito de família de Deus se manifesta e, nesta manifestação, há a possibilidade de salvação dos membros da Igreja. Existem vários conceitos de mutualidade constantes nas Escrituras, mas escolhemos três: o amor, a exortação e o perdão. O amor mútuo é descrito em três características diferentes: o amor que se entrega completamente, o amor que significa amizade e o amor que está mais voltado para o cuidado e para o zelo e o velar de um irmão para com o outro. Em seguida, contemplamos a exortação mútua abordando a necessidade da Igreja da exortação. Mostramos como deve ser esta exortação indicando os resultados da mesma. Apresentamos alguns dos textos em que os apóstolos usam a exortação para confrontar, encorajar ou consolar as Igrejas. E, por fim, está o perdão mútuo iniciando com a definição do conceito e apontando como deve ser este perdão. Demonstramos ainda a necessidade de conceder o perdão, tão necessário para a saúde dos seres humanos.

Palavras-chave: Aconselhamento. Ser-Humano. Salvação. Mutualidade. Comunhão. Integração.

ABSTRACT

Having as central issue 'the salvation' of BEING through the mutuality, this research starts indicating the meaning of the word BEING to be the core of this work. We chose the term BEING derived from the philosophy, for we understand that it best represents the human being as a whole. We showed how such BEING is constituted through a process of identification with the other in social relations and his identity that is built of concepts and parameters comprising his individuality since very early age. Salvation is seen in a broad sense as from the original Greek word, which includes the health of BEING in all aspects such as physical, mental, psychic, *self* and spiritual. We have presented the concept of Communion considered of utmost importance for the salvation of BEING may occur in the living body of Christ. The mutuality is analyzed as something that has been lost in recent times. Mutuality involves developing personal relationships in the Church where the concept of God's family is manifested and there is the possibility of salvation of the members of the church. There are various concepts of mutuality in the Scriptures, but we chose three of them: love, exhortation and forgiveness. The mutual love is described in three different characteristics: the love that gives itself completely, the love that means friendship and the love that is more focused on the care, the zeal and the diligence of a brother to another. Secondly, we included mutual exhortation, pointing out that the church needs the exhortation. We showed how this exhortation should be indicating its results. We have indicated some of the texts in which the apostles used the exhortation to confront, encourage or console the Church. And finally, it is the mutual forgiveness starting with the definition of the concept and pointing out how this forgiveness should be. We also demonstrated the need to release forgiveness, so necessary for human health.

Keywords: Counseling. Human-being. Salvation. Mutuality. Communion. Integration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 BASES CONCEITUAIS	21
1.1 Definição de SER.....	21
1.1.1 <i>O Ser Humano como um SER integral</i>	<i>22</i>
1.1.2 <i>A Manifestação do SER.....</i>	<i>24</i>
1.1.3 <i>O SER como criação de Deus.....</i>	<i>25</i>
1.1.4 <i>A Igreja como vínculo social do SER.....</i>	<i>27</i>
1.2 A Construção da Identidade e da Identificação.....	28
1.2.1 <i>Os relacionamentos do Ser e o teorema de Heidegger</i>	<i>28</i>
1.2.2 <i>A Constituição da Identidade.....</i>	<i>32</i>
1.2.3 <i>O Sentimento de Identificação e Pertença.....</i>	<i>33</i>
1.2.4 <i>O 'contorno' e os relacionamentos do SER</i>	<i>33</i>
1.2.5 <i>A relação do SER e o processo de sua constituição pelo poder da salvação</i>	<i>36</i>
1.3 O Conceito de Salvação.....	38
2 A SALVAÇÃO HOLÍSTICA DO SER POR MEIO DA VIDA MANIFESTA NA COMUNIDADE DA IGREJA	45
2.1 A Mutualidade Manifesta na Comunidade da Igreja	45
2.1.1 <i>A importância da mutualidade</i>	<i>46</i>
2.1.2 <i>O propósito da vida mútua.....</i>	<i>49</i>
2.1.3 <i>Os problemas que impedem a vida mútua.....</i>	<i>51</i>
2.2 A Comunhão Manifesta na Comunidade da Igreja	52
2.2.1 <i>O significado de comunhão</i>	<i>53</i>
2.2.2 <i>Como se expressa a comunhão</i>	<i>55</i>
2.2.3 <i>Aspectos espirituais da comunhão</i>	<i>57</i>
2.2.4 <i>A comunhão e seus resultados.....</i>	<i>60</i>
3 AS EXPRESSÕES DO PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE DA IGREJA QUE PROMOVEM A SALVAÇÃO INTEGRAL DO SER	63
3.1 Uma palavra sobre a Igreja.....	63
3.1.1 <i>A imagem de corpo</i>	<i>64</i>
3.1.2 <i>A imagem de uma edificação.....</i>	<i>65</i>
3.2 A Expressão do amor mútuo.....	66
3.2.1 <i>Significados de amor</i>	<i>67</i>
3.2.2 <i>Por que é necessário o amor?.....</i>	<i>70</i>
3.2.2.1 <i>É o amor que traz a genuinidade para a Igreja de Cristo</i>	<i>72</i>
3.2.2.2 <i>O amor revela a verdadeira presença do Senhor na comunidade</i>	<i>72</i>
3.2.2.3 <i>O amor deve ser o princípio governante da vida cristã.....</i>	<i>72</i>
3.2.2.4 <i>Consequências da falta de amor na Igreja</i>	<i>73</i>
3.2.2.5 <i>Sempre demonstrar amor</i>	<i>73</i>
3.2.3 <i>Deus nos capacita o SER para exercer este amor</i>	<i>74</i>

3.2.4 Como deve ser este amor?.....	77
3.3 A Expressão da Exortação Mútua	81
3.3.1 Definição de Exortação.....	82
3.3.2 A Necessidade da Exortação.....	84
3.3.3 Alguns Motivos que Constam nas Escrituras para a Exortação	90
3.3.4 Como deve ser a exortação.....	98
3.3.4.1 A exortação deve ser veemente (At 2.40).....	98
3.3.4.2 A exortação deve ser com testemunho de vida (1 Ts 4.1; 1 Co 4.16).....	99
3.3.4.3 A exortação deve ser bíblica (Tt 1.9).....	99
3.3.4.4 A exortação deve ser para todos que necessitam, sem distinção (Tt 2. 1-10)	99
3.3.4.5 A exortação deve ser com autoridade (Tt 2.15).....	100
3.3.4.6 A exortação deve ser feita sempre: dia após dia (Hb 3.13).....	100
3.3.4.7 A exortação deve ser feita como um pai exorta a seu filho (1 Ts 2.11,12).....	101
3.3.5 A importância do Espírito Santo na capacitação para a exortação	102
3.3.6 Os resultados da exortação mútua	103
3.4 A Expressão do Perdão Mútuo	108
3.4.1 Definição de perdão.....	109
3.4.2 A Oração Dominical e o perdão.....	111
3.4.3 Como deve ser o perdão	113
3.4.4 O que é necessário para ceder perdão?.....	117
3.4.4.1 Compreender as pessoas.....	117
3.4.4.2 Aprender a esquecer	119
3.4.4.3 Exercer amor	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

O Novo Testamento ensina, por diversas vezes, a mutualidade na comunidade da Igreja como meio de fazer a Igreja crescer. É por meio de um pertencimento na comunidade que se torna possível a salvação integral do SER.¹ Entre as chamadas do Espírito Santo para que a Igreja exerça a mutualidade por meio das expressões, o amor, a exortação e o perdão serão motivos de estudo de nossa pesquisa. Escolhemos essas três, porque consideramos que elas são as que mais se encaixam ao tema da dissertação.

Apresentação do Tema

Desde o princípio, na minha vida como teólogo, tenho feito uma interface da teologia com a psicologia. Já na faculdade, que possuía um currículo aberto, fiz todas as disciplinas possíveis na área da psicologia e, anos depois de formado, ingressei no mestrado na área de psicologia pastoral. Um dos campos do meu interesse nessa interface é a compreensão da constituição e da construção do SER que tanto a Bíblia quanto a Psicologia contemplam. Nesta dissertação, partirei do conceito de pertencimento na comunidade da Igreja que promove a mutualidade com abordagem a algumas das implicações que ela traz, tais como a comunhão, a comunicação, a constituição da Igreja e outras.

Exerci o pastorado durante 32 anos e, desde cedo, acreditei que a comunhão entre os irmãos era a melhor maneira de edificar o corpo de Cristo. É na mutualidade que se pode conhecer bem os irmãos e auxiliá-los em seus problemas e dificuldades, como também se rejubilar nas vitórias de suas vidas.

Comecei a estudar o pertencimento dos membros da comunidade da Igreja e, por meio do pertencimento comum, da expressão da mutualidade e da comunhão, tomei o propósito de ensiná-la para as Igrejas que pastoreei. Estas responderam de forma significativa aos ensinamentos da mutualidade e houve um crescimento da espiritualidade e do compromisso de uns para com os outros e com o Senhor Jesus Cristo.

¹ A razão da utilização da palavra “SER” em maiúsculas será esclarecida adiante, no capítulo 1.

Entendo que a mutualidade na Igreja traz a comunhão entre os irmãos e produz o crescimento espiritual, mas, sobretudo, traz a salvação no sentido integral² para o povo de Deus. No convívio, muitos problemas de ordem emocional, de sentimentos e relacionais podem ser resolvidos por meio do diálogo e da confissão mútua, tal qual Tiago afirma em sua carta: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados”. (Tg 5.16). Também problemas de ordem física são sanados por meio da oração de uns pelos outros, trazendo, dessa forma, salvação para o SER³ em sua plenitude.

Esta pesquisa é feita diretamente no Novo Testamento e tem como referência do original grego a versão de Kurt Aland em sua segunda edição. Os comentários exegéticos e devocionais consultados constam na bibliografia. A versão da Bíblia em português que será usada é a Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada, de 1993, da Sociedade Bíblica do Brasil, em sua segunda edição.

A importância do tema

Segundo o Novo Testamento, o pertencimento comum promove a mutualidade e a comunhão dos membros. Estas são de suma importância para a vida da Igreja,⁴ pois são os principais meios descritos pelo Novo Testamento para a salvação do SER. O louvor e a adoração têm sua importância, pois creio que estes mostram o poder da Igreja que congrega e que se manifesta em conjunto. A pregação é imprescindível, pois é por meio dela que a Palavra é proclamada e traz a edificação do povo de Deus. Entretanto, é na comunhão que a Igreja se une em um só corpo e é por meio dessa comunhão que a mutualidade se manifesta permitindo a demonstração do amor mútuo. É este que dá significado à Igreja. Jesus afirma isso pouco antes de comer a páscoa com os discípulos, e o apóstolo Paulo o faz no capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios. Esse amor também é o centro da primeira carta de João. O amor mútuo une a Igreja e este mesmo amor promoverá a salvação do corpo.

² No capítulo um, apresentaremos o conceito de salvação a ser usado na dissertação.

³ Da mesma forma o conceito de SER.

⁴ Na maioria das vezes que o Novo Testamento se refere à igreja, ele o faz no sentido de Igreja local. A Igreja local é uma instituição, assim, deve-se, sempre que se fizer referência a ela, usar a letra maiúscula. Explicarei mais adiante, com mais detalhes, porque uso Igreja com letra maiúscula em todo o trabalho.

É também na comunhão que se manifestam os dons para o bom desempenho da Igreja e para a salvação e o aperfeiçoamento dos santos. A manifestação da mutualidade e da comunhão, em seus variados aspectos, promoverá a edificação do corpo de Cristo, firmará os irmãos na doutrina levando-os a crescer em Cristo. Permitirá que o SER caminhe em direção da estatura de varão perfeito e que venha a conhecer-se melhor por meio da edificação (Ef 4.12ss).

O objeto do tema e seus limites

A Bíblia fala sobre o pertencimento na comunidade da Igreja que permite a expressão da mesma de diversas formas de mutualidade. Entre elas encontramos: amem uns aos outros, perdoem uns aos outros, sujeitem-se uns aos outros, suportem uns aos outros, exortem uns aos outros, não julguem uns aos outros, não mintam uns aos outros, confessem seus pecados uns aos outros, ensinem e instruem uns aos outros e edifiquem uns aos outros.

No campo de estudos da Teologia, encontra-se a linha de pesquisa em Aconselhamento. Entendo que a mutualidade que promove a salvação integral do SER constitui importante área a ser estudada, pois percorre a Teologia e o Aconselhamento. Dentre as mutualidades explicitadas no Novo Testamento, escolhi as expressões do amor mútuo, da exortação mútua e do perdão mútuo.

Apesar de o Novo Testamento ensinar diversos temas com respeito à mutualidade, devido à necessidade da delimitação da dissertação, priorizei três das expressões de mutualidade que promovem a salvação do SER em sua integralidade que considere as mais significativas. Escolhi o amor, por ser a base de toda a vida cristã; a exortação, por ser a que mais se aproxima do aconselhamento, sendo mesmo traduzida, em alguns textos bíblicos, por aconselhamento e a expressão do perdão, pois é essencial meio de cura em todos os aspectos do SER.

Objetivos

Esta pesquisa pretende mostrar aos leitores três pontos básicos e um objetivo maior. O primeiro objetivo a ser alcançado é demonstrar a importância da mutualidade para uma Igreja, bem como a influência que exerce na vida da mesma.

Para cumprir com os propósitos do Novo Testamento, a Igreja não pode prescindir da mutualidade.

O segundo objetivo é demonstrar que a comunhão, por meio da identidade e da identificação,⁵ permitirá aos membros da Igreja desenvolver uma construção da percepção do seu 'eu'; de quem ele é diante de si, diante dos outros e diante de Deus, quais são os seus direitos e os seus deveres nessas mesmas instâncias. O desenvolvimento dessa construção vem por meio da salvação integral do SER.

O terceiro é demonstrar que a mutualidade traz o crescimento e a maturidade para a Igreja e, por meio destes, ela pode cumprir melhor o seu papel neste mundo e com o seu crescimento progressivo cumpre a grande comissão. Tal Igreja não precisará de projetos especiais para a evangelização, pois a vida que viverá em seu contexto marcará a sua presença e, como na igreja primitiva, cairá na graça do povo.

O nosso objetivo maior é verificar

- Se ela é uma Igreja que pratica a mutualidade, na qual cada irmão zela e vela pelo outro;
- Se ela é uma Igreja em que existe comunhão, de tal forma que os irmãos se identificam como corpo de Cristo, permitindo, dessa forma, a constituição e a construção da identidade e identificação e que;
- Se ela é uma Igreja que cresce na maturidade espiritual e no testemunho da fé.

Em todos os seus processos, esta Igreja exerce a **salvação integral** de seus participantes. Dessa forma, permite ao SER que dela participa exercer liberdade e autonomia, isto é, não ser guiado por um código de ética externo, mas com as leis gravadas em seu coração (Hb 8, 10, 11). Permite também ser responsável por seus atos diante de Deus, da Igreja, dos irmãos e diante de si mesmo.

⁵ Apresentaremos os conceitos de identidade e identificação no primeiro capítulo.

Procedimentos Metodológicos

No desenvolvimento da dissertação, uma revisão bibliográfica foi realizada usando-se basicamente comentários bíblicos, em primeira instância, os exegéticos e, depois, os devocionais e homiléticos. A palavra igreja com “I” maiúsculo foi usada no decorrer desta dissertação, porque a menção feita de igreja é da igreja local; de uma determinada igreja que, no processo de leitura, pode ser a igreja do próprio leitor. Sendo assim, é uma Igreja definida. Como base nesse pensamento, as referências de igreja no Novo Testamento foram verificadas, apresentando-se na maioria das vezes como igreja local. Por vezes, foi usada em minúsculo, trazendo, então, o sentido indefinido.

A estrutura da dissertação

A estrutura da dissertação é composta de três capítulos com conceitos distintos. O primeiro capítulo apresenta os conceitos teóricos da dissertação que dão base para a leitura das partes seguintes. A primeira conceituação é a do SER. Trata-se de um termo importante, porque tudo o que acontece na mutualidade, na manifestação da comunhão e no processo de salvação, acontece com o SER. Este SER é que se relaciona. É ele que se manifesta como sujeito da relação. Esta modifica o outro e o meio e, reciprocamente, através do outro e do meio, o SER é modificado.

A segunda conceituação trata da identidade e da identificação do SER. Estes são dois conceitos importantes na vida em comum em uma Igreja. Na relação entre sujeitos, duas coisas importantes acontecem. Em primeiro lugar, há fatores que unem os sujeitos e trazem a identificação entre eles. A comunicação só pode acontecer por meio da identificação, e a mutualidade só pode ocorrer por intermédio da comunicação. Entretanto, ao mesmo tempo em que há a identificação, existem também fatores que não se identificam. Poderíamos dizer que são fatores que desagregam. Estes são constituidores da identidade do ‘eu’. Aquilo com o qual o SER não se identifica em relação ao outro é o que exatamente marca a identidade, marca-lhe como SER único.

A terceira conceituação teórica é a definição de Salvação. Ao se falar sobre salvação, a maioria das pessoas pensa na justificação através do sacrifício vicário

de Cristo na cruz. No entanto, no decorrer da dissertação, o foco será colocado na salvação integral do SER. A compreensão desta é central para a compreensão da dissertação. O conceito de salvação é o conceito 'eixo' da pesquisa.

Somos marcados por um conceito salvacionista, isto é, a salvação é a libertação da ira de Deus e, por isso, somos salvos do inferno, reduzimos o conceito de salvação para esse formato somente. Entretanto, a Bíblia entende salvação de vários modos diferentes e que são importantíssimos para a Igreja e para a vivência dos cristãos. Neste capítulo, apresentaremos os diversos conceitos de salvação, os quais estarão sempre contidos quando for usada a palavra **salvação**.

O capítulo seguinte aborda as ideias do pertencimento comum. Este se apresenta por meio da mutualidade. Assim, a primeira parte do capítulo começa por demonstrar a importância da mutualidade, descrevendo, em seguida, o propósito da vida mútua, evidenciando, logo depois, quais são os problemas da atualidade que não permitem o bom desenvolvimento da mutualidade. A segunda parte do capítulo aborda a importância da comunhão. Iniciamos esta parte da dissertação definindo a comunhão e como esta se expressa. A comunhão da Igreja tem vários aspectos. Nesta pesquisa, destacamos os aspectos espirituais da comunhão da Igreja e seus resultados.

O terceiro capítulo apresenta, por sua vez, as três expressões da Mutualidade: o amor, a exortação e o perdão. A descrição da expressão do amor mútuo inicia dando os significados de amor a partir do texto e do contexto grego. Sem o amor, a Igreja não sobrevive, por isso que demonstramos a necessidade do amor. Essas qualidades de amor não são espontâneas no ser humano, é Deus que capacita o SER para que ele possa exercer tal amor. A seguir, apresentaremos o modo com esse amor deve ser expresso.

Ao demonstrarmos a exortação mútua, iniciamos com algumas considerações sobre a conceituação de Igreja usada no decorrer da divisão. Em seguida, como nas demais divisões, definimos exortação. Apresentamos, então, a grande necessidade que temos, nos dias atuais, da exortação mútua para o crescimento dos fiéis e da Igreja. Usando textos bíblicos que falam sobre a exortação, e utilizando a palavra grega *parakaleo*, apontamos alguns motivos pelos quais se deve exortar. Existem algumas diretrizes que devem ser seguidas por aquele que exorta, dentre as quais, a mais importante é a presença do Espírito Santo na exortação. Por fim, destacaremos os resultados da exortação mútua.

A última divisão é a do perdão mútuo. Da mesma forma, iniciamos com uma definição do que é perdão. A seguir, apresentamos uma análise da questão do perdão na Oração Dominical ensinada por Jesus. O perdão é um imperativo nos ensinamentos do Novo Testamento. Assim, demonstramos como deve ser esse perdão, porque é necessário cedê-lo e quais são as características pessoais de alguém que está disposto a perdoar.

E, para concluir, apresentamos as considerações finais.

1 BASES CONCEITUAIS

Este primeiro capítulo apresenta as bases conceituais da dissertação. No seu conteúdo serão desenvolvidos os atributos do ser humano, chegando à conclusão de que o significante SER é o que mais se aproxima do ser humano na sua integralidade. Discute também por quais meios o SER se constitui e de que maneira constrói sua identidade e identificação e como o SER se vê como indivíduo que se manifesta no social por meio dos sentimentos de pertença. Por fim, apresenta o conceito-base da dissertação que é a salvação. Esta não é somente identificada como a justificação, conceito proveniente das teologias sistemáticas, mas a salvação dentro dos conceitos das Escrituras tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

1.1 Definição de SER

O Ser Humano não é só biológico/fisiológico é também psique e espírito. O Ser Humano, segundo a teoria de Jung, possui o *self* e o inconsciente⁶ e, segundo a teoria de Freud, tem um inconsciente.⁷ Esse conjunto de categorias forma uma unidade que denominamos de SER.

A forma ou o meio que se utilizará para o desenvolvimento desta dissertação é olhar o *ser humano* de uma perspectiva da sua globalidade. Ele será contemplado em sua totalidade, tendo como fator integrante a própria psique e considerando a sua consciência, conforme Vygotsky.⁸ Também o veremos como espírito segundo a concepção de Victor Frankl.⁹ O *self* e o inconsciente serão considerados como fatores integrantes, formando um todo. Este, como já foi apontado, denominaremos de SER.

Quando se ouve, em qualquer momento comunicativo, a expressão **homem** (ser humano), o que se entende? Qual é a ideia que vem à consciência? Cada um responderá de acordo com o instante que vive, conforme aponta Vygotsky. Responderá conforme a concepção que tem em sua mente e que, na maioria das

⁶ REBER, Arthur. *Dictionary of Psychology*. London: Penguin Books, 1985. p. 676;

MONBOURQUETTE, Jean. *Da Auto-Estima à Individuação*. São Paulo: Paulinas, 2008. p.101ss.

⁷ FREUD, Sigmund. *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v 3.

⁸ VYGOTSKY, Liev S. *A Formação Social da Mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 42.

⁹ FRANKL, Viktor E. *A Psicoterapia na Prática*. Campinas: Papirus, 1991. p.190.

vezes, contempla apenas um aspecto do Ser Humano, usando de um reducionismo. Na maioria das vezes, nas relações do cotidiano, só se contempla o SER da forma que se manifesta: o Ser-Como-Sujeito.

Ao se falar em símbolos linguísticos como pessoa, indivíduo, personalidade, identidade, SER, Sujeito, Ser-Em-Si, Ser-Si-Mesmo e outros tantos vocábulos que designam o Ser Humano. Quais são as ideias implícitas em cada um dos termos acima usados? Qual deles se demonstra mais fiel para que possamos nos reportar ao ser humano na sua individualidade ou exclusividade? Qual deles determina da melhor forma a plenitude do homem como “uno”, na sua plenitude ou na sua integralidade?

1.1.1 O Ser Humano como um SER integral

No desenvolvimento desta dissertação, queremos definir, antes de tudo, o significado do Ser Humano como Indivíduo, como Pessoa, esse homem criado à imagem de Deus

que significa que o homem é como Deus nos seguintes aspectos: capacidade intelectual, pureza moral, natureza espiritual, domínio sobre a terra, criatividade, capacidade de tomar decisões éticas e imortalidade [ou alguma declaração equivalente].¹⁰

E é dotado de um corpo que expressa sentimentos e emoções. Ao discutir a psicologia de Paulo, Ladd escreve:

A visão hebraica de homem é bem diferente da grega. Nela não há nenhum traço de dualismo. A palavra que designa corpo (*gewiyyâ*) ocorre apenas quatorze vezes no Antigo Testamento e nunca está em contraste com a alma (*nepês*).¹¹

O Ser Humano é um ser indivisível. Lutero afirmava que em todos os atos do Ser Humano participa a pessoa no seu todo. Para ele, essa visão era a visão bíblica, especialmente a de Paulo. Ele faz valer a perspectiva das Escrituras contra as tradições filosóficas gregas. Para Lutero, o ser humano é totalmente carnal e neste SER carnal estão o Espírito, a razão, o coração, os sentimentos, a sensualidade, etc.¹²

¹⁰ GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática. Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 365.

¹¹ LADD, George Elton. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 626.

¹² BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca da Identidade: Contribuição para uma antropologia Teológica*. São Leopoldo; Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 110.

Lutero rompe convenções em sua época pela afirmação da integralidade do ser humano. Substitui a visão antropológica hierárquica por uma visão dialética. Importante não é como o ser humano está “constituído”, de que partes se compõe, mas, sim, como existe. *O pensamento de Lutero é antes “histórico” do que “ontológico”*. É por isso que se falou em “antropologia narrativa” em Lutero.¹³

Tem-se, assim, a visão do Ser Humano de uma forma diferenciada que busca contemplá-lo integralmente, sem tentar dividi-lo para realizar o seu estudo. Com isso, procuramos definir um termo que nos ajude a contemplá-lo no decorrer desta dissertação.

Dentre todos os vocábulos que definem o Ser Humano, destacaremos a denominação SER. Essa expressão vem da filosofia clássica, originariamente, da forma verbal grega “to on”, mas que os antigos filósofos substantivaram¹⁴ e, mais tarde, foram seguidos pelos latinos. Seguindo esse caminho, usaremos no decurso da dissertação a substantivação da forma verbal com letras maiúsculas: o SER.

Conforme a Filosofia, a expressão SER contém a essência de todas as substâncias que definem, em primeiro lugar, o Ser Humano como **homem**, como pessoa suficiente em si, capaz de definir a sua identidade para a sua existência. Coloca-o como continente da existência e denota como real e verdadeiro o que existe como conteúdo do mesmo. O termo SER define a sua univocidade.

Os horizontes do conceito SER compreendem o indivíduo/ser humano na sua totalidade e a sua organização dinâmica física, mental, psíquica, moral, social e espiritual, o seu *self* e o seu inconsciente, qualificando-o como SER único. Ao designar o homem como SER, declara-se que ele “tem o seu lugar” único, em sua integralidade.

A designação SER seria, assim, o símbolo linguístico mais adequado para se identificar o Ser Humano. Como SER, o homem se manifesta através de aspectos do seu todo e as suas componentes requeridas pela objetivação.¹⁵

¹³ BRAKEMEIER, 2005, p. 111.

¹⁴ MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. 5. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1971. v.2. p. 652ss.

¹⁵ ADORNO, Theodor W. *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1975. p. 88.

Em cada manifestação do SER fica implícita a sua história de vida, com todas as funções, capacidades, aspectos, cosmovisão, pensamentos e categorias. No entanto, cada uma delas está em função sintetizante com o que se apresenta.

1.1.2 A Manifestação do SER

Sua manifestação concreta sempre se dará como Sujeito; se expressará sempre em um determinado papel diante da sociedade. É impossível ao SER expressar-se no seu todo, pois nem mesmo o seu 'eu' se conhece na sua integralidade. Sua objetividade será sempre de seu 'eu' como Sujeito mesmo diante de si. Será assim também diante da história, de seus pares e diante de Deus. É na objetivação que manifestará a sua identidade, podendo ser visto, vivido, conhecido e, ao mesmo tempo, conhecer, apreender e aprender.

Esse SER se apresenta como sujeito *eidético*, que se manifesta na história, que vive e convive com seus pares. Mostra-se como objeto acessível e fenomenológico. Para realmente ser e constituir-se como SER, terá de manifestar-se como tal no movimento histórico, precisará estar sempre inserido e interagindo com o seu mundo exterior composto pelo “mundo das coisas” e o “mundo dos outros”.

É nestes mundos que o SER manifesta a sua condição da liberdade e simultaneamente o princípio do determinismo. A vontade existe até onde os homens se objetivam como caráter. Deste modo se convertem frente a sua própria expressão de SER – prescindindo do que ele seja – em algo externo, segundo o modelo do mundo das coisas, exterior e sujeito às casualidades.¹⁶

Viver verdadeiramente é manifestar a capacidade de síntese alma/corpo/espírito,¹⁷ que abre as possibilidades de evidenciar-se Ser-Como-Sujeito com as qualidades adquiridas através dos saltos qualitativos do apreender e do aprender. Esses saltos fazem com que as verdades se tornem partes presentes e integrantes do SER. Este, ao manifestar-se, expressa as suas possibilidades, aptidões e suas capacidades, isto é, todo o potencial da subjetividade se inter-relaciona com as manifestações exteriores: Aí se expressa Ser-Como-Sujeito. Então será possível a percepção, o estudo e a reflexão. A verdadeira vida se constitui da capacidade dialética entre as virtudes do espírito e as relações com o “mundo dos outros” e o “mundo das coisas”.¹⁸ A liberdade de manifestação é que produz o processo de crescimento e as mudanças do SER.

O SER é tudo o que está implicado e imbricado com o Indivíduo/Pessoa constituindo esse complexo infinito de fatores determinantes dentro de si. As

¹⁶ ADORNO, 1975, p. 216.

¹⁷ LADD, 2003, p.625-649.

¹⁸ KIERKEGAARD, Sören. *O Conceito de Angústia*. Lisboa: Editorial Presença, 1972. p. 146.

experiências acontecem a este SER, e ele possui, pelo menos, um mínimo de liberdade, não importa quanto, para tornar-se consciente de que as forças das experiências estão agindo sobre ele. Essa capacidade de ser indica que o SER como Indivíduo/Pessoa é aquele que se manifesta como Sujeito que ***ali se encontra presente***. É ter consciência de ser e saber que consegue ser consciente e, portanto, responsável por sua própria existência; ele existe em si próprio e também existe para si próprio. Seu sentimento de SER não é somente a sua capacidade de perceber o mundo exterior, de medi-lo, de avaliar a realidade. Ele é muito mais. Tem a capacidade de ver a si próprio como um SER no mundo, perceber-se em seu mundo interior. Discernir as suas coisas e conferi-las (1 Co 2.11). É capaz de conhecer-se a si mesmo como o SER-Sujeito, que não é uma nomada, mas que é capaz de ter comunhão com Deus¹⁹ e relacionar-se com os outros que são seus pares²⁰ e de relacionar-se consigo mesmo.

1.1.3 O SER como criação de Deus

Do ponto de vista bíblico, uma pergunta levantada por Davi em um de seus Salmos foi:

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, ***que é o homem, que dele te lembres E o filho do homem para que o visites?***

Fizeste-o, no entanto, um pouco menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. (Sl 8. 3-5.) (Grifo nosso).

Entre todas as criaturas alistadas no Salmo, é somente o homem que pode contemplar o cenário criado por Deus com conhecimento suficiente para fazer tal pergunta. Ele também é o único que tem a liberdade de chamar a Deus de "TU" e, com isso, ter abertas todas as condições, tanto da parte de Deus como da sua parte para o exercício da comunhão e da oração com o próprio Deus.

A situação do homem, narrada no salmo, não é assumida por causa do homem. O motivo central é Deus. É ele que atribui ao homem as condições humanas e ele faz isso por decreto divino. Deus deu ao homem a sua imagem e

¹⁹ BRUCE, F. F. (Ed. Ger.). *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2009. p. 157.

²⁰ ELLICOTT, Charles John. *Ellicott's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1976. p. 10; MOODY, Dale. Romanos. In: ALLEN, Clifton J. (Ed. Ger.) *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Juerp, 1984. p. 296.

semelhança (Gn 1.26,27). No Éden, Deus deu o domínio das coisas da terra ao homem e, mesmo depois da queda, por causa do pecado, por sua glória e honra continua a governá-la. A glória e a honra, que são atributos de Deus, são estendidas a o homem por causa do amor paterno e do cuidado para com a humanidade mesmo em seu estado de pecado (Rm 5.8). A dignidade humana é um dom de Deus e requer dele um relacionamento de responsabilidade e de louvor a esse bom Criador em sua plena participação com os homens.²¹ Esse Deus não é um Deus distante.

Da parte dele, Deus mostra em Is 40.26ss que a inferência certa a tirar da ordem que há nos céus não é que ele é remoto, mas que ele cuida de todo pormenor. Acrescenta em Is 45.18; 51.16 que o universo que planejou não é destituído de significado e vazio: é um lar para a sua família.²²

Deus se apresenta ao homem de forma misericordiosa e cheio de graça, dá-lhe posição de honra diante de toda a criação. A resposta que esse homem deve dar a Deus é a de governar a terra com todo zelo e cuidado, o que lhe foi deixado como tarefa. Deve procurar manter a ordem em todas as coisas, fazer brilhar a sua luz de glória e de honra e guardar relacionamentos de saudáveis com todos.

Diante do exposto, temos uma nova característica do Ser Humano. Ele é criado por Deus finito enquanto na terra e, infinito quanto à sua espiritualidade e ao seu relacionamento com o Criador. A conversão torna esses relacionamentos mais eficazes, pois traz experiência que vai além do entendimento, promovendo a paz da alma e a paz social provenientes de uma harmonia espiritual com Deus.

Todas essas potencialidades e esses relacionamentos se manifestam diante da objetivação do SER que se apresenta, então, no instante, SER-COMO-SUJEITO apto para conhecer-se a si mesmo e aquilo que está ocorrendo.²³ Esta pesquisa tem como objetivo apontar que, na mutualidade, isto é, que nos relacionamentos nos quais o SER se apresenta, há a possibilidade de cura de males da ordem espiritual, psíquica, física e social.

²¹ VANGEMEREN, Willem A. Psalms. In: GAEBELEIN F. E. (ed). *The Expositor's Bible Commentary*. Vol. 5. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976. p. 112-113.

²² KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 83.

²³ MAY, Rollo. *A Arte do Aconselhamento Psicológico*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-114.

1.1.4 A Igreja como vínculo social do SER

Um grupo social no qual o relacionamento e o vínculo entre os SERES são fortes, é a Igreja. Esta é formada por aqueles que Deus chamou para fora deste 'mundo' (Jo 17.16). Os que foram chamados têm consciência que formam um novo grupo, unidos por uma mesma fé vivificante e que são chamados para uma nova vida com um estilo muito diferente do estado anterior. As bem-aventuranças são prova dessa verdade (Mt 5.1-11). A eles, Deus deu a promessa de poder que capacitaria a todos. Esse poder se manifesta de forma mais veemente e clara por meio dos dons e serviços. O Espírito Santo dá habilidades a todos os fiéis, com os quais devem servir uns aos outros.

Aos que pertencem à Igreja, o Novo Testamento designa-os como família da fé (Gl 6.10) e família de Deus (Ef 2.19). Seus membros são filhos, irmãos de Jesus Cristo (Rm 8.15-17). O apóstolo João designa que os membros de uma Igreja são irmãos entre si. Ele escreve à Igreja que os filhos de Deus são manifestos por meio da prática da justiça e do amor para com seus irmãos (1 Jo 3.10). Em outro texto ele afirma:

Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus [*nossos irmãos*]: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos. Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos... [Jo 5.3]

Amar o irmão com amor *agapô* é cumprir a lei de Cristo, que se resume como ele mesmo disse: "Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo". (Mc 12.30,31).

No decorrer da dissertação, o tema central é a salvação, que é proveniente das relações entre os membros da Igreja, irmãos em Jesus Cristo, membros da família de Deus. Assim, o SER é membro da Igreja que não se manifesta só do ponto de vista espiritual ou de forma mística, mas que é um como SER, integral e que se manifesta nas inter-relações como Sujeito. Nessas manifestações, o SER está presente na sua íntegra. É nelas que ocorre a cura espiritual, psíquica, emocional, física e social que transforma o mais profundo do SER.

1.2 A Construção da Identidade e da Identificação

O processo da constituição do SER se dá através das relações sociais. É a partir das primeiras relações que ele começa a criar pensamentos sobre os quais firmará os conceitos sobre si, os outros e as coisas. Ao adquirir a linguagem, discerne os conceitos e começa a firmar valores sobre a sua pessoa. A partir deste momento, as relações sociais são modificadoras. Por meio da atuação do SER, o outro e o contorno²⁴ são modificados. Ele próprio é modificado pela interação com o outro e com o meio. Assim acontecem as relações intersubjetivas. É nessas relações psicossociais que ele é impactado e se transforma nas dimensões do conhecimento, da ética, da moral e da afetividade. É nessas relações do cotidiano que o SER exerce o seu estar-no-mundo e se relaciona com cada um dos objetos e com a cultura. Dessa forma, o SER se constitui uma unidade e responderá com suas características individuais, de modo particular, aos relacionamentos sociais, à sociedade e à cultura.

No processo da constituição e construção da sua identidade, o SER se estrutura de tal forma que lhe possibilita a sua identificação como pessoa e como Ser-No-Mundo. “Todas as nossas relações com os outros estão fundamentadas no interjogo de assumir e adjudicar papéis”.²⁵ O SER percebe-se capaz de relacionar-se diante do cotidiano com todas as pessoas e coisas do seu meio ambiente. Isso é possível mediante a sua identidade.

1.2.1 Os relacionamentos do Ser e o teorema de Heidegger

Ao se observar os conceitos de Heidegger²⁶, o SER só pode ver-se como pessoa se alcançar, em primeiro lugar, o seu conceito de identidade e, em segundo lugar, a sua identificação com o social. Para tanto, é preciso que possa pensar em si mesmo a respeito das coisas concernentes *a si-próprio*, e pensar em *si* na relação com o *outro*. Demonstraremos isso por meio de um teorema que denominamos de Teorema de Heidegger.

²⁴ Na atuação do SER, ele se expressa Ser-Como-Sujeito exercendo um determinado papel diante do ‘mundo dos outros’ e diante do ‘mundo das coisas’. É diante deste ‘mundo das coisas’ e o ‘mundo dos outros’ que se dá o contorno da manifestação do SER.

²⁵ PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do Vínculo*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 68.

²⁶ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

Dentro da conceituação de SER definidas por Heidegger, encontramos algumas expressões que são imprescindíveis para poder entender o SER e as suas manifestações. A capacidade do Ser-Como-Sujeito de perceber-se a si mesmo, segundo o teorema de Heidegger, que será apresentado logo a seguir, temos as seguintes premissas:

- Em primeiro lugar, o SER necessariamente terá de ter consciência de 'ser' – *SEIN*. Sem essa consciência, nada acontecerá. Ele não terá a capacidade de perceber-se nem de manifestar a sua identidade.
- Em segundo lugar, tendo consciência de ser, poderá ter consciência de 'ser lá'. Nessa segunda premissa, o SER se localiza. Para ter consciência do *DASEIN* é preciso que o SER desenvolva a capacidade de ver-se na ação. Ver-se sendo lá (em algum lugar).
- Em terceiro lugar, somente através da capacidade da percepção do *DASEIN*, do 'sendo lá' é que O SER pode declarar que está 'em algum lugar com alguém' que é o *MITDASEIN*. Isso significa ter a capacidade de perceber-se Ser-Como-Sujeito diante do 'outro': JUNTOS LÁ.
- Em quarto lugar, tendo a percepção de estar junto com o 'outro' lá, é que o SER pode alcançar o *MITSEIN*. Nessa situação, o SER e o 'outro' estão implicados na comunicação. Manifestam comunhão entre si, uma ação em conjunto.

Assim, Heidegger deixa claro que sua compreensão é a de que não se pode analisar o **outro** pensando nele como um **Ser-Si-Mesmo**. Sua afirmativa é que o inverso é verdadeiro. Eu só posso analisar o outro diante daquilo que me é dado por ele, isto é, na manifestação do outro na forma de Ser-Como-Sujeito.

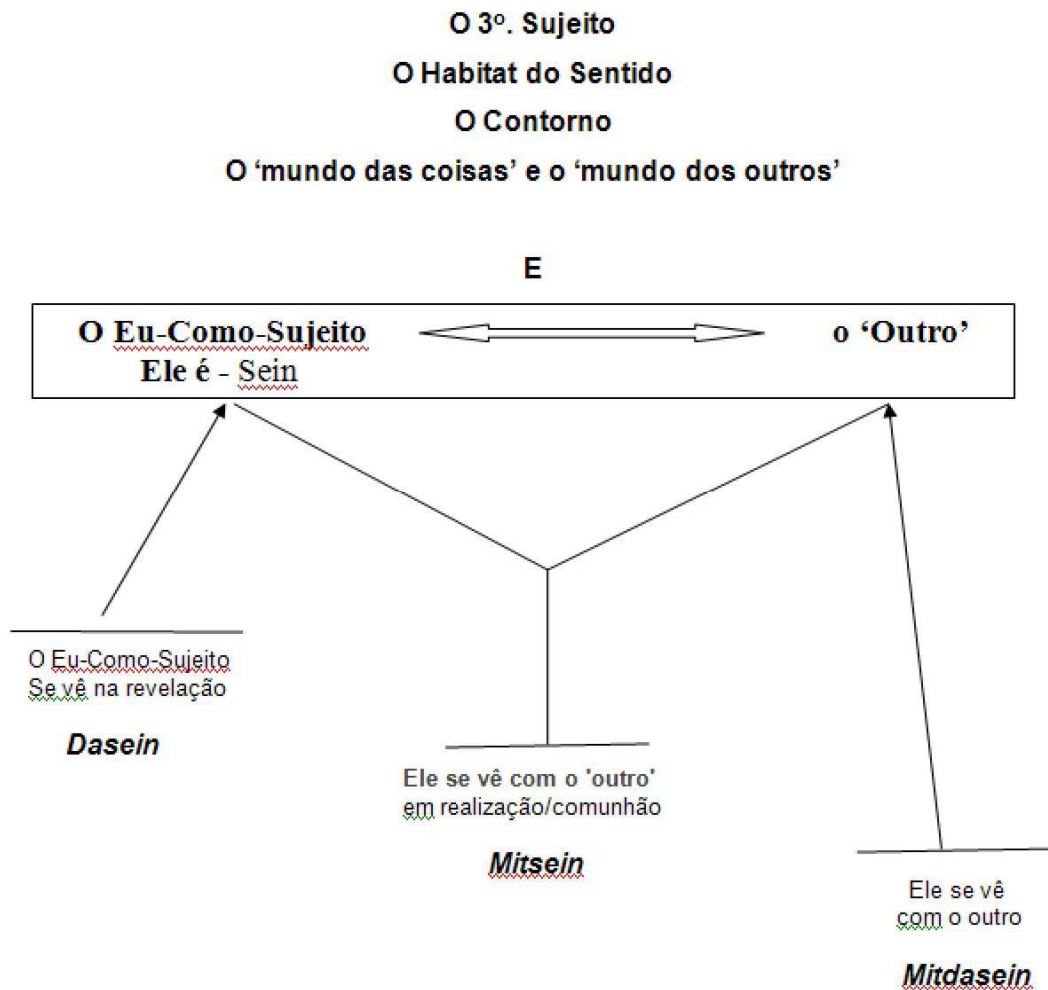
O SER analisa o outro e se manifesta na relação na forma de Ser-Como-Sujeito. Dessa forma, tem possibilidades de analisar o **Outro**, e, por meio dessa análise, adquire informações para a sua identificação e identidade, informações estas que lhe dão qualidades de alcançar a análise de **Si-Mesmo**. A análise de **Si-Mesmo** sempre há de passar pela análise do **Outro**. Em sentido semelhante à análise do **Ser-si-Mesmo**, inclui seu **Estar-no-Mundo**.

Assim temos o seguinte gráfico:

O ATO-EM-SI

Que é um novo fato histórico no processo de vida.

Nele se objetivam e se envolvem:



O teorema de Heidegger aponta que é no **Mitsein** que o SER se comunica. É aí que ele se constrói e se constitui e, simultaneamente, constrói e constitui o outro. Isso se dá por meio da dialética entre o 'mundo interior' e o 'mundo das coisas' e o 'mundo dos outros' criando o novo.

O SER, para identificar-se como tal, não pode prescindir das regulações externas, pois são elas que lhe dão os *pensamentos* para *serem pensados*. Se, porventura, não tem os conteúdos mentais, não tem possibilidades de interagir de modo significativo diante de uma situação ou de uma comunidade comunicativa,

uma vez que não possui ainda as informações que lhe dão condições para desenvolver os instrumentos e os mecanismos para a sua autorregulação para a capacidade de comunicação. Esses instrumentos e mecanismos são processualmente adquiridos através da sua constituição e construção. Isso se dá por meio dos processos sociais, das relações e ações partilhadas e/ou mediadas.

O SER não pode se constituir como tal, se não através da sua presença manifesta como Sujeito nos contextos sociais. Ao ser, ou estar para, seja o que for, apresentar-se-á Ser-Como-Sujeito.²⁷ O SER se constitui através da ação partilhada entre os Sujeitos implicados na relação, que, pelo processo da interação e da intersubjetivação estabelecem as relações de constituição e construção. O espaço da interação é o contexto em que se dá essa constituição.

O SER está sempre sendo constituído. Ele se constitui por intermédio dos diversos relacionamentos com seus pares e, a partir destes, ocorre seu desenvolvimento e a aquisição dos conhecimentos, valores e conceitos éticos, da moral e sua compreensão de mundo. Mediante essa construção, manifestar-se-á no cotidiano.

Pelo ministério da alteridade, do outro que me provoca a ser: esse tema da alteridade está no centro do debate da identidade, da construção da identidade porque esta não se acha totalmente dada (como existência), mas está para ser feita.²⁸

Assim, as configurações do SER são constituídas e construídas através dos relacionamentos sociais e mediadas por meio das configurações do 'outro'. Os Sujeitos implicados no processo dinâmico, acima detalhado, apresentam-se através da *Intersubjetividade*. Entende-se, assim, que a intersubjetividade se apresenta como o alicerce da comunidade comunicativa, formando as bases da constituição e da construção do SER. A intersubjetividade se dá sempre na interlocução dos Sujeitos que se encontram na comunidade comunicativa, centro do encontro de uns com os outros.

²⁷ CRABB, Larry. *Como Compreender as Pessoas: Fundamentos Bíblicos e Psicológicos para Desenvolver Relacionamentos Saudáveis*. São Paulo: Vida, 2001. p. 113ss.

²⁸ GESCHÉ, Adolphe. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 45.

1.2.2 A Constituição da Identidade

O SER vive um processo contínuo da sua constituição e construção da Identidade. Por meio dessa Identidade, ele se identifica como pessoa e como Ser-no-Mundo e se percebe nas relações com o outro.

O homem está sempre à procura de sua identidade, busca uma resposta à pergunta: “Quem sou eu?”. Quer encontrar um sentido para a vida e é pela alteridade, na relação com o outro, que poderá encontrá-lo. Moisés viveu esse grande dilema no episódio narrado em Ex 3.1-15. “Qual é o teu nome?”, “Quem és tu?” que pede que me entregue. A pergunta: “Quem és tu” interroga tanto sobre Deus como sobre o futuro de quem indaga, pois a questão é: no que me tornarei quando tiver Deus diante de mim e me relacionar com ele.²⁹

A Identidade é o conjunto de características, de valores e de qualidades que são exclusivas a um determinado SER e que dão a ele a individualidade. Estas fazem dele um ser único. O SER levará essa Identidade para onde quer que vá e sempre a resgatará ao pensar em si mesmo.

Todos nós temos um sentimento de identidade, isto é, a sensação subjetiva de que algo subjaz aos diversos momentos de nossa existência e os tornam partes da *mesma* vida, a cada um de nós. Este sentimento de identidade está associado a fenômenos como o da *continuidade*, (hoje e ontem, sou o mesmo, embora esteja em outro lugar e esteja vivendo coisas diferentes), e como o da sensação de ter *limites* (por exemplo, limites do meu corpo: sei intuitivamente onde começo e onde termino e me sinto inteiro dentro dos limites da minha pele).³⁰

Essa identidade se constrói através das características que os grupos sociais atribuem ao SER desde os primeiros dias de vida. Ele aceitará todas as atribuições como verdades, principalmente as de seus pais, até formar juízo crítico e de valor. A partir desse juízo, terá um filtro dos conceitos a ele apresentados. Saberá discernir o que deve ou não atender. Seu desenvolvimento, que será uma constante em seu processo de vida, dar-se-á na dialética entre ele e os relacionamentos sociais. Para que o relacionamento possa ocorrer, é necessário também que haja a identificação, isto é, que exista um campo de inter-relação entre os sujeitos que se encontram.

²⁹ GESCHÉ, 2005, p. 45.

³⁰ MEZAN, Renato. *Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 53.

1.2.3 O Sentimento de Identificação e Pertença

Assim como o SER desenvolve por meio dos convívios sociais a sua percepção de Identidade, de suas características exclusivas e individuais, também agrega em seu conteúdo mental conceitos de pertença. Os primeiros conceitos de pertença que o SER desenvolve são os de pertencimento com os pais. A criança ainda muito pequena, em primeira instância, se identifica com a mãe, depois com o pai e, em seguida com os irmãos, caso os tenha. Posteriormente, com a família ampliada e depois com os demais grupos sociais. O SER, por intermédio da identificação, sempre saberá em quais grupos de pertença ele faz parte.

Dessa forma, será na dialética entre a Identidade e a Identificação que o SER se modifica e se desenvolve e, ao mesmo tempo, é fator modificador dos outros e do contexto social. A identidade e a identificação³¹ lhe trazem a concepção de mundo, a concepção de valores, representações, crenças, e todo processo dinâmico do viver e, principalmente, a concepção de SER.

O SER não se constitui por si mesmo. Sua identidade é constituída e construída, e, estas passam necessariamente pelo “o outro”. Estas se dão no tempo e no espaço da ação; temporalidade e espacialidade, conforme os conceitos de Kierkegaard. É nessa temporalidade e espacialidade que a ação se dá e é partilhada pelos Sujeitos implicados, que, pelo processo da interação e da intersubjetivação estabelecem as relações de constituição e construção dos mesmos.

1.2.4 O ‘contorno’ e os relacionamentos do SER

Segundo Ortega y Gasset, o SER está sempre envolvido em seu “contorno” e, por isso, apresenta-se Ser-Como-Sujeito. Esse contorno pode ser compreendido como o meio-circundante³². O contorno é todo este contexto que se apresenta como a Realidade Geral – a qual o Indivíduo, o Ser-Como-Sujeito, pertence por nascimento e socialização. Nesta, surge a comunidade do gênero humano, a qual não tem limites temporais nem espaciais. Este contexto, no qual o SER é inserido, resulta como o último interprete e/ou interpretante, que se interpreta a si mesmo em autorreflexão humana e que enuncia o seu conhecimento em linguagem ordinária,

³¹ Para compreensão maior da Identidade e Identificação, ler MEZAN, 1995, p. 52ss.

³² ORTEGA Y GASSET, José. *O Homem e a Gente*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1960. p. 99ss.

própria à comunidade cotidiana e acessível a todos os seus participantes. Essa realidade é apresentada ao SER apontando **assim-como-as-coisas-são**. Recebe-se, sente-se, vive-se de maneira imediata, de maneira impensada. São do cosmos do **assim-como-as-coisas-são**. Conseqüentemente, ela dá a todos os Sujeitos implicados sua cosmovisão. Esse cosmos, por si só, tem sentido e está repleto de subentendidos e de sobre-entendidos.

É nesse contorno que o SER se apresenta como Sujeito e é por meio da intersubjetividade dos sujeitos implicados na fala que se dá a comunicação. Porém, diante dos Sujeitos implicados na comunicação, existe este conteúdo, que é vital, e que está “entre” eles, denominado de contorno. A comunicação é sempre feita através símbolos e/ou signos com significados e/ou sentidos que se processam dinamicamente. Ora, se se pensar a quem pertence a comunicação, a quem pode-se-ia atribuir-lhe o pertencimento?

Em verdade, a comunicação não pertence a ninguém, porém protagoniza a todos os que estão implicados nela, visto que os conteúdos comunicativos estão contidos neste primeiro ator da comunicação que é o contorno com o seu “mundo das coisas” e o “mundo dos outros”. Assim que os sujeitos se manifestam, o contorno já tem marcada sua presença como protagonista do processo comunicativo sendo impossível quantificá-lo, mas impecavelmente real. Ele se manifesta autônomo, porque não depende de elementos externos para sua existência, mas tem a capacidade de se autogerar e de se recriar por meio da própria comunicação entre os Sujeitos. Seus participantes encontram-no pleno e/ou preenchido, cumulado de conteúdos e significados para a compreensão do que está sendo comunicado.

Para que haja um processo de comunicação, é necessário que o SER se envolva tornando-se presente na realidade objetiva dos mais diferentes grupos sociais de seu dia a dia. Cada um desses grupos forma uma comunidade comunicativa que faz parte do contorno, na qual o SER se manifesta o **Sujeito Social**. Dessa forma, apresentando-se como sujeito, não se mostra suspenso no ar, mas se apresenta a outro semelhante a ele, também **Sujeito Social**. O que permite a comunicação entre ambos é o meio-circundante ou contorno, que é todo um amplo contexto comum aos sujeitos da relação. Acontecendo a comunicação tem-se, então, instaurado o processo **intersubjetivo**.³³ Quando o indivíduo se manifesta no

³³ Os encontros entre Sujeitos só são possíveis através da objetivação do SER como Sujeito. Apresentam-se no encontro com a sua subjetividade. No entanto, a subjetividade do Ser é

social, não se apresenta somente como sujeito. Ainda que o SER não se dê a conhecer, é o SER como um todo que se dá para a relação intersubjetiva. As modificações que acontecerão não se darão no papel que o SER expressa, no Ser-Como-Sujeito, mas atingirão o SER como um todo.

Esses conceitos mostram a grande importância de se estudar e de se recomendar a mutualidade para a Igreja, pois esta é sempre um processo intersubjetivo e, assim, um processo modificador do SER de grande valia.

Nesse processo, todo o contorno é importante, pois nele está contido o habitat do sentido. Há uma linguagem pela qual os sujeitos se comunicam, e esta se localiza no contorno e é quem dá o significado ao processo comunicativo e a compreensão do que se fala. O habitat do sentido se manifesta, em primeiro lugar, como autônomo e não depende de elementos exteriores para sua existência, mas tem a capacidade de se autogerenciar; isto é, novas palavras e novos sentidos são agrupados ao seu conteúdo sem que alguém o ordene. Ele é autossuficiente, cria e consome os seus próprios símbolos e significados a partir de suas próprias interpretações. Dessa forma, os que participam de uma comunidade de sentido, tal como uma tribo indígena, encontram suas vidas plenamente preenchidas e cumuladas de significados para o viver social. As vidas dos implicados aparecem plenas de conteúdo e significados, de tal forma que, para sua compreensão, não se requer nada mais e não é necessária a existência de algo mais.

Em segundo lugar, o habitat do sentido manifesta-se também anônimo. Revela-se pertencente a uma determinada grupalidade, e seus participantes podem ingressar e se comunicar nela, sem aviso prévio nem permissão, mas somente pelo fato de serem competentes no manejo dos símbolos correspondentes.³⁴ Esse habitat do sentido, no qual os Sujeitos implicados em um diálogo possuem um conteúdo comum, que é subjacente na comunicação. São conceitos, assertivas, valores, juízos, conteúdos cognitivos, que estão subentendidos no diálogo. É esta atmosfera que trará a possibilidade de exposição do pensamento, o sentido de interioridade,

categoria da interioridade do SER. O que se tem nos encontros entre Sujeitos é a manifestação do SER-Como-Sujeito, que traz para a objetivação aspectos da sua subjetividade, seu modo de pensar, sua maneira de agir, suas aspirações, as suas categorias subjetivas. O outro Sujeito da relação se manifesta da mesma forma. Assim se tem um encontro das manifestações de subjetividades dando-se a **Intersubjetividade**. Essa intersubjetividade se manifesta no contorno, no 'terceiro sujeito' da relação que dá o sentido da comunicação. Assim, a leitura das coisas objetivadas será mediada pelas categorias ou fatores subjetivos. Dessa forma, o próprio ouvir ou ver o 'outro' sempre será executado pela **Intersubjetividade**.

³⁴ Falar uma determinada língua ou dialeto. O chinês, por exemplo.

isto é, a subjetividade e os seus caminhos que engendram a assimilação de um determinado acontecimento.

1.2.5 A relação do SER e o processo de sua constituição pelo poder da salvação

A constituição e construção do SER é um processo intersubjetivo, dinâmico e sempre renovado e renovável a cada instante pelo viver cotidiano. É por essa razão que o Apóstolo Paulo declara que, para os cristãos que vivem uma vida cristã sadia, não há empecilhos para a comunhão. Não há empecilhos para o exercício da mutualidade.

Quem nos separará do amor de Cristo? Será atribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?
 Como está escrito:
 Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.
 Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou (Rm 8.34-37).

Os obstáculos do cotidiano não são uma ameaça, são oportunidades da grande prova do amor de Deus diante das circunstâncias de um universo caído, longe de os salvos serem vítimas das circunstâncias. Eles são firmes em Cristo, cujo amor é mais forte que a morte e, com ele, recebem a vitória e caminham em crescimento e fortalecimento na fé a cada novo evento de prova³⁵. A recomendação de Paulo é: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Rm 12.2). E ainda:

Se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus, no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade (Ef 4. 21-24).

É possível renovar a mente e despojar-se do velho homem. A renovação do espírito do entendimento e o revestimento do novo homem através do processo da intersubjetividade, da construção do outro e de si, por meio dos relacionamentos sociais, são igualmente possíveis.

Diante de tais condições, a percepção do desenvolvimento em busca da emancipação é sensível, e o SER manifesta-se compromissado, mas não vinculado.

³⁵ BRUCE, 2009, p.1847.

Está livre para apresentar-se ao mundo, ao contexto das sociedades, nas quais se objetiva, livre para exercer a sua capacidade e potencialidade para viver a sua vida, expressando por intermédio das sínteses a sua busca constante de emancipação. Está livre para a expressão do seu viver em constituição e construção.

O que foi aprendido e apreendido na relação, por meio da intersubjetividade dos Sujeitos implicados nas relações mútuas, passa a ser agora, uma vez assimilado individualmente, parte integrante de cada um. Na relação está também implicada a comunicação. Assim, é importante que se defina o que é comunicação. A comunicação é o processo vivo através do qual se integram os seres humanos em seus distintos sistemas de relações. É por meio da comunicação e da fala que o Ser se objetiva nos relacionamentos sociais.

A comunicação inevitavelmente depende da ação e/ou da operacionalização da intersubjetividade. Essa é uma aptidão e uma possibilidade do SER, apossar-se das ideias e dos conceitos e transformá-los em signos e símbolos, com as condições de compreensão dados pela comunidade comunicativa. A comunicação é o processo que integra os indivíduos em seus distintos sistemas de relações. Esse processo tem início na mente do SER (existência ideal) e culmina na construção objetiva (existência manifesta), isto é, em sua expressão como Sujeito.

A comunicação é sempre um *dialogar*. O dialogar tem significado existencial e está sempre implicado ao problema filosófico **do outro**, de ver **o outro**. Exige o “Eu” e o “Tu”; é o encontrar-se **recíproco**. Diálogo (*dia-logos*) etimologicamente tem o significado de *através da palavra, da palavra com vida*.³⁶

É no contexto das relações que o SER manifesta o conjunto de suas atividades e cria a possibilidade da comunicação, apresentando-se com possibilidades e competência, isto é, capacidade de expressar o seu Ser e, assim, apresenta-se “aberto” para as novas experiências do viver. É neste contexto que se apresenta, apto, capacitado e com possibilidades do engendramento do conhecimento e, por conseguinte, se constituir e se construir.

O SER, por si só, não se constitui nem evolui. Tentar fazê-lo é naufragar na tautologia. A alteridade é fator básico na constituição da identidade – naquilo que o SER identifica como seu e na compreensão de quem ele é. A alteridade é fator necessário para a identificação, pois permite ao SER perceber-se em comunhão. O

³⁶ Apresenta-se aqui o conceito de Logos à semelhança da filosofia e dos pensamentos da Grécia antiga. Vide: BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Librairie Hachette, 1950. p.1200-1201.

relacionamento – uns para com os outros – só é possível pela constituição da identidade e da identificação.

O outro (*alter, heteros*) não é o inimigo, o intruso, o *alienus*, que efetivamente e ao pé da letra me aliena. O outro, como mostraram Lévinas e Ricoeur, é exatamente aquele que, justo por sua alteridade, chama-me, convoca-me e assim me faz sair do enclausuramento em mim mesmo. Paradoxalmente a alteridade é parte constitutiva da identidade. Ninguém se constrói nem se compreende só diante de si próprio, na solidão.³⁷

É na mutualidade que somos chamados, interpelados e, por meio disso, reencontramos a ideia de nosso nome e de nossa nomeação, que nos traz à recordação o nosso SER. Somos chamados à existência e a nos posicionar face a face com o outro manifesto com identidade, como ser autônomo e em identificação no diálogo, fazendo ressoar, repercutir o conteúdo da fala e da escuta.

1.3 O Conceito de Salvação

O Novo Testamento traz vários conceitos de salvação. O mais comum é aquele tomado como sinônimo de justificação. Por essa definição, a salvação se dá quando acontece o novo nascimento; a partir daí, quem exerceu fé em Jesus Cristo está salvo. Aquele que exerce fé passa por uma experiência de conversão e se apresenta salvo. Nesse sentido, J. Schneider diz:

Paulo usa a expressão salvação exclusivamente para expressar a ação salvífica de Deus. Por meio do anúncio do evangelho, a mensagem da graça salvífica de Deus chega aos homens. O evangelho opera a salvação (Ef 1.13). Ele é o poder de Deus que salva da ruína todo aquele que crê (Rm 1.16; cf. 1 Co 1.12). A doutrina da cruz é o poder de Deus para os que se salvam (1 Co 1.18). Em 1 Co 15.2 Paulo faz constar que os cristãos foram salvos pela graça de Deus³⁸

Um pouco mais adiante, J. Schneider³⁹ afirma, no mesmo texto, que 1 Pedro também faz alusão a uma salvação definitiva: uma vez salvos, os cristãos são preservados pelo poder de Deus mediante a fé. No decorrer das exposições, surge um conceito mais amplo e mais aberto de salvação. O autor define que salvação não é somente aquele ato pontilhar, isto é, uma ação exclusiva na história da vida do indivíduo, quando este exerce fé em Jesus Cristo como seu Salvador. Apesar de

³⁷ GESCHÉ, 2005, p.49.

³⁸ SCHNEIDER, J. Sôzô. In: BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983. v. 4. p. 117.

³⁹ SCHNEIDER, 1983, v. 4, p. 118.

termos a salvação no final dos tempos, receberemos algo que já está preparado para nós: a sua plenitude. Ele afirma: “Os cristãos crescem nesta salvação assimilando o alimento espiritual que recebem através da pregação e das instruções (1Pe 2.20), para alcançar finalmente o objetivo último de sua fé, a salvação da alma (psique) e a glorificação (1.9)”. Nessa direção, W. E. Vine⁴⁰ alista sete definições de salvação.

Em primeiro lugar, está o conceito de Libertação, preservação, salvação. Esse conceito de salvação se usa no Novo Testamento para a libertação material e temporal de perigos e apreensões e preocupações ligadas a perigos e à saúde. Em segundo, reside a libertação espiritual e eterna como já visto acima. Em terceiro, está a libertação como experiência presente do poder de Deus para libertar da servidão do pecado, ainda que não total (Fp 2.12), mas que promove harmonia e paz. Conforme 1 Pe 1.9, a experiência por parte dos crentes é virtualmente equivalente à santificação; para esse propósito, Deus pode fazê-los sábios (2 Tm 3.15) não se descuidando dela (Hb 2.3). Em quarto lugar, Vine aborda a salvação futura de todos os salvos na Parousia de Cristo. O quinto trata a respeito de Cristo na época da sua ‘epifania’, de sua Parousia (2 Ts 2.7-12). Em sexto, está o sentido de inclusão em todas as bênçãos outorgadas por Deus sobre os homens em Cristo por meio do Espírito Santo (2 Co 6.2; Hb 5. 9), e, por fim, salvação no sentido personificado. Como “hoje veio salvação a esta casa”.(Lc 19.9). Em sétimo lugar estão os escritos de louvor a Deus. Ao concluir sobre o assunto, ele diz que o termo pode ser usado no sentido de

uma libertação espiritual e eterna concedida imediatamente por Deus aos que aceitam suas condições de arrependimento e fé no Senhor Jesus Cristo, em quem unicamente se pode obter, At 4.12, e na base da confissão dele como Senhor, Rm 1.16; Ef 1.13.

Nessas citações, Shneider e Vine demonstram outro conceito de salvação, o qual passa de um ponto histórico na vida do cristão, dando o sentido de uma salvação então consumada, para um novo sentido; ela será consumada no final dos tempos. Até lá, temos de nos alimentar da Palavra dada por Deus, para que sejamos encontrados fiéis (1 Co 4. 2) para participarmos da *parousia* de nosso Senhor Jesus Cristo e, assim, alcançarmos nosso objetivo final, que é a salvação plena.

⁴⁰ VINE, W. E. *Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento*. Barcelona: SEDIN, 1984. v. 3, p. 410- 411.

Salvação, em termos gerais, tem o sentido de tornar saudável, sadio, íntegro, firme e estável. Significa promover proteção e segurança, libertando o SER dos maus caminhos, conduzindo-o a um caminho reto. Tem o significado também de trazer alguém são e salvo de uma situação difícil.⁴¹ Mais especificamente, no Novo Testamento significa salvar dos perigos, socorrer em momentos difíceis e a cura de doenças. Tem também o significado de promover vida. A escolha da palavra *Soteria* pelos Evangelistas tem seu lugar nas narrativas das curas por causa do poder de Jesus em outorgar saúde aos doentes e, outorgar, por meio da fé, vida física.⁴² Como são os casos da mulher de fluxo de sangue (Mt 9.19-22) e do paraplégico em Cafarnaum (Mc 2.1-12). Tem também o significado de preservar o ser interior, promovendo em sua vida a cura e trazendo-lhe uma boa saúde, e ainda a conotação de salvar de todos os perigos da vida. Tanto no Antigo como no Novo Testamento é Deus que processa essa salvação. Tenney⁴³ afirma que, no Antigo Testamento,

Salvação é libertação dos inimigos, entre esses inimigos estavam a morte (Sl 6.4,5; 107.13,14); a boca dos leões (Sl 22.21) o campo de batalha (Dt 20.4); o perverso (Sl 59.2); as doenças (Is 38.21); as tribulações (Jr 30.7); e os pecados (Sl 51.14; 130. 8; Ez 36.29). Nos tempos do AT concebia-se Deus como sendo o Salvador de todos os inimigos, tanto espirituais quanto físicos.

Quanto ao Novo Testamento, o mesmo autor afirma:⁴⁴

No NT *soteria* é usada para “livramento dos inimigos” (Lc 1.69,71; At 7.25; Jd 25) e para saúde física e segurança (At 27.20,34; Hb 11.7), mas o uso característico é com respeito à libertação espiritual. Salvação, no sentido neotestamentário de libertação espiritual, quer dizer uma salvação completa. Deus salva o corpo e a alma do homem caído. *Soteria* é especificamente salvação de doenças físicas (Mt 9.21; Lc 8.36), da perdição (Mt 18.11; Lc 19.10), do pecado (Mc 1.21), da ira (Rm 5.9)⁴⁵.

Desse modo, os autores apresentam conceitos diferentes, mas complementares, em relação à salvação. Entende-se que esse é um ponto interessante para que se defina o termo salvação em seu sentido mais amplo. No mundo grego, o sentido da palavra era salvar, ajudar, redimir, preservar, dar largura,

⁴¹ KITTEL, Gerhard and FRIEDRICH, Gerhard. (Eds.) *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1971. v. VIII.,p. 965ss.

⁴² KITTEL, 1971, v. VIII, p. 990.

⁴³ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 5. p. 398.

⁴⁴ TENNEY, 2008, v.5. p. 398.

⁴⁵ TENNEY, 2008, v.5. p. 398.

facilitar a vida, dar segurança, curar, recuperar, promover o bem-estar e outros correlatos.⁴⁶

O Novo Testamento trata de salvação como libertação física do perigo, da doença, da deformidade, da possessão do demônio, da morte ou de qualquer outro mal, como também libertação do pecado. Salvação inclui o que concerne às necessidades terreas do povo como evidenciado nos milagres de Jesus. Esse conceito é corroborado pelos ensinamentos de Tiago e os de João em sua primeira carta. No entanto, o seu foco principal é em sua natureza espiritual.⁴⁷ Utilizando os textos acima como referência, pode-se usar o termo “salvação”, no aconselhamento, em quatro dimensões:

- a) Com o sentido de *ser regenerado*, isto é, declarado salvo através de um ato de fé na cruz de Jesus Cristo. Como o ato de se reconciliar com Deus por meio da aceitação do plano de salvação alcançando, dessa forma, o princípio primeiro do propósito de Deus para a vida do SER;
- b) Em *sentido escatológico*. Quando a *parousia* se der, seremos absolutamente salvos de todo o pecado, libertos da presença do pecado e do Maligno. Trata-se de um conceito de esperança. Nem tudo em nossa vida aqui pode ser resolvido, visto que estamos inseridos em um processo de resgate. Todos ainda caminham em um mundo caído e possuem em si aspectos dessa natureza. Porém, podemos depositar nossa confiança em Deus de que um dia nos libertará de tudo o que está relacionado ao Maligno e ao pecado;
- c) Como *crescimento espiritual*, que o SER pode e deve ter por meio do estudo da Palavra de Deus, que o alimenta e lhe traz crescimento. Jesus disse: “... conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). Ele está falando sobre um processo de conhecimento, não o cognitivo, mas o vivencial. Ele trata da dinâmica do conhecimento da verdade, que promove libertação. Esse conceito está ligado diretamente à história de vida das pessoas; de como encaram a vida cristã no seu dia a dia. Muitos

⁴⁶ Veja A. BAILLY, *Dictionnaire Grec-Français*, verbete “Sôteria”, p. 1891; e ARNDT AND GINGRICH *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 801.

⁴⁷ LIGHTFOOT, J. B. *St. Paul's Epistle to the Philippians*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1978. p. 1154.

dos seus problemas estão relacionados com um modo de vida distante desse processo do desenvolvimento da salvação. Elas precisam buscar o conhecimento da Palavra, a fim de que possam se livrar e se libertar de tudo o que as atrapalha e do que impede o desenvolvimento da sua vida cristã (veja Hb 12.1);

- d) Em sentido mais amplo, geral, que engloba saúde, bem-estar, ajuda, facilitação na vida, alargamento de caminhos. Salvação tem o significado de tornar saudável, sadio, íntegro, firme e estável. Pode ser considerada como um ato de Deus que promove proteção e segurança e que tem como um dos alvos libertar o SER dos maus caminhos e conduzi-lo a um caminho reto, trazendo-lhe são e salvo de uma situação difícil.⁴⁸ Mais especificamente, no Novo Testamento, significa salvar dos perigos, socorrer em momentos difíceis, a cura de doenças e promover vida. “A escolha da palavra (*Soteria* pelos sinóticos) tem seu lugar na visão do poder das curas de Jesus e no poder de salvar por meio da fé a outorga da vida física” (inserção nossa).⁴⁹ É particularmente claro o fato que ‘a fé te salvou’ tem como *locus classicus* a história da mulher de fluxo de sangue (Mt 9.19-22). O termo tem ainda o significado de preservar o ser interior e de trazer para uma boa saúde; Salvar de todos os perigos da vida. Deus é que processa essa salvação (Nm 10.9).

Nesta pesquisa, ao usarmos o conceito de salvação, utilizamos os quatro conceitos delineados acima. Porém, no processo da mutualidade, não se considera juízo de valor, mas nos processos práticos do cotidiano, a ocorrência da salvação está inversamente posicionada. O conceito de salvação que mais ocorre na mutualidade é o do ponto quatro, pois permite que o SER se manifeste com seus problemas e suas dificuldades. Havendo pecado, pode confessá-lo a seus pares, o que promove saúde. Ao confessar os seus pecados, divide o peso e a carga com os irmãos como descrito no texto bíblico de Tiago 5.16 “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.” Deus ouve essa confissão e “Se confessarmos

⁴⁸ KITTEL, 1971, v. VIII. p. 965ss

⁴⁹ KITTEL, 1971, v. VIII, p. 990.

os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (1 Jo 1.9). Assim, nossos pecados são perdoados, promovendo cura, seja espiritual, psíquica, emocional, física, de relacionamento social, outorgada por meio da atuação de Jesus. Num segundo momento, é o ponto três que se manifesta na mutualidade, porque permite que a comunidade dos fiéis busque a edificação mútua.

Na maioria das vezes, esse processo de maturação não depende apenas de um professor humano. Ele surge quando os novos cristãos e os mais avançados na fé se reúnem com regularidade. Como uma comunidade de cristãos, eles adoram juntos, ouvem os ensinamentos da Palavra de Deus, incentivam uns aos outros a amar e fazer boas obras, crescendo até chegar a ser um corpo de cristãos amorosos, atenciosos, que prestam mutuamente contas (Ef 4. 16; Hb 10. 24, 25). Dessa forma, os discípulos aprendem uns com os outros e edificam uns aos outros⁵⁰.

A cooperação mútua e o estudo da Palavra edificam, em conjunto, a Igreja e os que dela participam.

⁵⁰ COLLINS, Gary R. *Ajudando Uns aos Outros pelo Aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

2 A SALVAÇÃO HOLÍSTICA DO SER POR MEIO DA VIDA MANIFESTA NA COMUNIDADE DA IGREJA

O pertencimento comum tem o seu significado manifesto nas atitudes de relacionamentos da Igreja. Relacionamentos de ajuda de uns para com os outros, que suprem as necessidades de seus pares e que promovem a salvação do SER implicado nessas relações. Quando a Igreja se apresenta em mutualidade e comunhão, ela expressa diante do seu meio social que é o “sal da terra” e “luz do mundo”.

2.1 A Mutualidade Manifesta na Comunidade da Igreja

O SER, por si só, não se constitui nem evolui. Tentar fazê-lo é naufragar na tautologia. A alteridade é fator básico na constituição da identidade – naquilo que o SER identifica como seu e na compreensão de quem ele é. A alteridade é fator necessário para a identificação, pois permite ao SER perceber-se em comunhão. O relacionamento – uns para com os outros – só é possível pela constituição da identidade e da identificação.

O outro (*alter, heteros*) não é o inimigo, o intruso, o *alienus*, que efetivamente e ao pé da letra me aliena. O outro, como mostraram Lévinas e Ricoeur, é exatamente aquele que, justo por sua alteridade, chama-me, convoca-me e assim me faz sair do enclausuramento em mim mesmo. Paradoxalmente a alteridade é parte constitutiva da identidade. Ninguém se constrói nem se compreende só diante de si próprio, na solidão.⁵¹

É na mutualidade que somos chamados, interpelados e, por meio disso, reencontramos a ideia de nosso nome e de nossa nomeação que nos traz à recordação o nosso SER. Somos chamados à existência e a nos posicionar face a face com o outro manifesto com identidade, como ser autônomo e em identificação no diálogo, fazendo ressoar, repercutir o conteúdo da fala e da escuta. É nessa conciliação que se torna possível, devido à *imago Dei*, “imagem de Deus”, conforme definiu Jung, que visa, em definitivo, a fazer com que a pessoa se torne “ela mesma”.⁵²

⁵¹ GESCHÉ, 2005, p.49.

⁵² MONBOURQUETE, 2008, p.21.

2.1.1 A importância da mutualidade

O Novo Testamento, que é a revelação de Deus para a vida de fé e a vida relacional, traz, por várias vezes, o conceito de mutualidade que, se analisado de uma forma psicológica, pode servir de uma terapêutica, por meio dos cultos ou dos pequenos grupos e nos relacionamentos pessoais. Articula-se apropriadamente à psicologia e à abordagem espiritual. A mutualidade, quando exercida segundo as Escrituras, fará com que a Igreja caminhe unida e, nesta união, revele seu Redentor para a comunidade onde ela está inserida. Serve de modelo para os relacionamentos e uma nova dinâmica para os grupos sociais e para a própria sociedade. É, nesse sentido, que Jesus disse

Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.

Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus. (Mt 5.13-16)

O ensino de Jesus é que a ação daqueles que o conhecem e o receberam (Jo 1.12) tenham um viver diferente neste mundo. A esperança de Jesus é que esse viver influencie de tal forma o presente século que modifique o seu modo de viver. Assim, os que testemunham essa vida poderão ser curados de seus mais variados males, quer sejam pessoais, sociais, transformando o contexto do viver em um mais saudável. Esse processo pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade; ajudar as pessoas a enfrentar melhor as dificuldades de vida, os conflitos interiores e os exteriores, auxiliar os indivíduos em seus relacionamentos pessoais familiares a encontrar alívio de seus problemas psicoemocionais e o perdão de suas culpas.⁵³ O testemunho da mutualidade da Igreja tem o poder de transformar as percepções daqueles que convivem com o seu contexto. A abertura de novas percepções de mundo leva a não mais aceitar o “status quo” como definitivo. Os que vivem nesse contexto da Igreja aprendem que é possível um novo modo de vida diferente e melhor e, aprendem a gerir suas vidas, famílias e grupos sociais de uma forma mais evangélica se conformando com o Reino de Deus.

⁵³ COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 17.

É significativa a poesia da Sarah Poulton Kalley quando expressa claramente a necessidade e o resultado da mutualidade. “Se tua igreja toda andar em santa união então será bendito o nome de ‘cristão’. Assim o que pediste em nós se cumprirá, e todo o mundo inteiro a ti conhecerá”.⁵⁴

O que a poesia diz se tornará realidade se os salvos viverem em mutualidade. Acontecerá, por meio da intercomunicação dos salvos. Estes são santificados em Cristo Jesus e participam em comum dos benefícios da salvação que proporciona a justificação, declarando justo aquele que o confessa e recebe a outorga do perdão de seus pecados. Ao justificado, Deus o adota em sua família e o reconcilia nas três dimensões relacionais: com Trindade, consigo mesmo e com seus pares. Além disso, dota-o do Espírito Santo conforme Ef 1.13,14 que lhe dá os recursos para andar em novidade de vida proporcionando uma vida que manifesta os seus frutos, a saber: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.22). Essas são categorias essenciais para a mutualidade. Também do Espírito Santo vem os dons, os quais ele dá conforme a necessidade das circunstâncias, por meio dos quais os filhos de Deus poderão servir à Igreja e à Comunidade. Os dons, principalmente da exortação, da admoestação, da sabedoria, do aconselhamento e de cura são importantes para que a mutualidade se expresse e seja luz para os que dela carecem.

Deus tem como propósito para Igreja que ela, em Cristo, seja uma comunidade livre, livre das amarras do pecado e da lei, que seja uma comunidade da graça. Deus quer para a igreja aquilo que ele é para si mesmo. O “ser para nós” de Deus em Cristo constitui o grande âmbito da liberdade, pois põe o novo princípio redentor da história da perdição da humanidade, criando esse âmbito como uma unidade fraternal com o Filho.⁵⁵

Seguidas vezes a Palavra de Deus nos chama a atenção para que se viva a vida cristã significativa. Paulo alertou às Igrejas para a vida significativa na manifestação da mutualidade, por meio da qual, não só a salvação, que é a saúde espiritual, mas também a saúde nos demais aspectos como o físico, o psíquico e o emocional. Outro alerta é que até as coisas materiais do SER poderiam ser alcançadas pela mutualidade.⁵⁶ Por diversas vezes, o Novo Testamento usa a

⁵⁴ Casa Publicadora Batista. *O Cantor Cristão*. 1974. Hino 381.

⁵⁵ RAHNER, Karl (Ed.). *Sacramentum Mundi Enciclopédia Teológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1972. v.1. p. 834.

⁵⁶ VINE, 1989, v. 3. p. 401-411.

expressão “UNS AOS OUTROS” chamando os membros da Igreja para uma vida cristã em comunidade, que é a única forma de viverem o real cristianismo.

A mutualidade é uma das fortes evidências de comunhão, é de suma importância e não deve ser deixada de lado em nenhuma Igreja, pois é característica imprescindível desta. A Igreja é uma comunidade de cura e, com certeza, esta é uma parte vital da vida eclesial. A Igreja que se compadece dos que sofrem e dos que passam por necessidades honra o Senhor (Pv 14.31). Como Igreja, deve começar a cuidar dos que se aproximam com carências das mais diversas, com suas dores, demonstrando amor cristão, compreendendo que o alívio do sofrimento é uma das esperanças de Cristo com respeito à Igreja (Mt 10.42). Também àqueles que fazem parte do corpo e que padecem com os problemas do cotidiano, isto é, problemas de relacionamento familiar, social, trabalhista; questões ligadas aos sentimentos e emoções, problemas econômicos e de ordem física, a mutualidade dará atenção a eles, porque a Igreja é lugar de acolhimento amistoso e de hospitalidade. Por isso, como seus membros,

procuramos fazer parte de um processo de fazer discípulos a longo prazo, interferindo nos pontos em que podemos causar o impacto mais necessário. Como o discipulado em geral, a ajuda envolve todo o corpo de Cristo. Em Romanos 12, 1 Coríntios 12 e em outros pontos das Escrituras, lemos que os cristãos existem num corpo para apoiar mutuamente, ajudar, carregar fardos uns dos outros e edificar.⁵⁷

A Igreja deve ser uma comunidade de cura que apóia o trabalho daqueles que se revelam auxiliares e que buscam o crescimento dos que os procuram e deve ser sensível à liderança do Espírito Santo, porque ele é soberano no processo da ajuda mútua por meio da manifestação dos dons e do seu fruto. Gary Collins cita alguns dos alvos que uma Igreja atenta à mutualidade pode, por intermédio da comunhão e de pessoas espirituais que se dispõem a ajudar o outro, a auxiliar no processo do aconselhamento.

1. Procurar mudar o comportamento, atitudes ou valores do aconselhado;
2. Ensinar habilidades sociais;
3. Encorajar a expressão de emoções;
4. Dar encorajamento e apoio;
5. Confrontar o pecado, as inconsistências e outras formas de comportamento prejudicial à própria pessoa;
6. Inculcar discernimento, guiar ao serem tomadas decisões;
7. Ensinar responsabilidade;
8. Prover formas financeiras ou outras formas de ajuda concreta;

⁵⁷ COLLINS, 2005, p. 65.

9. Estimular o crescimento espiritual;
10. Resolver conflitos interpessoais;
11. Ajudar o indivíduo a mobilizar seus recursos internos em épocas de crise.⁵⁸

Há Igrejas que possuem um ministério específico, por intermédio de 'leigos', para o exercício do aconselhamento e do conforto para os seus membros. Mesmo sem saber, é certo que muitos participantes da Igreja estão praticando a mutualidade. No entanto, ela não tem sido anunciada e, por isso, pouco se sabe sobre o assunto. Muitas vezes, os irmãos manifestam amor e uma face amiga aos que precisam de uma palavra amiga. São a extensão da família para aqueles que precisam de uma família, falam com afeição aos amargurados, aos desalentados comunicam conforto, ânimo e coragem. Para tanto, é preciso que a Igreja tenha ciência de que em sua essência, em todas as suas atividades, deve mover-se em direção a uma comunidade que promove a saúde em todos os aspectos.⁵⁹ Diante disso, há necessidade de que as Igrejas e os que participam delas conheçam e pratiquem, de modo consciente e aperfeiçoado, essa vida mútua.

2.1.2 O propósito da vida mútua

O propósito da vida em mutualidade é ajudar um ao outro a viver plenamente em todos os aspectos da vida cristã. Jesus disse: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10). Ao proporcionar vida, Jesus exerceu seu poder para trazer cura aos doentes, consolo aos aflitos. Atuou de forma que trouxe vida aos moribundos (Mc 5.23) e até a ressurreição dos mortos como no caso do filho da viúva de Naim e Lázaro (Lc 7.11,12; Jo 11.1ss). A Palavra de Deus, ao falar sobre a vida, afirma que Deus supre as necessidades básicas da vida, tais como alimento e roupa. Deus faz isso através da mutualidade da Igreja, pois Jesus disse que os irmãos da Igreja formam a nova família dos que necessitam de bens para a sua vida no tempo presente (Mc 10. 29,30).⁶⁰

Assim, a vida cristã engloba a vida espiritual, a vontade, o racional, a psique, os sentimentos e as emoções e a vida mútua que caracteriza o amor e a verdade (*aletheia*). É verdade no sentido de verdadeira luz e verdadeira vida do povo de

⁵⁸ COLLINS, 2005, p. 63-64.

⁵⁹ HULME, William E. *Pastoral Care & Counseling*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1981. p. 163.

⁶⁰ BROWN, Colin. (Ed.) *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vida Nova: São Paulo, 1983. V. IV, p. 755.

Deus.⁶¹ A vida mútua evidencia o verdadeiro discipulado dentro da Igreja, criando ambiente amoroso e propício para o desenvolvimento e exercício dos dons espirituais. Sem essa vida, dificilmente haverá manifestação clara e evidente do Espírito Santo.

Vê-se, dessa forma, grande necessidade de desenvolver este tema na igreja nestes dias, pois cada dia que passa a preocupação mútua nas igrejas diminui. O motivo principal desse afastamento é que a sociedade moderna ou pós-moderna – como se queira chamar, vive de maneira tal, que o SER fecha a cada dia mais em si mesmo. Leva-o a uma vida isolada e de preocupação só em si. Bauman afirma que

os 'grupos' que os indivíduos destituídos pelas estruturas referenciais ortodoxas 'tentam encontrar e estabelecer' hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis 'totalidades virtuais', em que é fácil entrar e ser abandonado. Dificilmente poderiam ser um substituto válido das formas sólidas – com a pretensão de ser ainda mais sólidas – de convívio que, graças à solidez genuína ou suposta podiam prometer aquele reconfortante (ainda que ilusório ou fraudulento) 'sentimento de nós' – que não é oferecido quando se está 'surfando na rede'.⁶²

Enfim, esses grupos, isolados dentro de seus casulos, passam a remoer os seus próprios pensamentos, fechando-se em si mesmos. Por isso, são utilizadas as expressões dos neologistas, como SOLIPSISMO ou ENSIMESMADO, que apontam para um indivíduo que deixa de comunicar-se no verdadeiro sentido da palavra e passa a viver com seus pensamentos. Em virtude de todo esse isolamento, surgem, a cada instante, novas patologias do "EU". São os que se tornam dependentes das últimas invenções dos instrumentos para jogos eletrônicos ou instrumentos de rede.⁶³

Para se ter um bom relacionamento e o desenvolvimento da mutualidade é preciso que o SER tenha uma boa autoestima. Esta é desenvolvida pelo processo educacional desde os primeiros momentos de vida. Os pais, que são os educadores por excelência, têm a missão de auxiliar as crianças nesse processo do desenvolvimento da autoestima, ensinando-as a se tornarem pessoas que saibam decidir por si próprias, sem a necessidade de cooptarem com os grupos sociais aos quais vão pertencer.

⁶¹ KITTEL, 1976, V. VIII, p. 238, 239.

⁶² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 31.

⁶³ Já existem trabalhos escritos como: *New Addictions: As Novas Dependências* de Cesare Guerreschi da Paulus Editora. Existem também profissionais na área da Psicologia especializados em tratar de pessoas adictas a essas novas dependências.

No começo da vida, a criança depende estreitamente da reação de pessoas significativas para se conhecer e se estimar. Elas são espelho. A criança toma, pouco a pouco, consciência do seu “eu” a partir dos olhares, dos gestos e do comportamento de seus pais em relação a ela. Descobre o seu “ego”, o centro de sua consciência e de suas interpretações, e finalmente adquire a autopercepção⁶⁴.

Se os pais reagirem de forma amorosa e correta diante de seus filhos em formação, estes desenvolverão confiança em seus pais, percebendo que são valorizados por eles. Dessa forma, a criança também se valoriza, porque vê nos pais sua valorização e, assim, se perceberá autovalorizada. Porém, se o meio ambiente em que é educada reflete uma imagem de desvalia e deformada, se fechará em si mesma e, para se relacionar com os demais, usará de falsa autoestima e de máscaras. No seu desenvolvimento social, manifestar-se-á sem valorização própria e viverá como aprendeu a viver, ou seja, com uma falsa autoestima, uma fachada social, conformando-se com o grupo para ser aceita por ele. “Forja para si uma pessoa, ou um “ego ideal” bem visto na sociedade. A auto-estima é condicionada pelos outros que passaram a funcionar como seu ponto de referência”.⁶⁵

2.1.3 Os problemas que impedem a vida mútua

Em razão do desenvolvimento econômico e da busca cada vez maior de bens materiais, o que se tem visto é que grande parte das famílias, nas últimas décadas, deixam a educação de seus filhos em segundo plano. Eles não lhes reservam o tempo para que, em seu desenvolvimento, possam desenvolver uma boa autoimagem. Grande parte das famílias tem passado a educação dos filhos para as escolas, formando uma verdadeira terceirização do processo educativo. Em tais circunstâncias, ao chegar à fase de sua vida, em que se relacionará socialmente, o SER, dificilmente, terá habilidades e uma autoimagem segura para desenvolver o processo da mutualidade, pois, o que se manifesta nas relações sociais não é o “eu”, mas uma imagem adequada para o relacionamento social.

Outro problema grave da atualidade são os “navegadores na WEB”. Seus vínculos são extremamente frágeis. Surgem, desse modo, sérios problemas de ordem física e mental. Atendi um jovem de 20 anos que “namorava” uma moça há

⁶⁴ MONBOURQUETTE, 2008, p. 53.

⁶⁵ MONBOURQUETTE, 2008, p. 54.

um ano e nunca a tinha visto pessoalmente. O namoro era desenvolvido através do MSN. Também atendi um casal que, quando começavam a discutir pessoalmente, paravam e iam para o MSN para resolver a situação.

Outro motivo que leva ao fechamento em si mesmo são os meios de comunicação da atualidade – as comunicações em massa. As mensagens em tais comunicações são altamente significativas, captando a atenção total do homem e este normalmente cessa de se comunicar através das formas mais simples de comunicação, deixa suas comunicações corriqueiras do dia a dia. Esse processo traz aumento da tensão entre a solidão e massifica o ser humano. A comunicação em massa elimina os tão importantes contatos pessoais.

Quando o Novo Testamento convoca aos da Igreja à mutualidade, convoca-os para os contatos pessoais pregando a interação entre seus membros. Neste inter-relacionamento, a pessoa estará envolvida em toda sua plenitude. Será relacionamento semelhante ao do Filho de Deus com o Pai, conforme João 17. O Novo Testamento dá muita ênfase nesse tipo de relacionamento; no contato pessoal e na ajuda mútua dos que pertencem à Igreja. Considera o contato pessoal mútuo como um dos fatores principais do crescimento da vida cotidiana, da vida cristã, da comunhão, da exortação, da admoestação, do louvor e da adoração. No cerne da mutualidade, os da Igreja encontram raízes profundas de solução para os problemas pessoais. Como demonstrado, há um fundo terapêutico em todas as instâncias do SER na DOCTRINA DA MUTUALIDADE.

2.2 A Comunhão Manifesta na Comunidade da Igreja

Como já visto, a Igreja é uma comunidade e a sua expressão se manifesta por meio da comunhão. “Cada grupo local de fiéis é constituído de membros que devem estar em ação e fazer parte do todo”.⁶⁶ A Igreja deve ser um organismo vivo e dinâmico. Dentro desse processo dinâmico, cada um tem parte na comunhão por meio de elos que são comuns. A Bíblia afirma que

Há somente um só corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só

⁶⁶ GETZ, Gene A. *Igreja: Forma e Essência*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 173.

batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos (Ef 4. 4-6).

O texto expressa que Deus age na Igreja utilizando todos os membros e, por meio da Igreja, na sociedade onde está plantada. Por isso, aonde quer que o participante da Igreja vá, leva o nome de Cristo e, também, o nome da Igreja. Quer nas assembleias ou no viver diário, o membro da Igreja está em comunhão com ela.

A Bíblia usa figuras que vão demonstrar a ideia de um laço que liga os cristãos da Igreja. São figuras para exemplificar essa comunhão entre os fiéis. O apóstolo Paulo, por diversas vezes, usa a expressão 'corpo' para ilustrar e descrever a comunhão da Igreja e a sua ação dinâmica. Ele escreve: "Porque assim como num corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros" (Rm 12.5). E ainda,

Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.
Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos (1 Co 12. 13,14).

O apóstolo Paulo fala de uma comunidade que tem uma união de fé em que, cada membro batizado no Espírito, busca proporcionar auxílio e benefícios aos seus pares, sem fazer acepção de pessoas. O Evangelho de João compara os fiéis à videira. Quando falou aos seus discípulos, Jesus afirmou: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15. 1,5). O ensino de Jesus é que a relação dos discípulos com o mestre é semelhante a da videira e seus ramos. Assim, eles deveriam manter estreita comunhão com Jesus, a videira verdadeira, e que o interesse e cuidado do Pai pela vinha é que ela sempre tenha saúde, produza frutos e que seja sempre fértil.⁶⁷

2.2.1 O significado de comunhão

Ao se referir ao conceito de comunhão (*Koinonia*), está-se invocando um conceito entre os conceitos mais fortes nas Escrituras e nos escritos Judaico/Cristãos. Antes de tudo, a aplicação que se faz é a participação da pessoa

⁶⁷ RYLE, J. C. *Expository Thoughts on the Gospels St. John*. Cambridge: James Clarke & Co. Ltd., 1976. p. 111.

no 'espírito' de um projeto ou comunidade.⁶⁸ Como exemplo, pode-se citar a participação do cristão na divina natureza de Deus, conforme 2 Pe 1.4 e 1 Jo 3.9. Esses textos afirmam que o cristão é participante da natureza divina. Dessa forma, a comunhão pode ser definida, em sua base, como ter parte ou participar de algo em comum ou de uma associação. É manter companheirismo e vínculo com o que se tem em comum. Assim, o membro da Igreja está vinculado a ela e mantém companheirismo com os demais membros, formando um todo.

No texto de Atos 2.42, vê-se essa comunhão manifesta pelos primeiros cristãos, entre os quais havia um reconhecimento do comungar todas as coisas e um desfrutar da comunhão dos fiéis em todos os aspectos. Eles tinham tudo em comum. A comunhão que desfrutavam era mais ampla e mais profunda que o termo significa e/ou significava no seu uso comum. O que o texto afirma é que compartilhavam de tudo, desde as experiências da vida espiritual até as necessidades básicas do SER. Era uma comunidade que supria as carências espirituais, dos sentimentos, afetivas, emocionais e físicas. Tinham tudo em comum.

A *Koinonia* de Atos 2.42 pode ser entendida num sentido absoluto como parte essencial da vida de adoração: “e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42). Havia, portanto, quatro aspectos principais desse modo de vida. *Koinonia* poderia ser traduzida por “comunhão” ou “fraternidade litúrgica na adoração”. *Koinonia*, no entanto, expressa algo novo e independente. Indica a unanimidade e a unidade levada a efeito pelo Espírito, o indivíduo era completamente apoiado pela comunidade.

São os que exercem a fé em Jesus Cristo e participam da comunhão do Espírito Santo (2 Co 13.14) e a comunhão no Evangelho (Fp 1.5) que formam a comunidade denominada Igreja. Esta, por sua vez, designa o relacionamento social existente entre os cristãos. Estes fazem parte de um povo que alcançou a misericórdia de Deus (1 Pe 2.10) e são membros da família de Deus (Rm 8.12-17), salvos mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo, através do sacrifício de Cristo e buscam uma cooperação mútua no trabalho do Senhor.

⁶⁸ TENNEY, 1976, v. 2. p. 528.

2.2.2 Como se expressa a comunhão

A Igreja aparece como uma nova sociedade, diferente de todas as demais. Ela une pessoas dos mais diferentes povos, sociedades e classes sociais. (Gl 3.28). Todas as diferenças foram abolidas por meio da fé comum em Cristo (Gl 3.26,27). Todos são um em Jesus Cristo e, nele, todos, indistintamente, estão ligados uns aos outros. Isso faz com que haja um vínculo com o Redentor e os redimidos formem uma comunidade de expressão espiritual. Esse vínculo, antes de tudo, torna os seus participantes fervorosos na esperança da vinda de Cristo. Essa esperança é uma doutrina fundamental na fé cristã dos primeiros cristãos, pois tinham absoluta certeza que ela se daria em seus dias. Muitos deles abandonaram as preocupações cotidianas e ficaram à espera da vinda de Cristo.

Logo se percebeu que essa espera devia estar inserida no cotidiano da vida da Igreja, a ponto de Paulo exortar a alguns irmãos da Igreja de Tessalônica para que não ficassem só na espera, mas trabalhassem para ter o que comer (2 Ts 3.6-13) e que, enquanto o Senhor não viesse, servissem de testemunho praticando sempre o bem (v.13).

Paulo exorta a Igreja à prática do bem. A primeira interpretação que surge à mente é o auxílio aos irmãos. Porém, o termo grego usado leva o leitor a pensar em uma prática do bem excelente. É fazer as coisas corretas do ponto de vista de um cristão, é conferir benefícios. Assim, Paulo espera que a Igreja de Tessalônica atue com liberdade, no sentido de amar os irmãos, com o objetivo de auxiliá-los e ajudar o próximo, que tem necessidades das mais variadas.⁶⁹ Deus usa cristãos dedicados para cumprir essas tarefas e faz isso repartindo dons conforme a necessidade da Igreja.⁷⁰ Ele usa os seus filhos para serem modelos para os mais novos. Paulo disse a Timóteo: “Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.1,2).

Em contrapartida, esses mais novos são chamados, por meio dos dons, a servirem à Igreja e à comunidade. Há nessa Igreja a prática do ensino e da

⁶⁹ MORRIS, Leon. *The First and Second Epistles to the Thessalonians*. Edinburgh: Marshal, Morgan and Scott, Ltd. p. 257.

⁷⁰ Um estudo mais detalhado sobre os Dons demonstrará que em cada lista de dons nas Cartas de Paulo aparece um dom diferente que só consta naquela carta. Creio que não há uma lista fechada de Dons. Penso que o Espírito Santo distribui hoje dons que não constam das listas do Novo Testamento. Os dons são dados conforme a necessidade do momento que a Igreja vive e para a execução de seu trabalho.

comunhão, através da qual existe um interesse mútuo quer nas questões espirituais, quer nas questões de sentimentos e emocionais. Sempre há uma preocupação com a saúde de seus pares e das carências de bens materiais. Ela se manifesta e é dinâmica como Igreja cuidadora.

Como comunidade de cristãos, eles adoram juntos, ouvem os ensinamentos da Palavra de Deus, incentivam uns aos outros a amar e fazer boas obras, crescendo até chegar a ser um corpo de cristãos amorosos, atenciosos, que prestam mutuamente contas (Ef 4.16; Hb 10.24, 25). Dessa forma, os discípulos aprendem um dos outros e edificam uns aos outros.⁷¹

Todos os cristãos estão irmanados no profundo sentimento de gratidão a Deus pelas bênçãos espirituais, consolo, conforto e direção dados por Deus – o Pai. Essas bênçãos deixam a Igreja cheia de esperança nas promessas bíblicas e plena de vida. Nessa igreja, o Espírito Santo age trazendo à lembrança os ensinamentos de Jesus, proporcionando a edificação do corpo, que, por sua vez, reconhece a graça e a misericórdia e se compromete com elas. Esse compromisso faz com que a Igreja tenha a mesma ação do seu Senhor, que se entregou completamente por eles. Eles se entregam aos outros pelo compromisso do amor. Diante disso, essa é uma Igreja de realizações no Espírito Santo.

Quando esses conceitos estão impregnados na mente dos filhos de Deus, eles os levam a compreender que a expressão da Igreja, e em particular a sua própria, acontece pela união com Cristo e pelo aperfeiçoamento que o Espírito Santo faz em seu viver. Seu SER, em sua íntegra, constituiu-se e ele é o que é porque o Deus de toda a misericórdia lhe concedeu e lhe tem concedido sua graça e misericórdia. Ele tem um “EU” porque teve seus pais que o acolheram e chegou à graça da salvação, porque alguém lhe comunicou sobre o sacrifício redentor de Cristo. Inseridos no Corpo de Cristo, a esperança que todos colocam sobre ele é que dê frutos através da capacitação do Espírito Santo. Deus espera de seus filhos a aplicação de todos os dons para benefício de sua igreja, seguindo um modelo de vida que se expressa num constante “DAR” para suprir as necessidades de seus irmãos e “RECEBER” dos outros o que ele necessita para suprir suas carências. Esse relacionamento entre os filhos de Deus se expressa por meio

1. Do compartilhar experiências espirituais para o crescimento mútuo;
2. Da comunhão na oração;

⁷¹ COLLINS, 2005, p. 28.

3. Do conforto e o consolo mútuo;
4. Do Apoio e sustentação nas horas difíceis;
5. Do apoio e sustentação nas crises da ordem dos sentimentos e das emoções;
6. Da exortação para o crescimento espiritual;
7. Da cooperação no trabalho do Senhor;
8. Da propagação do evangelho de Cristo;
9. Da manutenção da unidade, amor e serviço no corpo de Cristo;
10. Da participação mútua no culto e no louvor quando os cristãos se reúnem;
11. Do serviço em benefício uns dos outros;
12. Do compartilhar dos bens materiais.

2.2.3 Aspectos espirituais da comunhão

A comunhão dos participantes de uma Igreja não permanece apenas nos aspectos externos e visíveis à comunidade. A Igreja está envolvida em vários aspectos espirituais, que criam um vínculo espiritual muito estreito no entrosamento dessa irmandade de salvos por Jesus Cristo. Ela é marcada por uma participação conjunta em diversos aspectos espirituais.

- a. A Igreja tem comunhão com Deus o Pai. O Apóstolo João escreve em sua Primeira Carta que a “Nossa comunhão é com o Pai”. (1. 3, 6).
- b. A Igreja Tem comunhão com o Deus Filho. Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo afirma que nossa comunhão é com o Filho: “Fiel é Deus, pelo qual foste chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”. João escreve também sobre a comunhão com o Deus Filho (1 Jo 1.3).
- c. A Igreja tem comunhão com Deus Espírito Santo. Paulo, por várias vezes, cita a comunhão da Igreja com o Espírito Santo. Ele escreve: “Pois, em um só Espírito, fomos todos batizados em um só corpo... ...e a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Co 12. 13). E ainda: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (2 Co 13.13).

- d. A Igreja tem comunhão na mesma fé (Tt 1.4).
- e. A Igreja tem participação na mesma cruz (Jo 3. 14,15).
- f. A Igreja tem participação da mesma mesa (Ceia do Senhor ou Eucaristia) (1 Co 10.16; 11.17-34).⁷²
- g. Por fim, queremos destacar algo que Paulo escreveu aos Filipenses e que, ainda que o texto não traga diretamente uma expressão de comunhão, expressa verdades das quais a Igreja deve comungar. Ele escreve: "... para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos" (Fp 3.10,11). Essa comunhão com o Filho de Deus é significativa e profunda. Ela tem dois pontos importantes, que são as duas grandes verdades da vida de Jesus. A primeira é que o Cristão deve tomar parte dos sofrimentos de Cristo. Tal realidade foi determinada pelo próprio Cristo quando disse:

Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. (Jo 15. 18, 20).

Essa participação nos sofrimentos e aflições de Cristo deve ser considerada pelos cristãos como um dom (dádiva) de Deus; como graça concedida a ele por amor a Cristo. O grande exemplo dessa verdade foi a vida do apóstolo Paulo que disse completar os sofrimentos do Cristo na sua própria carne, por amor à Igreja; isto é, por amor aos irmãos. "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja." (CL 1.24).

O apóstolo Pedro também escreve em sua carta sobre esse assunto. Aos seus leitores diz: "Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus" (1 Pe 4.14). O cristão leva sempre em seu corpo o morrer de Cristo. Se, em primeira instância, o cristão

⁷² Ao se falar sobre cura d'almas, a Ceia do Senhor ou a Eucaristia mereceria um estudo à parte. A comunhão existente nesse ato com o Senhor Deus, com o Filho na Cruz e na Glória, na Anamnesis que o cristão faz na qual traumas passados podem ser curados. Na comunhão com os irmãos e na compreensão da situação do ferido, marcas profundas podem ser curadas. Realmente o assunto merece estudo detalhado.

carrega sobre si o **morrer** de Cristo, em uma segunda, leva também a **vida** de Cristo. Segundo Paulo,

Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo (2 Co 4. 8-10).

Assim, em segunda instância, o cristão é participante da glória e vida de Cristo ressurreto. Por isso, “Alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória, vos alegreis exultando (1 Pe 4.13 vide também Rm 6.5; 2 Tm 2.12; 1 Jo 3.1,2). Na volta de Cristo, seremos semelhantes a Ele (Cl 3.4). O salvo por Cristo deve estar disposto a participar com ele nesses dois aspectos da vida. Essa participação deve ser íntima, total, de todo o seu ser e deve se tornar expressiva.

A comunhão da fé deve tornar-se eficiente; deve operar. Ela inclui todos os membros do corpo em uma união espiritual onde todos são um, mas simultaneamente são indivíduos. A verdadeira vida espiritual fará com que trará a união em um só corpo seja o SER de qual classe social for. A força do Evangelho torna todos iguais. Por ação do Espírito Santo, as forças que dividem os homens são quebradas e se instala entre eles a comunhão de uma mesma fé.

Muitas vezes, pessoas se veem e os outros lhes empoderam em diferentes níveis espirituais ou de postura diante da igreja e do povo; outros guardam posições diante da sociedade. Comumente há lutas em defesa de posição e de benefícios dos que são unidos por esses vínculos. Tanto nesta como naquela há uma união instintiva que luta pela preservação e edificação. Por isso, verdadeira comunhão só pode existir quando há verdadeira fé. É por meio da comunhão e participação no sacrifício propiciatório de Cristo, conforme Romanos 3.24-26, que se abrem as portas para a comunhão com Deus – o Pai – e com o Espírito Santo e, nessa comunhão, podem ser quebradas todas as barreiras entre os irmãos.

Para nossa tristeza, há, muitas vezes, a falta de eficácia da igreja. Isto tem se dado porque, na Igreja de Cristo, durante sua história e, mais especificamente, em nossas Igrejas nos dias de hoje, vemos a falta de comunhão e espiritualidade. Por isso, cremos que Deus tem permitido que haja perseguições e lutas contra o evangelho durante a história do cristianismo, pois aprendemos, através do estudo

desta, que a real comunhão tem se expressado com muito mais força e vigor debaixo de perseguições ou pressão.

2.2.4 A comunhão e seus resultados

Apresentar-se-ão, no decorrer deste trabalho, os resultados dessa comunhão, através do estudo do amor, do perdão e da exortação de uns para com os outros. Esse estudo apresentará uma Igreja comprometida na relação interpessoal numa dinâmica “EU” – “TU” entre seus membros. No momento em que essa relação se desfizer, desfaz-se a mutualidade. Assim, na comunhão da Igreja jamais a relação poderá ser “EU” – “COISA”; tratando o outro como objeto. Vezes há, e não são poucas, só se consegue ver o irmão por meio de seu problema. Deixa-se de vê-lo como um SER completo. Entretanto, numa Igreja que expressa comunhão, ainda que o irmão se apresente com o pior dos piores problemas, ou com a pior das piores doenças, na relação “EU” – “TU” se tem o cuidado do SER que se apresenta em seu todo: espiritual, mental, psíquica e fisicamente.⁷³

Para tanto, é preciso que as atitudes sejam plenas de amor e de fé em Deus, que se mostra plenamente capaz de resgatar o SER de todo e qualquer problema que o aflige. É preciso ter fé também no ser humano, no sentido de que ele é passível de recuperação, seja seu estado qual for. Nesse caso, a Igreja se mostra semelhante a Deus que se compara ao pastor “que livra da boca do leão as duas pernas ou um pedacinho da orelha” (Am 3.12).

Ainda nessa relação mútua, espera-se o altruísmo, sem o qual a mutualidade não será possível. É na expressão da mutualidade que o Espírito Santo distribui os dons e eles se manifestam. Na distribuição dos dons, o Espírito dá o dom de cura a certos membros da Igreja, em determinadas circunstâncias, isto é, dependendo da necessidade da Igreja em seu momento. Porém, a cura da Igreja não se dá somente pelo exercício deste.

Mas é verdade também que todos, e cada um dos crentes, membros do mesmo corpo, ao exercitarem os dons que o Espírito lhes concede, sejam quais forem, produzirão a saúde da igreja, porque os dons são concedidos para a saúde e funcionamento harmonioso do corpo.⁷⁴

⁷³ LELOUP, Jean-Yves. *Uma Arte de Cuidar*. Estilo Alexandrino. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-29.

⁷⁴ ZANDRINO, R. *Curar Também é Tarefa da Igreja*. São Paulo: Nascente, 1986. p. 53.

Deus, por meio de Jesus Cristo, outorgou aos que exercem fé nele a redenção e, por meio dele, tivessem a liberdade. Essa redenção não é apenas espiritual, é mais ampla. Opera sobre o espírito, a mente, o coração, a psique, a vontade e o corpo. Não somente isso, essa redenção chega também aos grupos sociais e a sociedade em variados aspectos. J. Harold Ellens levanta questão sobre essas possibilidades ao afirmar que

No paradigma bíblico-histórico para o cosmo e a comunidade humana, a redução de obstruções tem a ver com a remoção de amarras do caos, do primitivismo, ingenuidade, medo e idolatria. Na odisséia psicodinâmica individualizada de cada ser humano, a redução de obstruções à integridade tem a ver com a redução da ansiedade e, portanto, com a transcendência da patologia e das distorções que acompanham a ansiedade. Diga-se de passagem que, tanto na busca cósmico-histórica quanto na odisséia individual, a integridade se alcança, em última análise, *sola gratia*, mas não *soli Deo gloria*. Pois a graça é graça, e, portanto, a integridade que ela traz é, **através** da encarnação, **para** a criação: para pessoa e coisas. A história da Bíblia e a psicoterapia correta estão, neste sentido, centradas na pessoa humana. Deus, teologia e psicologia cristã, quando percebidos e expressos, são **para** e **preocupam-se com** o sofrimento das pessoas e do mundo (mundos).⁷⁵

A graça está para o SER e esta é obtida por meio da cruz de Cristo, na qual a maior expressão da graça e do amor de Deus é manifesta. Por intermédio da fé em Cristo, o SER é batizado no Corpo de Cristo (1 Co 12.12ss). Dessa forma, ele não fica isolado no mundo, mas, ao ser justificado em Cristo e ao entrar no processo da salvação, necessita do corpo de Cristo, que é a Igreja que forma a comunhão dos santificados em Cristo, chamados para serem santos (1 Co 1.2, 3).

A Igreja é unida em um só corpo pelo batismo em Jesus Cristo. A partir desse acontecimento, os que nela são inseridos começam a viver a vida de comunhão com Deus, como os irmãos em Cristo e com o próprio Cristo. Esse batismo em Cristo é a base da comunhão, pois ele mesmo é a razão da vida da Igreja. Em Cristo todos são iguais, executando diferentes funções, mas sempre fazendo parte de um só corpo, o qual deve ser bem ajustado para que haja crescimento em busca da edificação mútua.

A seguir apresentaremos os três aspectos da mutualidade da Igreja, que proporcionam saúde nos mais variados campos, seja do SER, dos grupos sociais ou da sociedade.

⁷⁵ ELLENS, J Harold. *Graça de Deus e Saúde Humana*. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 13.

3 AS EXPRESSÕES DO PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE DA IGREJA QUE PROMOVEM A SALVAÇÃO INTEGRAL DO SER

Em várias de suas passagens, o Novo Testamento convoca a Igreja a uma vida de pertencimento comum. Os sustentáculos dessa vida é o compartilhar de uma mesma fé, de um mesmo conjunto doutrinário, de um mesmo salvador, de um mesmo Espírito e de um mesmo Deus. A Palavra mostra como esta vida de pertencimento comum deve ser expressa. Como mencionamos acima, ela é caracterizada pela mutualidade e pela comunhão entre os que participam do mesmo corpo. Há, nas Escrituras, várias chamadas para a expressão da vida de pertencimento comum. Escolhemos três dessas chamadas por considerarmos estas essenciais e por formarem a base de uma Igreja: o amor, a exortação e o perdão. Para se falar sobre as expressões de pertencimento na comunidade da Igreja que promovem a salvação é necessário que se tenha alguns conhecimentos sobre a Igreja.

3.1 Uma palavra sobre a Igreja

Igreja, no original grego, é *Ekklêsía* que significa ‘assembleia’ e é derivada de *Ek-kaleô*, verbo usado para a convocação de um exército para que se reúna. A palavra *Ekklêsía*, quando aplicada pelo apóstolo Paulo, tem o mesmo significado que havia nos círculos gregos e judaicos igual a outras assembleias convocadas pelas cidades para a tomada de decisões fundamentalmente políticas e judiciais. Entretanto, o apóstolo Paulo, ao usá-la na carta aos tessalonissenses, adiciona a frase “em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo”⁷⁶ dando uma nova conotação à palavra. Ela passa a significar a Igreja que o próprio Senhor Jesus Cristo prometeu que edificaria (Mt 16.18). Ele edifica a sua Igreja chamando para si o seu povo para se tornar uma assembleia com o propósito de prestar adoração a Deus. No capítulo 11 de 1 Coríntios, Paulo destaca diversos aspectos dos encontros da Igreja. “A congregação cristã não é uma associação ou um clube comum no qual os membros têm o mesmo interesse; é antes, uma assembleia que surge do fato de seus

⁷⁶ SCOTT, J. J. Jr. Igreja. In: HAWTHORNE, Gerald F. e MARTIN, Ralph P. (Orgs). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. Paulus: São Paulo; Vida Nova: São Paulo; Loyola: São Paulo, 2008. p. 665.

membros compartilhem os benefícios da obra salvífica de Cristo”.⁷⁷ Nessa congregação, não pode haver cisões (1 Co 3.1-9) porque o próprio Senhor Jesus torna seus membros coesos, em uma só unidade que deve construir e edificar os fiéis. Ao menosprezar uns aos outros, nega-se a unidade em Cristo, o que leva a negar o propósito do sacrifício de Cristo.

Segundo o Novo Testamento, a Igreja é a comunidade de crentes por quem Cristo morreu a fim de redimi-los. Nesta comunidade, a comunhão entre seus membros é livre e franca. No Novo Testamento, a palavra Igreja é aplicada, na maioria das vezes, a um grupo de crentes que se reúnem em uma casa particular. A comunidade que se reunia nas casas é chamada de “igreja” em Romanos 16.5 e 1 Coríntios 16.19.⁷⁸ Encontramos nas cartas do apóstolo Paulo diversas imagens e metáforas significativas do povo de Deus em Cristo. Algumas dessas imagens e metáforas podem ser consideradas sinônimos da Igreja, ou identificam a mesma.

3.1.1 A imagem de corpo

O apóstolo Paulo usa a expressão corpo de Cristo para designar a Igreja. O conceito de corpo com os seus membros é a funcionalidade dos mesmos traz a ideia de uma unidade semelhante ao corpo físico de uma pessoa. A leitura que se faz do tempo presente difere, em muito, da prática da comunidade idealizada por Jesus. A Igreja, de certa forma, perdeu a expressão da mutualidade e da comunhão, em especial nas Igrejas neopentecostais. Na carta aos Romanos, capítulo 12 versos 4 e 5, ele escreve: “Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros [...]”.

Jesus Cristo espera da sua Igreja amor mútuo e que cada um se manifeste no corpo de forma a honrar o irmão que foi resgatado pelo mesmo sacrifício que o resgatou. Esse conceito de Igreja nos remete à Igreja local onde as expressões do amor, da exortação e do perdão podem ser manifestas na prática. Define-se como Igreja local uma Igreja que se reúne em um determinado lugar, nos mesmos dias da semana e nos mesmos horários, para que qualquer um que, sabendo da existência da Igreja, possa ir ao seu encontro. É nessa Igreja que a comunidade de cristãos

⁷⁷ SCOTT, 2008, p. 661-662.

⁷⁸ GRUDEN, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática: Uma Introdução aos princípios da Fé Cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p. 404.

que se relacionam mutuamente se manifestam objetivamente tendo a Jesus Cristo como a fonte dessa vida.

Na carta aos Coríntios, no capítulo 12, Paulo se preocupa em enfatizar para os membros da Igreja em Corinto, que eles têm deveres mútuos e interesses comuns que não devem ser negligenciados. Paulo afirma no versículo 27 que eles eram o corpo de Cristo e que cada membro da Igreja deveria exercer a função, no corpo, a função que lhe foi designada pelo próprio Cristo, por meio do Espírito Santo. “Dentro do corpo que é um só, há verdadeira diversidade – uma multiplicidade de funções que são necessárias para que ele seja um verdadeiro corpo (1 Co 12. 17-20)”.⁷⁹

3.1.2 A imagem de uma edificação

Em Ef 2.20-22, Paulo também compara a Igreja a um edifício em construção. Esse edifício precisa ser construído sobre um fundamento, da mesma forma a Igreja. Ela é caracterizada como a construção de Deus; santuário dedicado ao Senhor. Os cristãos são as pedras que vivem (1 Pe 2.5), que são edificadas sobre a pedra angular, a primeira pedra colocada em lugar de preeminência dado por Deus e todas as demais seguem o seu alinhamento. Essa pedra é Cristo (1 Pe 2.6-8). Sobre este tema Gruden escreve que “a igreja também é vista como um *novo templo*, não construído por pedras literais, mas construído com pessoas cristãs que são “pedras vivas” (1 Pe 2.5), edificados sobre a “pedra fundamental” que é Cristo Jesus (1 Pe 2.4-8).⁸⁰

Outro fato importante do fundamento é que ele sustenta todo o edifício. Assim é, em Cristo, que a Igreja se fundamenta. O poder e a ajuda vêm de Cristo para que a Igreja possa desenvolver a vida cristã. É nele e por ele que os membros da Igreja são instruídos e ensinados e é dele é que a Igreja recebe a direção.

‘Todo ministério de encorajamento ou advertência baseado no Evangelho é um meio pelo qual Cristo se dedica a seu povo’ (Peterson, 198). Isso acontecia quando as Escrituras eram formalmente interpretadas e ensinadas, ou quando os fiéis da congregação informalmente exortavam uns aos outros a obedecer o Evangelho. O modelo da assembleia neotestamentária era a congregação (*ekklêsia*) de Israel reunida no monte Sinai para ouvir a palavra do Senhor. Agora porém, sob a nova aliança, há

⁷⁹ SCOTT, 2008, p. 660.

⁸⁰ GRUDEN, Wayne, 2001, p. 404.

uma diferença significativa. O próprio Senhor se encontra com o seu povo, *onde quer que se reúnam em seu nome, sob a sua autoridade.*⁸¹

O próprio Cristo é o sustentáculo da Igreja em todas as coisas e continuamente. Por meio dele, somos libertos das trevas por Deus, o Pai: “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho do seu amor no qual temos a redenção dos nossos pecados” (Cl 1.13). O Apóstolo Pedro, ao final de sua explanação sobre a imagem da construção, escreve: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). A essa Igreja Deus entregou as Escrituras para que, por meio delas, pudessem ser edificados. Paulo escreve a Timóteo o seguinte:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação em justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra. (2 Tm 3.16,17)

Essa vida em nova criação em Cristo, que é vida de retidão e justiça, não significa seguir um código de ética descritivo, cheio de obrigações. Não é seguir um código externo do que é certo ou errado. É antes de tudo uma vida de liberdade, pois o Espírito de Deus habita no coração de seus filhos (Gl 5.13-17) e o código que o fiel segue é o código que Cristo tem gravado em seus corações. O Senhor imprime as suas leis na mente dos seus filhos e também as escreve em seus corações (Hb 8.10-12). Diante disso, é por amor que os cristãos prestam serviço mútuo. Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, afirma que qualquer dom ou serviço exercido sem amor “é como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1 Co 13.1). Todo o serviço e ação – segundo o Novo Testamento – que parte do coração do novo homem, em favor da comunidade, é um ato de amor. Dentre essas ações e serviços estão o exercício do amor, a exortação e o exercício do perdão. Tais qualidades de vida expressar-se-ão visando à edificação de todos (1 Ts 5.11).

3.2 A Expressão do amor mútuo

O amor mútuo é um atributo fundamental da Igreja. Jesus Cristo disse que a sua Igreja seria reconhecida pelo amor de uns para com os outros. Ele disse:

⁸¹ SCOTT, 2008, p. 662.

Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.
Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros. (Jo 13.34,35)

Diante disso, uma Igreja não será conhecida ou reconhecida pela sua ética ou por sua posição doutrinária. Será reconhecida no contexto em que está plantada pelo amor de uns para com os outros. O amor é a marca da Igreja de Cristo. A medida desse amor é dado pelo próprio Cristo: “Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.”

Entretanto, no nosso dia a dia, encontramos um contexto muito diferente. O que é comum ver são Igrejas semelhantes à Igreja de Corinto, na qual havia contendas e sérios pecados. (1 Co 3.1-9; 5.1-5). Na verdade, o que aparece na mídia e o que se ouve no geral é que as Igrejas são mais caracterizadas pelos seus conflitos do que pela compaixão. “Não obstante, o amor deve ser a mais evidente e singular característica do discípulo de Jesus Cristo. É o requisito básico para qualquer um que procure ser um ajudador”.⁸²

3.2.1 Significados de amor

Há duas palavras gregas que aparecem nos textos bíblicos e uma terceira que aparece no contexto e que são traduzidas por amor. A primeira palavra grega é *agapaõ*⁸³ e caracteriza o cristão. Segundo Vine,⁸⁴ seu significado é profundo e não conseguimos discerni-lo todo. Esse amor só pode ser descrito, não definido. O Novo Testamento usa a palavra *agapaõ* para descrever a atitude de Deus para com o seu Filho (Jo 17.23) e para com o gênero humano, quando o Evangelho diz que Deus amou o mundo (Jo 3.16) e na afirmativa que “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”. (Rm 5.8). Esse amor é um amor incondicional. Deus, ao expressá-lo, não espera retribuição daquele que ele ama.

Esse amor, o ágape ou a caridade (no sentido bíblico) seria o amor de Deus que se inclina ao pequeno e pecador, ao carente de valor, o amor que se dá

⁸² COLLINS, 2005, p. 23.

⁸³ Ver ARND; GINGRICH, 1979, p. 4-5: Os autores apontam que *agapaõ* significa amor, ter sentimentos por, cuidar, a prática do amor em providenciar... Pode ser demonstrado por um ser humano a outro ou o amor de um ser sobrenatural para um ser humano; o amor de Deus para com o gênero humano.

⁸⁴ VINE, 1989, v. 1, p. 87.

sem receber, se dá em profusão e somente por sua ação torna o homem digno deste amor; e finalmente, somente por pura graça de Deus se dá ao homem em sua participação neste ágape divino com o qual ele ama a Deus e ao seu próximo (RAHNER, 1972. v. 1, p. 117-118).

Esse amor é também demonstrado, de maneira particular, àqueles que creem no seu Filho como o seu redentor (Jo 14. 21). A segunda palavra é *Phileo*,⁸⁵ que, num primeiro momento, nas Escrituras, falam do amor de pessoa para pessoa no sentido de preferir, de dar lugar de honra ou colocar acima de... (Mt 10.37). Também tem o significado de amar aos que pertencem a um determinado grupo social. Em Jo 15.19, temos que o “mundo” ama o “mundo” e não pode amar os que nasceram em Cristo, pois estes não pertencem ao mundo. Nesse texto, o amor do “mundo” para com o “mundo” é o amor *Phileo*. Quando Paulo recomenda que, na Igreja, todos deveriam se amar cordialmente exercendo um amor fraternal, ele usa, por duas vezes, a palavra *Phileo* (Rm 12.10). Há um terceiro significado que representa uma forma especial de amizade, que distingue alguém de um grupo maior. Significa também possuir um amor recíproco proveniente de um processo de convivência (Jo 16.27). Esse amor é encontrado no círculo familiar.

O amor *philadelphia* (*Phileo*) significa amor entre irmãos, um amor verdadeiramente especial que existe entre os irmãos e irmãs de uma família amorosa, irmãos e irmãs que realmente mostram carinho um para com o outro. É o tipo de amor que:

- Que amarra um ao outro como uma família, como uma irmandade de clã;
- Que amarra um ao outro em um vínculo inquebrável;
- Que segura um ao outro sempre profundamente com todo o coração;
- Que conhece profundamente a afeição de um para com o outro;
- Que sustenta, acalenta, abriga e educa um ao outro;
- Que se manifesta e se preocupa com o bem-estar de um para com o outro.

A importância do amor dos que creem um para com o outro com o amor *philadelphia* não pode nunca se cansar.⁸⁶

A terceira palavra que é traduzida por amor nos escritos que aparecem no contexto do Novo Testamento é *Stergô*. Baili, em seu dicionário Grego-Francês, aponta que esse amor tem diversas conotações. No âmbito familiar, é encontrado na manifestação dos pais para com seus filhos. Os pais, nesse amor, exercem a

⁸⁵ Arnd e Gingrich definem *phileo* como amor, ter afeição por, gostar de... , (ARND; GINGRICH, 1979, p. 859).

⁸⁶ LEADERSHIP MINISTRIES WORLDWIDE, *The Preacher's Outline & Sermon Bible*. Chattanooga, 1991. v. 12. p. 39.

companhia, o zelo, o cuidado e a proteção. Mas *Stergô* é também encontrado nos escritos indicando o amor dos filhos para com os pais, significando as atitudes de sujeição e submissão espontânea, como gesto de amor àqueles que os acolhem. Ainda, no âmbito familiar, o termo aparece no relacionamento entre marido e mulher, trazendo o significado de cuidado, zelo, dar atenção, ser diligente, agir com desvelo.

O termo *Stergô* é também usado para a relação entre amigos. Nesse contexto, tem o significado de fraternidade, afeição e benevolência. Como amor, manifesta-se de modo terno e benevolente. Há ainda três significados: o amor entre compatriotas, dos cidadãos para com o seu rei e dos soldados para com o seu comandante. Por fim, aparecem dois significados gerais: o de consentir e concordar com o outro e o de consentir ou dar perdão àquele que o ofendeu.

Esses conceitos de amor são extremamente importantes na Igreja, a qual é comparada a uma família. Dessa forma, cabe manifestar uns aos outros o amor, a companhia, o zelo, o cuidado e a proteção. Aos que lideram, cabe à Igreja amá-los com sujeição e submissão espontânea, visto que são autoridades colocadas por Deus para conduzi-la e exercer cuidado pastoral com a mesma (Hb 13.7,17; 1 Pe 5.5). Aos nossos pares, cabe demonstrar o amor que exerce cuidado e zelo e que dispensa atenção, mostrar-se diligente e agir com desvelo considerando um ao outro com fraternidade, afeição e benevolência.

A Igreja faz parte de um novo reino, o reino de Deus, cujos membros são compatriotas. Por isso, devem exercer o amor uns para com os outros e saber que, nesse reino, existe um rei que merece o amor de seus súditos; amor de submissão e de sujeição espontâneos. Por fim, os participantes da Igreja são conclamados a consentirem e a concordarem uns com os outros (Fp 2.1,2) e também consentir, dar perdão àquele que feriu ou ofendeu (Rm 12.17-21). O amor *stergô*, assim, se revela de suma importância no contexto da Igreja, como grande promotor da salvação do corpo de Cristo.

Nos textos do Evangelho de João (Jo 13.34,35) e na Carta aos Romanos, (Rm 12.10) Jesus e Paulo – através da orientação do Espírito de Cristo – lançam como imperativo o real amor que deve existir entre os cristãos. Esse amor deve ser demonstrado pela Igreja, grupo de pessoas salvas por Cristo Jesus, unidas por diversos vínculos como já descrito,⁸⁷ e que se compreendem por meio da ensino/aprendizagem do Evangelho. Aprenderam e, por processo constante,

⁸⁷ LEADERSHIP MINISTRIES WORLDWIDE, 1991, p. 64-65.

continuam aprendendo, que a Igreja é lugar da expressão do amor incondicional por meio do qual temos a aptidão de amar os seus inimigos (Mt 5.44). Esse amor não leva em conta as ofensas que porventura alguém possa causar em suas vidas. Esse amor é amor que perdoa. No exercício do perdão, promove-se a cura do interior do SER e sua salvação, não permitindo que mágoas se arraiguem e que inimizades e “diferenças” no corpo de Cristo permaneçam.

O amor mútuo faz com que a Igreja busque a cooperação recíproca. Pode-se afirmar que essas formas de amor constituem um mistério que torna unida uma família – quer seja carnal ou espiritual – em que todos saem em defesa do irmão e buscam com perseverança a preservação dos vínculos entre os seus membros.

3.2.2 Por que é necessário o amor?

O amor mútuo é o novo mandamento deixado por Jesus para seus discípulos. Na última ceia, Jesus deu este mandamento, atribuindo-lhe suma importância (Jo 13.34,35).

No contexto do texto acima, Jesus fala de sua partida. Diz que, em breve, não estará mais com eles. Conversa também sobre sua ausência e que, para supri-la, enviaria o Espírito Santo, Todo Suficiente e Eternamente Presente. Entretanto, sabia também que os discípulos teriam necessidade da presença do ser humano junto deles manifestando amor. Com isso, deixa o novo mandamento, que é mais amplo que o antigo, pois, no novo mandamento, o amor se estende para todos, mas primeiramente aos irmãos e às irmãs. Estes, em suas dificuldades espirituais, psíquicas, emocionais, físicas ou sociais, precisam de um genuíno cristão, alguém que os ame e que lhes estenda a mão amiga do companheirismo, da comunhão, do cuidado, do zelo e da harmonia e que, por meio da ajuda mútua, permita um ajuste na vida, ou seja, que haja Salvação.

Esse amor cria um vínculo na Igreja que a torna uma grande família espiritual onde irmãos e irmãs em Cristo comungam e desenvolvem a comunhão dos santos (1 Co 1.2). A Igreja vincula de forma singular os que manifestam o amor mútuo em permanente afeição cumprindo o “andar no Espírito” e o ser guiado por ele (Gl 5.16,18). Diante disso, os frutos da carne desaparecem. As divisões, os ciúmes, os sectarismos, as rivalidades não encontram lugar em uma Igreja que é regida pelo amor mútuo, porque este faz da Igreja uma comunidade de humildes,

que, em suas ações, seguem as orientações do apóstolo Paulo na Carta aos Filipenses 2.3,4. A Igreja passa a ser uma comunidade onde existe uma perfeita comunhão com Deus e de seus membros em Deus. Dessa forma, encontra a verdadeira sabedoria (Ef 1.17; Cl 1.9), que é a consagração de todos os poderes e habilidades para o bem-estar e para a comunhão da Igreja. Nessa comunhão, a felicidade e a prosperidade de um são a felicidade e a prosperidade dos que comungam com ele.

Esse amor de uns para com os outros é exercitado quando se deixa Deus atuar na vida e, conseqüentemente, na Igreja. Essa manifestação de amor mútuo manifesta a glória de Deus, que se torna visível no contexto em que os membros da Igreja vivem e, ao redor de onde a Igreja está plantada. Esse novo mandamento de Cristo não se manifesta em atos esporádicos. É sim um exercício constante, proveniente de uma decisão de vida profunda e permanente, que fortalecerá a Igreja dos ataques oriundos dos de dentro e dos de fora dela, provocando críticas, julgamentos, censuras e divisões.⁸⁸ Nestes momentos, os discípulos deveriam lembrar sempre da autoridade de Jesus e de como ele a exerceu e do amor com que ele os amou (Lc 22.24-30).

É bem verdade que essa forma de amor é um dom de Deus e só pode ser demonstrada pela reflexão do amor de Deus por meio de nós. Mas, ao mesmo tempo, esse amor é uma ordem do Senhor e não uma opção que o crente faz. Seu desenvolvimento também não é automático nem a sua manifestação sintomática ou espontânea. Na resposta que Jesus dá ao escriba, quando este perguntou sobre o maior mandamento (Mc 12.28-31), ele cita o *Shema* (Dt 6.4,5), que faz parte da oração de todo o Judeu piedoso que confessa a sua fé a cada manhã e noite. Esse amor é o amor colocado como um mandamento para os discípulos. Em João 15.8, Jesus afirma que é dando fruto que o fiel vai se tornando seu discípulo. Dessa forma, é no processo do aprendizado/manifestação que ele vai crescendo em amor e nisso há um misto de vontade, de intelecto e força e empenho da expressão de toda a personalidade para o desenvolvimento do amor mútuo na vida da Igreja.

Passamos a apresentar alguns pontos que mostram a necessidade do amor na Igreja.

⁸⁸ Neemias, ao construir o muro de Jerusalém sofreu estes tipos de ataque. Ver Ne 4.

3.2.2.1 *É o amor que traz a genuinidade para a Igreja de Cristo*

Onde há o amor, aí a Igreja como família de Deus é uma realidade. Aí todos os irmãos de Filho primogênito se amam uns aos outros e cuidam uns dos outros. Tanto o {amor cordial} como o {amor fraternal} são termos tomados do vocabulário da calorosa e espontânea afeição familiar.⁸⁹

Sem o amor, a Igreja deixa de exercer o seu papel no mundo e perde sua real razão de ser. Quando está unida pelo amor e unida a Cristo, ela se apresenta como Povo de Deus diante da sociedade na qual está plantada.

3.2.2.2 *O amor revela a verdadeira presença do Senhor na comunidade*

O amor revela a verdadeira presença do Senhor na comunidade e, por meio desse amor, demonstrado uns aos outros, e através do sacrifício de uns pelos outros, tem-se a nítida percepção de quanto é real a presença do Senhor no meio dos que assim agem. Podemos afirmar que o amor é a presença real de Jesus Cristo na comunidade. Esse amor faz a comunidade ser visível.

3.2.2.3 *O amor deve ser o princípio governante da vida cristã*

O amor deve ser o princípio governante da vida cristã individual e do corpo de Cristo, a Igreja. Quando o temos como princípio governante, ele será fonte de vida, que faz jorrar benção para os seres humanos, uma infalível fonte de bênçãos para os homens.⁹⁰ Se assim for, produzirá o desejo de afastamento de todo o contato com o mal, distanciando a Igreja de toda forma de possíveis malefícios que possam prejudicá-la, buscando um constante apego ao bem. Paulo – em sua carta aos Gálatas – revela como Deus vê a hostilidade entre os irmãos: “Pois toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não sejais mutuamente destruídos” (Gl 5.14,15).

⁸⁹ FRANSMANN, Martin H. *Carta aos Romanos*. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1972. p. 183.

⁹⁰ SCOTT, W Frank. John. In: *The Preacher's Complete Homiletic Commentary on the Books of the Bible*. v. 25. New York: Funk & Wagnalls, [s.d.]. p. 382.

3.2.2.4 Consequências da falta de amor na Igreja

A falta de amor mútuo leva a Igreja a corromper a fé e abre brechas para falsos ensinamentos que, por sua vez, retiram da Igreja a paz e a concordância. Aparecem diversas opiniões e dissensões trazendo amargura e julgamento de uns sobre os outros e, como resultado, a mútua condenação.⁹¹ A situação narrada por Provérbios 18.19 se multiplica na Igreja: “O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos de um castelo”. Paulo, diante dessa situação, afirma que, dentro da Igreja, estavam se “devorando” mutuamente. Esse devorar mútuo estava conduzindo a Igreja à destruição.

A hostilidade gera o corromper e o devorar mútuo que destroem a comunhão. Isso acontece porque existem, na Igreja, pessoas psicologicamente doentes. John Powell qualifica algumas delas em seu livro *Por que Tenho Medo de Ihe Dizer Quem Sou?*,⁹². Ele destaca “O dominador”, que, para dominar, precisa diminuir o outro. A busca em destruir e a tentativa em devorar o irmão se expressam por ataques que visam a diminuir o próximo com o objetivo de elevar-se. Essas reações trazem em seu bojo as obras da carne revelada em Gl 5.19-21. Hostilidade e destruição estão diametralmente opostas ao amor, à edificação e ao serviço mútuo. O amor manifesto na Igreja é capaz de curar diversos males, que perturbam os seus frequentadores, e promover a salvação.

Na abertura deste capítulo, falamos das três expressões de amor: o amor *Agapaô*, o amor *Phileo* e o amor *Stergô*. A manifestação do amor nessas três dimensões tem todo um poder de cura.⁹³ É também Collins⁹⁴ que escreve sobre uma série de problemas que podem ser encontrados na Igreja, os quais, por meio do amor e dos dons, podem ser tratados, apresentando, assim, a Igreja como uma comunidade terapêutica.

3.2.2.5 Sempre demonstrar amor

Em qualquer situação ou circunstância, os membros da Igreja sempre devem amar uns aos outros.

⁹¹ LUTHER, 1978, p. 330.

⁹² POWELL, John. *Por que Tenho Medo de Ihe Dizer quem Sou?* 3. ed. Belo Horizonte: Crescer, 1986. p. 131.

⁹³ COLLINS, 2004, p. 21, 22.

⁹⁴ COLLINS, 2004, p. 551-572.

A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei [...]. O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor. (Rm 13.8,10).

O texto aponta que a Igreja nunca ama o suficiente. Ela sempre deve o amor, seja para com os “de dentro”, seja para com os “de fora”. Na manifestação desse amor, presta-se serviço espiritual que excede ao entendimento humano. Ele aceita o próximo do jeito que está; na situação em que se encontra. Não espera que ele se transforme para então poder amá-lo. Esse amor é semelhante ao de Jesus para com o leproso em Mt 8.1-4: É o amor que vai até o necessitado e auxilia-o nas suas demandas e fraquezas. Esse amor, que é manifesto na Igreja, é um trabalho em conjunto para o bem mútuo. Ele não é direcionado, antes é movido em todas as direções, e sua fonte é o amor de Cristo que move cada pessoa a expressar o amor.

O dever desse mandamento é diferente do dever da lei. A lei é não fazer. O mandamento do amor é realizar. A Igreja é chamada a estar consciente de que esse amor é um débito que não termina. Ela está constante, infinita e permanentemente devendo esse amor. O cristão deve considerar-se sempre um devedor do amor. Este, ao contrário da lei, apresenta-se de forma positiva cumprindo com os ditames do Evangelho. Quem exerce esse amor, em momento algum, há de praticar o mal.

Por mais que os irmãos de uma Igreja manifestem esse amor, não conseguirão pagar essa dívida de amor que o apóstolo Paulo cita. Quanto mais se ama mais se percebe que é preciso amar. Percebe-se também o quanto o amor é importante para que a Igreja tenha o seu equilíbrio doutrinário, equilíbrio espiritual, psíquico físico e social. Existem duas verdades importantes desse amor na Igreja. Quanto mais os membros percebem a grandeza da dívida e pagam esse amor, mais ricos em amor se tornam para poder pagá-lo. Agostinho afirmou que: “O amor que damos não está perdido para nós, mas ele se multiplica quando o damos”.

3.2.3 Deus nos capacita o SER para exercer este amor

O homem foi criado para amar. No entanto, com a sua queda – pela entrada do pecado – a sua capacidade de amar convergiu-se toda sobre si mesmo, tornando-o individualista e egoísta. Ao escrever aos romanos, Paulo cita o assunto dizendo: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque

a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer (Rm 3.10b-12).

A natureza pecaminosa torna o homem pleno de injustiça em sua natureza e em seus atos e sua vida é uma vida com visão distorcida e imperfeita que torna imperfeitos os pensamentos, palavras e atos. Assim, ele não consegue entender ou compreender as coisas essenciais do viver. Perdeu a capacidade de colocar as “coisas em ordem”, a percepção do que é o real viver. Passou a seguir a sua própria verdade e considerou que as melhores coisas que poderia ter eram as provenientes de seu coração. Deixou de procurar a Deus, fonte de toda a verdade.

O homem não se percebe um necessitado de Deus que é a verdade e a vida. Se ele é a verdade e a vida, isto significa que ele é o Supremo, o Único que deve ser glorificado, honrado e obedecido. No entanto, no comportamento para com o único Deus que é vida e verdade, o homem se mostra indiferente e autônomo. “Não há quem procure a Deus”. O homem natural é pecador, indiferente e autônomo.⁹⁵

Para restaurar essa maneira de ser, dominado pelo pecado, é necessário remover o SER da situação do pecado para que possa ter comunhão com Deus. (Rm 5.1). Nessa restauração, o SER passa a vivenciar uma vida e situação novas em sua relação com Deus. A incorruptível semente de Deus está amalgamada com o SER transformando-o em um filho de Deus. Segundo o Apóstolo Pedro,

Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos de coração, uns aos outros ardentemente, pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”. (1 Pe 1. 22,23)

E ainda em sua segunda carta: “[...] pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina [...]” (2 Pe 1. 4). Nos dois textos, destaca-se a participação daquele que exerce fé salvífica em Cristo como participante da natureza divina. Em Cristo, os que aceitam a Palavra são regenerados; vieram ao novo nascimento (Jo 3.3,5). Eles vieram à obediência que procede de uma alma purificada e santa, por meio de uma fé verdadeira. Essa purificação liberta o SER da inclinação para o mal. A regeneração também permite o amor fraternal não fingido (*Phileo*) que é proveniente da irmandade em Cristo e a capacidade de dar-se em

⁹⁵ LEADERSHIP MINISTRIES WORLDWIDE, 1991, v. 7, p. 57.

amor (*Agapaô*), que se manifesta sincera e proveniente de um coração grato a Deus pelo grande amor com que foi amado. Ele se manifesta em amor sem intermitência.⁹⁶

Outro modo pelo qual Deus nos capacita a amar é o seu próprio amor para conosco. Por meio desse amor, ele nos ensina a amar. Sua Palavra nos diz: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4.19). John Stott afirma que “A nossa grande característica, se somos cristãos, diz ele [João], não é que tememos, mas que amamos. O amor de Deus existe primeiro; todo verdadeiro amor é uma resposta à sua iniciativa”.⁹⁷ Este amor de Deus está derramado ou espalhado sobre o coração dos fiéis, em Cristo que os capacita, dessa forma, para o amor (Rm 5.5).

O amor de um filho de Deus é sempre proveniente do prévio amor de Deus por ele. Assim, as suas características e as atitudes são vistas como provenientes de uma profunda fé em Deus, uma fé que transborda na forma de abnegação e de um entregar-se em amor. Isso somente é possível se o SER experimentou, em sua vida, o poder transformador do amor de Deus por intermédio de Cristo Jesus. Quando esse milagre acontece, ele se encontra a si mesmo, abrindo possibilidades para um processo de renovação interior, atingindo o seu espírito, seu intelecto, sua psique e suas emoções. Nesse encontro, também se renovam as relações sociais, tais como família, emprego, amigos, cidadania, etc.

Ao encontrar o amor de Deus, ele entra na comunhão com os santos; encontra a companhia de outros seus semelhantes, dos quais recebe amor e manifesta o amor. Ambos demonstram o amor que os transformou. Porque Deus é amor e o expressa de forma abundante e sensível o seu amor é que nós podemos amar. Através de sua maneira de nos amar, ele nos instrui no amor.

Queremos citar um fator importante na expressão do amor: a questão da autoimagem. Para que se possa amar é necessário a própria autoaceitação. Isso significa saber receber e usufruir do amor dos outros e do amor de Deus. Ao receber tal amor livremente, o SER atribui uma valoração correta para si mesmo. O SER se aceita e se ama como foi criado por Deus. Sem esse amor, não se pode amar aos

⁹⁶ BIGG, Charles. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Peter and St. Jude*. Edinburgh: T & T Clark, 1969. p. 122.

⁹⁷ STOTT, John R. W. *I, II e III João: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 146-147.

outros. Jacques & Claire Poujol⁹⁸ escrevem sobre essa autoaceitação em quatro pontos, afirmando que é preciso que o cristão

(1) se aceite tal qual se é: “Acolher-se, tornar-se quem se é, existir por si mesmo, saber-se único. [...] (2) Aceitar os outros: Estabelecer e manter boas relações com os outros, pois a vida sempre vem do Outro. Amá-los como eles são. [...] (3) Aceitar a vida: Paradoxalmente, *a felicidade consiste em aceitar a vida tal como é, sem abrir mão de mudá-la.* [...] (4) Discernir e realizar a obra que Deus preparou de antemão para nós.

O desfrutar de uma vida de amor segundo Jacques e Claire Poujol passa por amar-se a si mesmo, amar aos outros, amar a vida e amar a Deus.

3.2.4 Como deve ser este amor?

Este amor deve ser como o amor com o qual Cristo nos amou. João, o Evangelista, afirmou que Jesus amou os seus e amou-os até ao fim (Jo 13.1). Era chegada a hora da crucificação, hora em que, voluntariamente, por amor aos seus e pelos homens, Jesus se sacrificaria. Mesmo sendo o Filho de Deus, Jesus aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu. (Hb 5.8). Por isso, pode se compadecer de nós e entender nossas fraquezas. Lembra-nos Hoch que

Às vezes, é na crise que a pessoa humana passa a conhecer as camadas mais profundas da sua própria existência. Quem não passou pela escola do sofrimento, não só permanece pobre no conhecimento de si mesmo, como será incapaz de se solidarizar com a crise e o sofrimento do outro. Falando em linguagem teológica: se é verdade que na crise existe uma cruz, é igualmente verdade que na crise pode haver uma bênção – a bênção de sermos confrontados com os limites da existência humana e dessa forma nos abrimos para as realidades últimas.⁹⁹

Cristo passou pelo sofrimento e compreendeu, em absoluto, o que é sofrer. Diante disso, ele pode compadecer-se daquele que sofre, ser simpático a ele e amá-lo no meio de seus sofrimentos. Essas atitudes de Cristo são salvíficas e promovem a cura do SER. Seu amor é um amor que se apresenta perfeito, pois se oferece como servo, no momento em que lava os pés dos discípulos. Também é o Senhor na hora da Instituição da Ceia, a qual fala sobre a sua glorificação. “Agora foi

⁹⁸ POUJOL, Jacques & Claire. *Manual de Relacionamento de Ajuda*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 319-320.

⁹⁹ HOCH, Lothar C. A Crise Pessoal e sua Dinâmica: Uma Abordagem a Partir da Psicologia Pastoral. in: SANTOS, Hugo N. *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 143-154. p. 153.

glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele; se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; glorificá-lo-á imediatamente” (Jo 13.31b,32). O amor de Deus tem na mente a necessidade da salvação de seus discípulos; não só dos discípulos, mas de todo aquele que se aproximará dele com fé. O amor dele não tem limites. Por isso, o texto diz: “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”.

(1) Como a paixão de Jesus ocorreu antes da festa judaica da Páscoa (cf. 18.28; 19.14,31,42), o drama do verdadeiro Cordeiro pascal (1. 29,39) devia ser encenado tendo a história sagrada de Israel como pano de fundo. (2) Diferentemente das situações anteriores, quando prematuramente pressões humanas se exerciam (2.4; 7.30; 8.20), a hora de Jesus voluntariamente se sacrificar era agora chegada no cronograma divino. (cf. 12.23,27; 17.1). (3) O maior ato de obediência envolvia amar os seus até o fim (cf. 1.11,12), quantitativa (isto é, ao amargo fim de sua vida) e qualitativamente (isto é, ao derradeiro degrau; cf. 15.13).¹⁰⁰

Os atos de seu amor são revelados nas Escrituras. Para conhecermos melhor o amor de Cristo, passamos a destacar alguns dos atributos do amor e das ações de amor do Mestre contidos no Novo Testamento:

- a. Ele se torna servo por aqueles a quem ama (Fp 2.7);
- b. Age sempre com mansidão e benignidade (2 Co 10.1; Mt 11.29);
- c. Compadece-se das fraquezas do SER (Hb 4.15);
- d. Ele socorre o necessitado (Hb 2.18);
- e. Tem paciência para com os seus (2 Pe 3.9).
- f. Perdoa as ofensas (Cl 3.13; 1 Jo 1.9);
- g. Carregou sobre si os pecados de todos os que nele crêem (1 Pe 2.24);
- h. Através de seu sacrifício purifica o SER de todo seu pecado (1 Jo 1.9);
- i. Deu-se a si mesmo para a remissão dos pecados (Tt 2.14);
- j. Deu sua própria vida por amor aos que lhe pertencem (Jo 10.11);
- k. Dá vida em abundância aos seus (Jo 10.10);
- l. Prepara um lugar para os fiéis (Jo 14.2);
- m. Vive intercedendo pelos seus (Hb 7.25);
- n. Entrega-se totalmente aos que ama (Jo 10.17,18).

¹⁰⁰ HULL, William E. João. In: *Comentário Bíblico Broadman*. Allen, Clifton J. (Ed.). Rio de Janeiro: JUERP, 1983. p. 379.

Se o amor na Igreja de uns pelos outros for verdadeiro como descrito neste capítulo, intenso, extenso e sério à semelhança de Cristo, ela se manifestará como uma comunidade terapêutica. A cura d'almas, o exercício da compreensão, da exortação e do aconselhamento serão fatos corriqueiros e comuns do cotidiano, do viver da Igreja. O perdão mútuo acontecerá e, por meio do amor intenso de uns para com os outros, a Igreja estará cobrindo uma multidão de pecados (1 Pe 4.8).

Jesus amou os seus discípulos até o último momento, ciente de todas as coisas que ainda lhe aconteceriam (Jo 13.1). Sabia que todos o abandonariam, que Pedro o negaria com veemência e que Judas o trairia. Isso se registrou como um dos momentos mais difíceis de sua vida. Ainda assim, ministra o ensinamento mais importante e, talvez o mais difícil de se aprender. Esse é o ensinamento que tornará genuíno o discípulo e a irmandade de Cristo; o princípio que deverá reger a vida de cada um dos que lhe pertencem e a vida comum entre eles. Jesus ensina o AMOR DE UNS PARA COM OS OUTROS. Ele concluiu seus ensinamentos na instituição da ceia dizendo:

Novo mandamento vos dou: **que vos ameis uns aos outros**; assim como eu vos amei, **que também vos ameis uns aos outros**.
Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: **se tiverdes amor uns aos outros**. (Jo 13.34,35) (Destiques nosso)

Nesse texto, Jesus exorta para que seus discípulos amem uns aos outros. Conclama-os a amar com o mesmo amor com que ele os amou. Este amor não depende de motivos, ou receptividade; ao contrário, é um amor que é demonstrado mesmo na adversidade e até mesmo na inimizade. Ele ama seus discípulos; ama mesmo sabendo que o abandonarão. Ama Pedro que o negará e ama Judas que será o seu traidor. Para viver assim, há necessidade de disposição e coragem. É só vivendo assim que realmente se vive a vida real do corpo de Cristo, que é a Igreja.

A Igreja precisa responder a essa convocação e se dispor a viver dessa forma. Dispor-se a amar os irmãos com o amor que se entrega completamente, com o amor que vela e cuida dos seus e com o amor cordial semelhante ao amor que Cristo Jesus, em seu ministério, manifestou pelos seus discípulos. Dessa forma, o ministério de Jesus continuará na vida dos seus discípulos cuidando, curando e salvando o SER. O próprio Cristo falou isto. Falou a seus discípulos que os que creem nele farão também as mesmas obras que ele faz (Jo 14.12).

A Igreja precisa crescer sempre nesse amor e perceber que continuamente é devedora de amor aos que fazem parte dela e que recebem o seu testemunho. Se ela viver dentro desse amor, deixará de viver para si mesma e poderá exercer um ministério integral. Será livre e passará a ter olhos para o mundo e, assim, perceber que este carece de amor. A integralidade que a Igreja deve libertar e potencializar, em primeiro lugar, é a integralidade espiritual do SER. Isto significa ajudar as pessoas a experimentar cura e crescimento na dimensão vertical.¹⁰¹ Entretanto, a libertação integral compreende também

[...] libertação *de*, libertação *em direção a* e libertação *para*. É libertação *em direção* à vida em toda a sua plenitude – para solicitude e competência crescentes e para um modo de vida criativo. É libertação *para* uma vida no Espírito, que expressa serviço amoroso. É libertação *das* muitas forças, existentes em indivíduos, relacionamentos, grupos e instituições, que limitam, constringem e, às vezes, sufocam o pleno desenvolvimento das possibilidades humanas queridas por Deus.

O aconselhamento pastoral, por meio da *poimênica*, buscará o crescimento integral do SER por meio de

- Avivar sua mente;
- Revitalizar seu corpo;
- Renovar e enriquecer seus relacionamentos íntimos;
- Aprofundar sua relação com a natureza e a biosfera;
- Crescer em relação às instituições significativas em sua vida;
- Aprofundar e vitalizar seu relacionamento com Deus.

Vale lembrar que a *poimênica* e o aconselhamento pastoral são tarefas da Igreja e são sempre manifestação de amor.¹⁰² Queremos terminar este capítulo com uma citação do Preacher's Outline.¹⁰³ Quando o amor de Jesus reside no coração do cristão, várias coisas acontecem na vida dele. Ele passa a ter um amor que lhe causa uma série de manifestações. Entre elas estão:

- Ele une a sua vida com a vida de outros crentes;

¹⁰¹ CLINEBELL, H. J. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e Crescimento*. 4. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 28-29.

¹⁰² ADEN, Leroy and ELLENS, J. Harold. *Turning Points in Pastoral Care: The Legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner*. Grand Rapids: Baker Book House, 1990. p. 187ss.

¹⁰³ LEADERSHIP MINISTRIES WORLDWIDE, 1991, v.5. p. 280.

- Ele vincula a sua vida nos mesmos propósitos dos outros crentes;
- Ele submete o seu querer e do seu ser aos mesmos pensamentos dos outros crentes;
- Ele entende e sente como os outros crentes;
- Ele perdoa os outros – sempre;
- Ele sacrifica a si mesmo pelos outros – sempre;
- Ele procura o bem-estar do outro crente antes do seu próprio;
- Ele sacrifica seu ser completamente.

3.3 A Expressão da Exortação Mútua

A palavra exortação tem perdido muito sua força nos últimos tempos por diversos motivos. Um dos principais motivos é a filosofia de vida do tempo presente, que tem desenvolvido o individualismo. Umberto Galimberti¹⁰⁴ escreve sobre esse individualismo e o apresenta como:

[...] esperança desiludida a respeito da possibilidade de encontrar um sentido, inércia em vista de um produtivo ter o que fazer, superabundância e opulência como soníferos sociais, indiferença diante da hierarquia dos valores, tédio, *spleen* sem poesia. Incomunicabilidade, não como fato fisiológico entre gerações, mas tomada de posição. Um vazio pleno de renúncia, ensurdecido somente pela música a todo o volume. Todos esses fatores escavam um terreno no qual toma forma aquele gênero de solidão que não é o desespero que atazana todos aqueles que um dia esperaram, mas uma espécie de ausência de gravidade de quem se encontra a mover-se no social como um espaço em desuso, no qual não é o caso de enviar alguma mensagem, porque não existe alma viva que a acolha, e no qual se tivesse de gritar “socorro” o que retornaria seria somente o eco do próprio grito.

O individualismo é tal e a solidão tão profunda que, como diz Umberto, não há quem responda a um grito de “socorro”. Ainda para Galimberti, existe um segundo motivo que está no desenvolvimento das Igrejas. Nas últimas décadas, a Igreja mudou o foco litúrgico. Hoje, a maioria delas tem o louvor e a adoração, os cânticos, como parte central do culto. E, em boa parte das Igrejas, o instrumental e o *backvocal* são tão altos que são quase ensurdecedores, não permitindo, muitas vezes, que aquele que canta ouça sua própria voz. Em seguida, vem petições e orações por milagres e curas e, só num terceiro momento, é que vem a Palavra, que

¹⁰⁴ GALIMBERTI, Umberto. *Os Vícios Capitais e os Novos Vícios*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 125.

é, de acordo com o nosso entendimento, promotora de todas as coisas ligadas à vida cristã. Na maioria das vezes, a Palavra é mal interpretada. Onde ela não é pregada, entretanto, as doutrinas se corrompem e o povo se perde. Diante disso, perdeu-se o foco da salvação, conforme definido no início dessa dissertação. O processo de salvação exige relacionamento mútuo, mas o que vemos é que a Igreja oferece “louvor e adoração”. Como diz Galimberti, música com som tão alto, que cada um só ouve a si mesmo, quando é possível ouvir-se. Nessas condições, não é viável ter comunhão em um momento tão precioso como o do “louvor e o da adoração” em comunidade. Nas orações, cada um busca seus interesses terrenos, sendo que Deus diz que devemos buscar primeiro o seu Reino (Mt 6.33).

Uma terceira causa é, de certa forma, um desvirtuamento do conceito do termo exortação. Geralmente, quando alguém fala em “exortar”, sobe à mente da pessoa que ouve a ideia de uma palavra mais dura, áspera e austera seguida de uma repreensão. Quando se examina os textos originais, percebe-se que seu principal sentido é “colocar-se ao lado de alguém” para consolar ou confortar.

3.3.1 Definição de Exortação

A palavra grega *Parakaleo* no *Dictionnaire Grec-Fraçais de Baili*¹⁰⁵ tem o significado de “chamar para perto de si”, “apelar para alguém demandando conselho”, “exortar”, “apelar por socorro”. O *Greek-English Lexicon of the New Testament de Arnd e Gingrich*¹⁰⁶ traz os significados de “chamar alguém para o lado”, “convidar”, “chamar o outro para ajudá-lo”, “convocar alguém para auxiliar”, “confortar”, “encorajar”, “falar de maneira amigável”. No Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento,¹⁰⁷ temos que a palavra *Parakaleo*

“Aparece 109 vezes no NT e significa (a) “conclamar”, “convidar”, “pedir”, “implorar”; (b) “exortar”; (c) “consolar”, “encorajar”. O sub. ‘Paraklêsis’ significa “exortação”, “encorajamento”, “apelo”, “pedido”, “conforto”, “consolo”.

É difícil traduzir exatamente qual é o significado dos termos no texto, pois são muito próximos. Os tradutores procuram examinar o contexto e, através dele, buscar uma melhor tradução. Mesmo assim, há casos em que fica muito difícil saber

¹⁰⁵ BAILI, 1950, p. 1464.

¹⁰⁶ ARND; GINGRICH, 1979, p. 617.

¹⁰⁷ BROWN, v. II. 1982, p. 177.

exatamente o que pretendia dizer o escritor sagrado, especialmente sobre os termos exortar, encorajar confortar e consolar.¹⁰⁸ Na verdade, aquele que executa uma dessas palavras, de certa forma, executa as quatro, pois uma palavra de conforto é sempre uma palavra de exortação, de encorajamento e de consolo e a de consolo, por sua vez, é também de conforto, de encorajamento e de exortação. As quatro se manifestam juntas. A exortação é exercida pela Igreja desde os primeiros momentos de sua existência. Conforme At 15 32, era exercida com a leitura das cartas. “Silas e Judas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram”. A exortação às Igrejas era uma das atuações frequentes do apóstolo Paulo. Ele

Anima os Filipenses a se exortarem mutuamente (Fp 2. 1). Envia Timóteo para, entre outras coisas, exortar a igreja (1 Ts 3. 2; cf. Rm 12. 8). Este ministério de exortação, atestado desde o período mais antigo, é provavelmente a situação histórica (*Sitz im Leben*) das passagens parenéticas que se acham especialmente no fim das Epístolas de Paulo. Paulo considera que é seu dever seguir o costume normal da igreja primitiva, exortando a comunidade (1 Ts 4. 1; Fp 4. 2; Rm 12. 1). Teologicamente, no entanto, Paulo dá à exortação uma base específica. Não dá aos seus leitores uma instrução moral direta, mas dirige-se a eles “através de” (*dia*) Deus ou Cristo, de tal modo que o apóstolo considera que sua admoestação é administrada “pela misericórdia de Deus” (Rm 12. 1; Cf. v. 3), “Por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito” (Rm 15. 30); “pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co. 1. 10 [...]); pela mansidão e benignidade de Cristo (2 Co 10. 1)¹⁰⁹.

Exortar tem como significado principal chamar alguém ao seu lado para encorajá-lo, consolá-lo e fortalecê-lo. É exercer certa pressão positiva por meio das verdades bíblicas, levando o irmão ao conforto e à edificação em Cristo. É exercer esforço para que o outro encontre solução de seu problema ou dificuldade. É ajudá-lo a enfrentar os obstáculos por meio dos conceitos bíblicos, segundo a vontade de Deus.¹¹⁰

O que exorta se relaciona com simpatia e fala de coração para coração, com o objetivo de atingir o centro da volição, do intelecto e das emoções, exercendo uma influência no sentido de que aquele que é exortado possa, como diz Paulo, “transformar-se pela renovação de sua mente” (Rm 12.2). O objetivo de toda a exortação está colocado nesse mesmo versículo quando afirma: “para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. A exortação

¹⁰⁸ BUTRICK, 1951, v. 2, p. 185.

¹⁰⁹ BROWN, 1982, v. 2, p. 177.

¹¹⁰ ADAMS, Jay. *O Manual do Conselheiro Cristão*. São Paulo: Fiel, 1982. p. 150.

está, de certa forma, ligada ao ensino e à instrução, porém, em momento algum, exortação é sinônimo de ensinar. Ensinar quer atingir, em primeiro lugar, o intelecto, ministrando um novo conceito a um conjunto de conceitos já aprendidos. Tem como alvo colocar todos esses conceitos de forma ordenada, em prática. A exortação tem como alvo principal atuar na vontade e na disposição daquele que é exortado.

No contexto das Igrejas, evidencia-se várias ocasiões em que irmãos mais fracos necessitam de uma exortação por motivo de uma “queda”, levados pelo engano do mal ou da própria ‘carne’. Paulo, aos Gálatas, exorta que se algum irmão for apanhado em falta, os que são mais maduros na fé deverão corrigi-lo com espírito de brandura, sabendo que ele mesmo pode cair em tentação (Gl 6.1).

No entanto, ainda que no contexto eclesial se tenha noção do que é uma exortação, muitos dos “espirituais” da Igreja não a exercem. Tiago afirma que “aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando.” (Tg 4.17). Muitas vezes, seria suficiente se aproximar do irmão com dificuldades e auxiliá-lo com a citação de um texto bíblico, pois a Palavra tem o poder de exortação e de encaminhamento; a Palavra é consoladora e tem o poder de encorajar e fortalecer. (Sl 119.50; Dt 3.28; Jó 4.3; Ex 15.3).

3.3.2 A Necessidade da Exortação

Como já dito anteriormente, Paulo usa a expressão “corpo de Cristo” para designar a Igreja (Rm 12.5; 1 Co 10.16; 12.27; Ef 5.30). Na Igreja, somos muitos membros como em um corpo que funciona equilibradamente, cada membro exercendo a sua função para que haja saúde. Também na Igreja é necessário que cada um dos membros exerça a função determinada pelo Espírito Santo para que haja salvação nesse corpo. Na Igreja, dependemos uns dos outros, e essa mutualidade da fraternidade cristã é enriquecida pelas diferentes funções que cada um exerce dentro do corpo. Em 1 Co 12. 26, Paulo afirma que “quando um sofre todos sofrem com ele”. Ele usa a palavra grega *sumpatheia*, que significa prender-se no sofrimento do outro, vivenciar a compaixão, provar dos mesmos sentimentos ou impressões.¹¹¹ João Calvino,¹¹² sobre esse versículo, escreveu que

¹¹¹ BAILI, 1950. p. 1825.

¹¹² CALVINO João. *1 Coríntios*. 2. Ed. São Bernardo dos Campos: Parakletos, 2003. p. 389.

Existe no corpo humano uma simetria [*sumpatheia*] que se um membro sofre alguma avaria, todo o resto do corpo participa de sua dor; assim como também participa do seu bem-estar quando se acha plenamente saudável. Portanto, não existe nele nenhum espaço para a inveja ou para o desdém. Ser *honrado* é usado aqui num sentido amplo de viver *em prosperidade e felicidade*. Ora, não há nada que mais fomente a harmonia do que esta disposição recíproca, em que cada um por sua vez compreende que é enriquecido pelos benefícios de cada partícula que vem dos demais, e que, quando os demais sofrem alguma avaria, aquela parte se empobrece juntamente com o todo.

No que está relacionado à mutualidade, tem grande importância a expressão de Paulo para designar a Igreja como corpo de Cristo (1 Co 12.27). O conceito que Paulo quer passar a seus leitores é que a Igreja forma uma unidade. Esse conceito vem trazer a ideia de que, na prática da Igreja, todos estão interligados e se relacionam mutuamente. Como o próprio Calvino¹¹³ designa, há diversidade no corpo, pois os membros possuem diferentes dons. Em razão dos diferentes dons e funções de cada um dos membros do corpo é que se manifesta a Pessoa de Cristo na Igreja (1 Co 12.12). Por meio da expressão de seus variados dons, aptidões e capacitações para os serviços executados pelos membros do Corpo de Cristo, mais e mais eles se unem e se tornam interdependentes.

O verdadeiro fato é que eles (Igreja de Corinto) individualmente e coletivamente são constituídos através da manifestação dos dons não simplesmente um corpo de cristãos (expressão que seria a natural a ser usada), mas o *Corpo de Cristo* desde que eles se tornaram um em Cristo os dons espirituais existiram e desde que os dons existem, e desde que os dons foram outorgados em ordem, tornou-se possível uma comunidade humana na qual opera o Cristo.¹¹⁴

É nessa comunidade que a exortação tem trânsito livre, pois, no Corpo de Cristo, há situações, ocasiões e oportunidades todos os dias para o exercício da exortação. Assim era na comunidade dos hebreus. Por isso, o escritor da carta alerta: “Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado” (Hb 3.13). O chamamento nesse texto destina-se aos cristãos, para que estejam em estado de alerta não somente por suas vidas, mas também pelas vidas dos irmãos e pelo Corpo de Cristo. Trata-se do chamado para ajudá-los a não cair em pecado, fazê-los crescer e progredir no conhecimento da Palavra, no amor e na fé em Jesus Cristo.

¹¹³ CALVINO, 2003, p. 291ss.

¹¹⁴ BARRET, C. K. *The First Epistle to the Corinthians*. New York: Harper & Row, 1968. p. 282.

Uma das razões pelas quais Pedro declara que os salvos por Cristo formam um “sacerdócio real,” é o ministério da exortação em Cristo. Na exortação, cada um é um sacerdote que representa Deus diante do irmão no processo de exortação. A exortação tem como alvo alertar os fiéis para que nenhum venha a ser endurecido pelo engano do pecado. No mesmo capítulo 3, versículo 12, o escritor exorta: “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo.”

Não é necessário analisar a expressão “um perverso coração de incredulidade” visto que qual dos dois vai estabelecer: o perverso coração visto como resultado da incredulidade ou a incredulidade do perverso coração; o ponto principal a se observar é que a incredulidade com culpabilidade moral tem suas implicações mais adiante no ver. 13. O incrédulo assim condenado nas Santas Escrituras não o é por mera incapacidade intelectual; ele é condenado especificamente porque o homem é responsável por sua própria conta e por seu próprio querer por falta de cuidados.¹¹⁵

A maioria dos exegetas, tais como Bruce,¹¹⁶ Robertson,¹¹⁷ Calvino,¹¹⁸ Barret,¹¹⁹ interpretam esse texto no sentido de que, se o membro da Igreja persistir num perverso coração de incredulidade, pode cair na fé. Por isso, o escritor mais uma vez exorta:

Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto, onde vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos. Por isso me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos. Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. (Hb 3.7-11).

Esses textos mostram a necessidade da exortação na Igreja em virtude do perigo dos fiéis deixarem os caminhos do Senhor e seguirem seus próprios caminhos. Essa ação não é atitude repentina; de momento, mas é um processo que vai se desenvolvendo. Nesse processo, o cristão entra em um estado mental habitual que se dá quando se deixa enganar pelo pecado. O pecado, nesse texto, é personalizado e tem força para enganar àqueles que deixaram de zelar pela fé e foram perdendo o vigor da vida cristã. Assim, o caminho da justiça é desprezado.

¹¹⁵ BARMBY, J. Hebrews. In: SPENCE H. D. M. *The Pulpit Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1950. p. 88.

¹¹⁶ BRUCE, F. F. *The Epistle to the Hebrews*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1979.

¹¹⁷ ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. New York Harper & Brothers, 1932.

¹¹⁸ CALVINO, 1977.

¹¹⁹ BARRET, 1968.

Aquele que age assim segue caminho semelhante ao caminho do filho pródigo. Cansado da casa do pai, ele pede o que lhe pertence e vai viver uma vida dissoluta. Com isso, aparece uma repugnante direção que o SER segue e que é reforçada por uma mente tentada, levando-o ao engano e à racionalização do mal, o que termina por trazer resultados de um endurecimento do coração. A redução sensível da consciência o leva a uma tremenda dificuldade para reconhecer os retos caminhos e a comunhão com o Senhor.¹²⁰

Em outro lugar (Hb 10.24,25), o escritor faz uma nova exortação aos Hebreus para que eles se estimulassem vigorosamente uns aos outros ao amor e às boas obras; que não deixassem a congregação dos fiéis, pois há grande perigo em fazê-lo. O abandono da congregação acaba por criar maiores possibilidades do maligno tentá-los e, assim, criar grandes probabilidades deles sucumbirem às tentações. Muitos dos que estavam cheios de fé e do conhecimento de Cristo haviam recebido o Evangelho, experimentaram a bondade de Deus, “provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo e provaram da boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” (Hb 6.4,5), apartaram-se por causa da incredulidade e da dureza do coração. Por tudo isso, é importante manter-se em constante vigilância e desenvolver todos os possíveis auxílios para conservar a Igreja no temor do Senhor.

Devemos, pois, olhar de frente a este perigo a seu devido tempo, porque está perto de todos nós e nada há tão fácil como o ser enganado; e desse erro vem, com frequência, a dureza de coração. Daqui vemos: quão necessário é para nós o ser despertado pelo incessante aguilhão das exortações! O apóstolo não só dá um preceito geral para que todos tenham cuidado de si mesmo, senão também deseja que todos estejam solícitos em velar pela salvação de cada crente, para que não permitam que nenhum dos que tenham sido chamados pereça por sua negligência. O crente deve sentir que é seu dever vigiar por todo o rebanho, sem descuidar de uma só ovelha, executa neste caso, o ofício de um bom pastor¹²¹.

Em todas as Igrejas, sempre serão encontrados irmãos que passam por problemas, por tentações, com dificuldades para assumir decisões, ou que estão enfraquecidos na fé, ou ainda enredados pelo poder do engano do pecado. Na grande maioria das vezes, tais irmãos, que necessitam urgentemente de uma palavra de exortação, não são exortados, visto que seus pares, ainda que conheçam

¹²⁰ BRUCE, 1979, p. 67.

¹²¹ CALVINO, 1977, p. 79.

o procedimento que Deus espera deles, não o fazem. Estes mesmos estão debaixo de fraquezas impostas pelo inimigo e se sentem enfraquecidos para procederem conforme a vontade divina. Sempre que a primeira ou a segunda situação acontece, temos diante de nós o exemplo de alguém enredado por Satanás. Não são muitos os “espirituais” conforme Gl 6.1. E estes, por motivos diversos também não exercem a exortação. O Diabo costuma enredar os fiéis em Cristo. Fez isso no passado e continua a fazer no presente. No Segundo livro das Crônicas, capítulo 29, versos 6-8, o escritor mostra o procedimento de Israel, que pode ser comparado à ação de alguém que é enredado pelo pecado (1 Co 10.11). As características apresentadas no livro das Crônicas mostram:

- Um agir traiçoeiramente (Tentar esconder o mal feito através de enganos);
- O tornar-se impuro;
- O tornar-se infiel;
- O corromper-se pelo engano do pecado;
- O deixar a comunhão com o Senhor;
- O rejeitar a Deus e não reconhecer a sua presença;
- O cair na Idolatria, fonte de todas as misérias;
- O virar o seu rosto da habitação do Senhor com o que, cessam as orações, a adoração e o louvor;
- O dar as costas ao Senhor e fazer o que é mal aos olhos de Deus.

Uma vez que isso acontece, o cristão perde o vigor da vida cristã, a força e a vontade para viver a vida, segundo as Escrituras. Aos poucos, por meio de um processo, começa então a viver segundo a vontade da carne (Gl 5.16,17) e as consequências logo o fazem refletir. Ele deixa de dar ouvidos à voz do Senhor, começa a caminhar na dureza do seu coração, desenvolve a incredulidade, torna-se um filho desobediente, começa a vacilar na fé e termina por cultuar outros deuses em sua vida prática.

Cada passo que dará nesse caminho tornará seu coração mais empedernido, não permitindo a ação do Espírito Santo. Esse procedimento vai entristecer o Espírito de Deus, conforme Ef 4.30, ou mesmo apagá-lo, conforme 1 Ts

5.19. James D. Crane,¹²² em um belo sermão, dá o exemplo de Pedro, que seguiu esse caminho.

Texto : Marcos 14: 66-72

Título: O Caminho da Negação

Proposição:

A experiência do apóstolo Pedro ilustra esta importante verdade: que um servo de Deus não chega a negar ao seu Senhor senão através de um trágico processo de descenso espiritual.

Oração de transição:

Tracemos os *passos* que conduzem à negação do nosso Senhor e Salvador

I. O primeiro *passo no* caminho da negação se dá quando se tem demasiada confiança e si mesmo. Jo 13. 37.

II. O segundo *passo no* caminho da negação se dá quando se descuida da oração. Mc 14. 37

III. O terceiro *passo no* caminho da negação se dá quando se lança mão das armas da carne em defesa da causa do Senhor. Jo 18. 10

IV. O quarto *passo no* caminho da negação se dá quando se segue a Jesus a distância. Mt 28. 58

V. O *passo* final no caminho da negação se dá quando se abandona o companheirismo dos irmãos. (Jo 18 15-18)

No momento em que um de nossos irmãos se encontra em tal situação é que se revela o valor da exortação. Um filho de Deus, na situação descrita acima, está precisando do apoio de um irmão que o ajude por meio de conselho, de ânimo e da exortação. Para a execução de sua tarefa, usará as verdades bíblicas e seus correlatos aplicados à situação e ao momento no qual o irmão em dificuldades se encontra. Para que a exortação traga seus efeitos, há necessidade da expressão de simpatia, como já vimos acima, pois só assim o que exorta terá oportunidade de conhecer a situação real do seu próximo em necessidade. Esse envolvimento deve ser cheio de amor cristão e de zelo pelo irmão. Vale lembrar aqui alguns aspectos do amor *stergo*, que significa amor que acolhe e exerce cuidado, zelo, que dá atenção, mostra-se diligente e age com desvelo. Esse amor tem ainda o significado de fraternidade, afeição e benevolência. Com esse amor, o irmão se manifesta de modo terno e benevolente. Com esse amor, aquele que exorta tem sempre o objetivo de recuperar seu irmão e nunca quer ser alguém que se intromete na vida do outro.

A exortação de um irmão promoverá vida e restauração da fé do amor por Cristo na vida do SER. Também dará novas perspectivas de vigor e de força, para que o SER, cuja vida está enredada por Satanás, perceba as possibilidades de retomar o rumo do Evangelho. Para essa volta à vida, segundo os preceitos

¹²² CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. 10. ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1985. p. 143.

evangélicos, pressupõe-se que haja barreiras a serem vencidas. A verdadeira exortação pretende rompê-las, pondo em ordem o que está errado e corrigindo o modo de pensar do SER que, até então, estava dominado pelo maligno. Tudo isto, porém, deve ocorrer sem provocações, ou contendidas, ou amarguras, ou desgostos. O valor final de uma exortação é trazer de volta o incorreto aos ensinoss evangélicos, tornando o SER responsável pela sua fé e seu modo de vida. Enfim, a exortação promoverá a salvação do SER.

3.3.3 Alguns Motivos que Constam nas Escrituras para a Exortação

Por muitas vezes, encontra-se um irmão na Igreja passando por problemas ou dificuldades nas mais diferentes ordens. Sempre que isso acontece, Deus, por meio do Espírito Santo, chama algum irmão para exortá-lo. Este, através do dom, é impelido a fazê-lo. “Jesus, orientando seus discípulos, disse: Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.” (Mt 18.15). Portanto, qualquer irmão que tiver pecado necessita da exortação, o que está de acordo com as cartas de Paulo. Ele necessita de exortação, porque todo pecado causa prejuízo ao próprio cristão e ao corpo de Cristo, a Igreja. Esta não pode ficar indiferente diante de tal situação. Com um pouco de paciência por parte de seus membros e a atuação dos dons do Espírito Santo, a manifestação através da mansidão e da sabedoria, a temperança, o calor humano, a sinceridade e a empatia,¹²³ e por meio de uma metodologia realizada com sabedoria, é possível resolver muitos dos problemas dos irmãos da Igreja.

A exortação tem como objetivo ganhar o irmão. O propósito não é julgá-lo, nem humilhá-lo; também não é condená-lo, mas é ganhar o irmão para a comunhão com a Igreja de Cristo.¹²⁴ As Escrituras citam vários textos onde a palavra *parakaleo* aparece no texto grego com algumas traduções diferentes, como frisamos no início do capítulo. Passaremos a nomear alguns desses textos.

At 11.23,24: “Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor.”

¹²³ COLLINS, 2004, p.470.

¹²⁴ BUTTRIK, George A. *The Interpreter's Bible*. New York: Abingdon Press. 1951. p. 473.

“Exortava” – *Parakaleo* – Barnabé foi enviado à Antioquia. Quando chegou lá, viu que a graça de Deus atuava de forma maravilhosa no meio dos gentios e se alegrou sobremaneira. A Igreja de Jerusalém o enviara para ver o que sucedia na Igreja de Antioquia, e ele veio a essa cidade como observador do trabalho. Barnabé achou fortes evidências de um genuíno e grandioso trabalho feito no Senhor. Barnabé alegrou-se com isso e, diante disso, exortava e encorajava a todos, tanto judeus quanto gentios, a permanecerem unidos de coração no corpo de Cristo. Por intermédio de sua exortação, muitos dos que eram novos crentes, e alguns que ouviram a Palavra evangelizadora, foram abençoados com a aceitação de Cristo como Salvador. Os demais, que já exerciam a fé no Senhor, receberam o consolo e o conforto.

At 14.21,22: “E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus”.

“Exortando-os” – *Parakaleo* – Diante das dificuldades da vida cristã, Paulo volta para as cidades pelas quais passou, tendo como alvo confirmar a fé dos cristãos. Sua exortação é uma busca de confirmação da fé dos que receberam Cristo como Salvador. Sua exortação tinha como alvo a instrução dos irmãos por meio de um apelo às questões doutrinárias recebidas por um assentimento intelectual. Buscava fazê-los ver que, mesmo em meio a tribulações, a fé não deve vacilar e que o querer vencer os desafios impostos por Satanás deve ser alcançado.

A exortação também apelava para o querer. Deus deu a volição ao SER, e este tem a capacidade de escolha. Assim, diante das tribulações, eles deveriam fazer a melhor escolha que é a de permanecer firmes na fé. Por fim, a exortação também tocava as questões sobre o sentimento. O sofrer mexe com os sentimentos. Mesmo diante de grandes sofrimentos que possivelmente passariam (Mc 10.29,30), ou, conforme a própria experiência histórica do apóstolo Paulo sofrida um pouco antes da exortação, todos esses eram dados para que os cristãos não duvidassem, mas permanecessem firmes na fé.

Rm 12.1,2: “Rogo-vos, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto

racional. E não vos conformeis a este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

“**Rogo-vos**” – *Parakaleo* – Paulo inicia uma nova sessão com esses versículos: uma sessão de recomendações de vida cristã. Os romanos, a esta altura da carta, têm certeza de que a transformação de vida ocorre pela fé no Senhor Jesus Cristo e que o Evangelho tem poder transformador (Rm 1.16,17). No entanto, seu pedido é feito através das misericórdias de Deus, para que eles entregassem seus corpos ao serviço do Senhor a partir do evangelho transformador e renovador. A vida, assim, também é uma vida regida pelo Espírito Santo, conforme Gl 5.25.

Esses dois versículos formam a regra fundamental de uma vida cristã e têm tudo a ver com a formação do caráter de vida do fiel. Paulo exorta os fiéis que já experimentaram as misericórdias de Deus na justificação, para que, por meio dessa misericórdia, eles apresentem seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Aponta, com isso, que o cristão deve servi-lo em sua vida presente e que esse serviço é determinado corporalmente. Esse deve ser um culto oferecido de mente e coração, um culto espiritual que responde de forma coerente e adequada à misericórdia que Deus manifestou por meio de Jesus Cristo. Diz Paulo ainda: “não vos conformeis, mas transformai-vos...”. Ao invés de viver os padrões deste mundo, dever-se-ia viver a vontade de Deus. Os padrões deste mundo se manifestam em desacordo com a vontade de Deus. Paulo prega a transformação de uma mudança interior que se manifesta de dentro para fora, seguindo o modelo absoluto que é a pessoa de Jesus Cristo.

Rm 16.17: “Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles.”

“**Rogo-vos**” – *Parakaleo* – Paulo exorta os cristãos de Roma no sentido de que tenham discernimento espiritual e doutrinário. Suas palavras têm como propósito alertá-los para o perigo dos falsos mestres e para que se lembrem dos ensinamentos doutrinários passados por ele e que não se deixem enganar. Havia falsos mestres na Igreja de Roma com diferentes doutrinas. Estes procuravam indiscriminadamente criar dissensões e quebrar a harmonia dentro da Igreja. Os fiéis

deveriam buscar a comunhão mútua e se fortalecerem fraternalmente, distanciando o máximo possível dos falsos mestres que criavam divisões, escândalos e desacordos. Estes eram lobos querendo entrar no meio do rebanho. Paulo afirma que eles não servem a Cristo, mas servem a si mesmos.

1 Co 1.10: “Rogo-vos, irmãos, pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer”.

“**Rogo-vos**” – *Parakaleo* – Paulo exorta os cristãos de Corinto a acautelarem-se. A exortação que faz não é “no nosso Senhor Jesus Cristo” no sentido de que estavam unidos nele. Entretanto, ele afirma que a exortação é feita “pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo”, o que traz um sentido de autoridade na sua exortação. Por outro lado, traz à lembrança dos leitores a morte de Cristo na cruz e o seu sofrimento e a sua subsequente glória que traz à comunhão em um só corpo a todo aquele que exerce fé no seu poder redentor.

A exortação que Paulo faz é séria em razão dos graves pecados da Igreja de Corinto, conforme demonstrado no decorrer da carta. A primeira exortação que ele faz nesse versículo e para que os irmãos falem a mesma coisa e que os cristãos maduros na fé compreendam os mais novos em suas dificuldades (10.29). Se falassem a mesma coisa, teriam o mesmo pensamento e seriam unânimes.

A segunda expressão da exortação do apóstolo é para que não haja divisões. Ele alerta para o perigo das divisões ou fissuras na Igreja. As discussões, as diferentes opiniões e as dissensões terminam por levar ao pecado e às divisões, o que, na realidade, acontecia com os grupos na Igreja em Corinto. Assim, o alerta era, sobretudo, para aqueles que ainda se mantinham fiéis à Igreja de Cristo.

A terceira expressão da exortação era para que tivessem a mesma disposição mental. Nesse ponto, Paulo chama a atenção da Igreja à capacidade intelectual de discernir as coisas, de expressar opinião e de manifestar convicção em seus pontos de vista. A exortação era para que tivessem o mesmo parecer, fossem unidos através de suas opiniões e expressões de pensamento.

Nesse texto, o que Paulo pede à Igreja é que ela deixe de lado as atitudes que quebram a comunhão entre os irmãos. Pede que ela busque, a todo o custo, a unidade, entendendo a diversidade de pensamentos pessoais; que entenda que a

comunhão em Cristo está acima da vontade pessoal e que a busca desta pode gerar divisões.

1 Co 4. 16: “**Admoesto-vos**, portanto, a que sejais meus imitadores”. [Grifo Nosso]

“**Admoesto-vos**” – *Parakaleo* – No versículo 15, Paulo afirma aos crentes de Corinto que foi ele quem os gerou e que pai, só se tem um. Os crentes de Corinto eram os seus filhos amados e era na posição de pai que ele os admoestava como um pai terno, que se ocupa com a educação de seus filhos e que tem como alvo uma vida melhor para eles. O contexto mostra os pecados da Igreja na visão do apóstolo. Ele quer, como pai bondoso, levá-los ao arrependimento e fazê-los ver os caminhos errados pelos quais estavam trilhando. Chama-lhes a atenção de que haviam abandonado certas doutrinas da vida cristã. Paulo recorda que foi ele que os levou ao evangelho, à regeneração e à vida cristã, por isso tem a autoridade de admoestá-los e convocá-los. Para que sejam seus imitadores na vida cristã, eles deveriam:

- Renunciar aos caminhos da vontade pessoal;
- Permanecer nos ensinamentos do apóstolo;
- Seguir o caminho da cruz;
- Não se ensoberbecer;
- Deixar toda a vanglória;
- Buscar sempre o caminho da reconciliação;
- Conduzir suas vidas na verdade;
- Praticar a humildade;
- Buscar a comunhão com os irmãos;
- Ter uma conduta cristã.

Cl 2.2,3: “[...] para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, em Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos”.

“Confortado” – *Parakaleo* – O conforto ou a exortação é no sentido de que os colossenses (1) sejam confortados em seus corações, (2) mantenham o vínculo do amor, (3) para que cheguem à riqueza da plenitude do entendimento, (4) à compreensão do mistério de Deus e (5) que alcancem segurança quanto ao futuro. Essa exortação chama a atenção dos membros da Igreja para que mantenham firme a comunhão com o Senhor e, assim, não sejam tentados pelo pecado que promove a desunião e a possibilidade da queda na fé.

O objeto da lutas internas (v. 1) e das orações do apóstolo era, pois que os cristãos fossem *afirmados* na fé, estreitamente *unidos no amor*, e cada vez mais *enriquecidos de plena convicção*. Estas três graças de Deus, que abarcam todas as faculdades do homem para santificá-las, se desenvolvem paralelamente na comunhão com o Salvador; mas também o erro tem sempre o efeito diretamente oposto: perturba a fé, desune os cristãos e empobrece a inteligência. Daí os temores e as ardentes orações de Paulo. – Estas palavras de superabundante energia: *toda a riqueza de uma plena convicção de entendimento*, expressam admiravelmente a plenitude da verdade divina, recebida, compreendida, pela inteligência e pela experiência viva do coração ao mesmo tempo¹²⁵.

1 Ts 4.1: “Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis progredindo cada vez mais”.

“Exortamos” – *Parakaleo* – O texto apresenta uma expressão de afeição por parte do apóstolo e dá início a algumas considerações pessoais lembrando aos que participavam da Igreja algumas das possíveis falhas dos convertidos. Novamente, nesse texto, o apóstolo indica que quem exorta não é ele. Quem exorta é o Senhor. As posições dos pronomes no grego indicam que não são os convertidos que estão no Senhor, mas o sentido contrário é verdadeiro. O apóstolo está no Senhor, o ponto é que essa exortação é baseada não na autoridade pessoal, mas na autoridade inquestionável de Cristo, que é reconhecida como válida por ambos, leitores e escritores.

2 Co 6.1: “E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus.”

¹²⁵ BONNET L. y SCHROEDER A. *Comentário del Nuevo Testamento: Evangelios Sinopticos*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1970. v. 3. p. 592.

“**Exortamos**” – *Parakaleo* – O Apóstolo Paulo se apresenta cooperador com Cristo e embaixador de Deus em nome de Cristo (5.20). Os cristãos em Corinto receberam a graça de Deus, que é a atividade de Deus que redime o homem do seu pecado, por meio de Jesus Cristo. Esta graça se manifesta em amor que perdoa quem não merece perdão, que vivifica e que é favor não merecido. A graça de Deus:

- Conclama o homem à redenção 2 Co 5. 18-21;
- Concede redenção e remissão dos pecados Ef 1.7;
- Derrama o Espírito Santo Jo 16.8-11;
- Outorga vida abundante Jo 10.10;
- Dá certeza de vida plena no século presente e no vindouro Ef 4.13; Mt 6.11;
- Concede certeza da liberdade da condenação Jo 5. 24;
- Capacita através de dons e serviços 1 Co 12.

Os cristãos de Corinto deveriam zelar pela graça que habitava dentro deles e não se descuidar deixando que a carne dominasse.

1 Ts 2.11,12: “E sabeis, ainda, de que maneira, como pais a seus filhos, a cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino de glória.”

“**Exortamos**” – *Parakaleo* – Neste texto, Paulo usa três palavras fortes de chamamento para os cristãos da Igreja da Tessalônica. Ele exorta, consola e/ou encoraja, admoesta e/ou testifica. Faz isso de forma direta afirmando que deveriam andar (*peripateo*) por modo digno de Deus. Em 1 Ts 4.1, em exortação semelhante, a palavra *peripateo* é traduzida por viver. Assim, o que Paulo exorta com tanta veemência é que deveriam viver por Deus uma vida de modo digno dele. Ao convocar Deus ao modo de vida, ele faz os seus leitores se lembrarem do maravilhoso e terno amor com que Deus os amou, amor que é infalível, seja em que circunstância for. Lembra também que é um amor eterno, amor que jamais cessa.

Ao responder sobre qual era o maior de todos os mandamentos, Jesus afirma o que é andar de modo digno de Deus. Ele disse que quem ama a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo entendimento e de toda força e ama o

próximo como a si mesmo cumpre a Lei e os Profetas, todos os mandamentos de Deus. O que Deus espera de seus filhos é que respondam ao seu amor.

1 Pe 2. 11: “Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma.”

“**Exorto-vos**” – *Parakaleo* – Apesar de estarem no mundo, os cristãos não são do mundo. São peregrinos e forasteiros nesta terra. O próprio Jesus afirmou: “Eles não são do mundo, como também eu não sou.” (Jo 17.16). Como cidadãos dos céus, o amor, os afetos e os desejos devem estar ali também (Fp 3.20; Hb 11.13ss). Os que pertencem à Igreja são estrangeiros neste mundo e devem se abster das práticas e dos costumes da terra onde se apresentam como estranhos. Devem tomar cuidado para que a concupiscência da carne, dos olhos e a soberba da vida (1 Jo 2.15) e todos os desejos que são provenientes da corrupção do presente século não os peguem desprevenidos, pois a “carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.” (Gl 5.17).

As concupiscências carnis são todos os desejos terreaux que experimenta o velho homem e que manifestam ainda no regenerado (Ef 2. 3; Gl 5. 19). Um poderoso motivo para *abster-se* delas é que, como todos podem experimentá-lo, essas concupiscências carnis *lutam contra a alma*. O que não quer dizer somente que sendo *carnis*, são opostas à razão e ao entendimento; pois neste caso, o apóstolo teria escolhido este termo (como Paulo Rm 7. 23, 25), senão que atacam a *alma* assentimento da vida; elas são inimigas de seu repouso, de sua paz, de sua salvação, e trabalham para a sua ruína (Mt 16. 26; Rm 8. 5-8)¹²⁶.

1 Ts 5.14: “Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos.”

“**Exortamo-vos**” – *Parakaleo* – Paulo exorta a Igreja, e não a liderança da mesma. Isto pode ser visto pelo contexto. Ele exorta a Igreja a exercer um amor fraternal para com todos. Para que ela possa exercer a tarefa apontada pelo apóstolo, precisa ser cheia de fidelidade a Cristo e a voz do Espírito Santo, que é aquele que distribui as tarefas na Igreja. Deve também ser plena de terna tolerância para com os mais fracos na fé.

¹²⁶ BONNET y SCHROEDER, 1970, v. 4, p. 239.

Nessa exortação, Paulo faz três recomendações para casos específicos e uma geral, para todos os membros da Igreja, e espera da mesma uma resposta de assentimento, de compromisso assumindo responsabilidade mútua de zelar e velar uns pelos outros. A primeira exortação específica é a de admoestar os insubmissos. Ele sabia que, vez ou outra, espíritos agitados e inquietos apareciam na Igreja e que era preciso mansidão para corrigi-los. Admoestar o insubmisso tem seu paralelo significativo no contexto militar. Insubmisso era aquele que estava fora de ordem, segundo o batalhão. A admoestação servia para que ele entrasse em linha com todos os demais formando a unidade. Era isto que Paulo esperava com a admoestação feita pelos irmãos: que todas as divergências na Igreja fossem corrigidas por intermédio das admoestações.

A segunda exortação específica é que consolassem e encorajassem os desanimados, aqueles que se apresentavam fracos de espírito e fracos no Espírito Santo. Estes eram irmãos que perderam o ânimo em sua vida, quer nas coisas do cotidiano, quer nas coisas espirituais. Paulo recomenda que a estes a Igreja devia olhar com muito amor para não levá-los à derrocada, mas auxiliá-los de tal forma que pudessem recuperar-se de seu desânimo.

A terceira exortação era para exercer simpatia similar para com os fracos no sentido de ampará-los e dar suporte a eles. Os irmãos deveriam se colocar ao lado deles para auxiliá-los em seus momentos difíceis, não os abandonando.

A quarta exortação, que é de âmbito geral, é que fossem longânimes uns com os outros e que soubessem exercer a paciência no convívio com a Igreja.

3.3.4 Como deve ser a exortação

A Palavra de Deus nos aponta as características básicas da exortação das quais serão descritas algumas.

3.3.4.1 A exortação deve ser veemente (At 2.40)

A exortação deve partir do fundo da alma de quem exorta dando-lhe vivacidade. Este texto mostra que a exortação deve ser com vigor. Pedro clamava a seus ouvintes dando testemunho para que se convertessem de uma geração perversa e corrupta.

3.3.4.2 *A exortação deve ser com testemunho de vida (1 Ts 4.1; 1 Co 4.16)*

Paulo tem certeza de sua relação para com Deus e de sua vida digna diante de seu Senhor, Jesus Cristo. Por isso dá forte testemunho disso e espera que seus seguidores imitem realmente o seu exemplo de andar em amor e em serviço na causa do mestre.

3.3.4.3 *A exortação deve ser bíblica (Tt 1.9)*

Nas recomendações de Paulo a Tito, ao falar sobre a qualificação e os deveres de um ministro, está a exortação. Esta deve ser sempre com a Palavra de Deus, que é a única fonte da sã doutrina. Paulo aponta ainda que ela será feita através do ensino. Paulo exorta Tito no sentido de que, em hipótese alguma, o ministro pode perder de vista essa verdade. Ele sempre deve exortar os fiéis para que cresçam e, por meio da razão, convença os que o contradizem.

3.3.4.4 *A exortação deve ser para todos que necessitam, sem distinção (Tt 2. 1-10)*

Temos neste texto outra recomendação de Paulo a Tito. Nesta, ele incita a Tito a pregar a sã doutrina, a Palavra de Deus, que produz a salvação entre o seu rebanho. Ao pregar a Palavra, preencherá o coração de seus ouvintes e rebaterá todo e qualquer espírito de destruição. O apóstolo indica como os fiéis devem viver no mundo. Essa passagem discute de forma clara e direta e no devido termo qual é o comportamento que os fiéis devem ter. Ele aponta para cada um dos grupos de idade e como deve ser o comportamento dos mesmos. O comportamento dos homens idosos (v.2), das mulheres idosas (v.3), das mulheres jovens (v. 4,5), dos moços (v.6). Após falar sobre os grupos de idade, indica também o comportamento de quem exerce a importante posição do ensino e do ministrar à Igreja: os mestres e os ministros jovens (v.7,8). Por fim, o comportamento dos servos cristãos (9,10).¹²⁷

¹²⁷ LEADERSHIP MINISTRIES WORLDWIDE, 1991, v.10. p. 325.

3.3.4.5 A exortação deve ser com autoridade (Tt 2.15)

A recomendação de Paulo a Tito é que ninguém deveria desrespeitar a sua autoridade, antes ele deveria exortar e repreender a Igreja com toda a autoridade. Existiam na Igreja homens insubmissos, impiedosos e desobedientes, voltados às paixões mundanas. Estes viviam sem domínio próprio e se descuidavam da vida com Deus. Desse modo, Tito deveria repreendê-los com toda autoridade. Também na sua autoridade, deveria exortar, encorajar e consolar aqueles que, na Igreja, estavam sozinhos, vazios em suas almas, sem forças para enfrentar a vida e sem esperanças. Com palavras de autoridade, faria com que fossem revigorados. Eles precisavam ouvir a mensagem do evangelho por intermédio da exortação, que deveria ser feita com toda seriedade e honestidade. Mediante essas atitudes, Tito promoveria a salvação para aqueles que exortava: para os insubmissos, que aprendessem a submissão e o reconhecimento das autoridades instituídas por Deus; para os vazios de alma, promovendo neles a provisão de Deus e dos dons da Igreja.

3.3.4.6 A exortação deve ser feita sempre: dia após dia (Hb 3.13)

Os membros da Igreja devem estar atentos para os perigos que a Igreja corre no cotidiano. Enquanto os irmãos não estão unidos em culto, há sempre perigos que rondam a Igreja. O apóstolo Pedro chama a atenção dos cristãos quanto ao maior perigo, que é constante. Ele escreve: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar.” (1 Pe 5.8). Por isso, há necessidade de exortar uns aos outros todos os dias para que todos sejam cheios de poder e de forças, fazendo tudo o que é possível, para resistir o dia mau (Ef 6.13). A mútua e constante exortação é sempre um reforço que traz vigor para cumprir com os mandamentos do Senhor.

É importante ressaltar que, para os Hebreus, este dia “Hoje” ressoa aos seus ouvidos de forma toda especial, pois faz com que se relembrem do Salmo 95, no qual o dia que se chama “Hoje” é um nome. O escritor traz isso à memória deles. No Salmo, esse dia é dia de misericórdia, em que o Senhor abre nova oportunidade para a entrada no “descanso”. Abre um dia de favoráveis condições e que faz brilhar a luz e as promessas do evangelho e o clamor para o abandono da incredulidade.

3.3.4.7 A exortação deve ser feita como um pai exorta a seu filho (1 Ts 2.11,12)

Nesse texto, Paulo afirma que os cristãos de Tessalônica têm conhecimento de como ele tem velado por eles. Seu cuidado para com eles era como o de um pai para com os seus filhos, pai que os encoraja e os admoesta. A figura de cuidado do apóstolo muda. Ela não se apresenta com a atitude de um pastor que cuida de seu rebanho. Passa de uma mão cuidadora de pastor para um pai que fala a seus filhos, os quais ele protege e aos quais demonstra ternura e zelo. A função do Pai, segundo a Bíblia e a Psicologia, é ser e passar para os seus filhos a autoridade, o poder, a direção, a segurança, a prática e a razão. Ao mesmo tempo de que é tudo isso para seus filhos, é também ensinador dessas mesmas categorias.

Paulo exerce essa função ao exortar os de Tessalônica. Como um pai, ele se apresenta superintendente de suas vidas quer no cotidiano, quer no espiritual, e processa a educação deles através das exortações que denotam consolo e encorajamento. Apresenta-se disposto a suportar e a sustentar os mais fracos e admoestar, testificar e protestar àqueles que necessitam de direção e correção. Tudo isso para que a Igreja viva por um modo digno de Deus.

Todo o conforto, consolo e exortação do apóstolo têm sua fonte em Cristo. Ele é o motivo central da vida da Igreja, pois é por meio dele e do seu sacrifício que a Igreja se constitui. Cristo operou a redenção, que é única, completa, feita uma vez para sempre e em absoluta perfeição.¹²⁸ Nele, o corpo tem a comunhão e recebe de Deus em Cristo a consolação, quando se encontra em angústias e sofrimentos.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda a consolação [*Parakaleo*]!

É ele que nos conforta [*Parakaleo*] em toda a nossa tribulação, para podermos consolar [*Parakaleo*] os que estiverem em qualquer angústia, pela consolação [*Parakaleo*] com que nós mesmos somos contemplados [*Parakaleo*] por Deus.

Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação [*Parakaleo*] transborda por meio de Cristo (2 Co 1. 3-5).

É o sofrimento em nome de Cristo e o sofrimento do próprio Cristo em favor dos seus que capacitam os cristãos a exercerem conforto, consolo e exortação. A vida de Jesus mostrada nos evangelhos – vida que proclamava as boas novas, ensinava sobre a nova ética do reino de Deus, testificava do Pai e curava os doentes

¹²⁸ HUGHES, Philip E. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1992. p. 12.

do físico e da alma – é exemplo para todos. Ela motiva os cristãos para que vivam de forma semelhante. Essa motivação e o rogar de Cristo são contínuos, servindo de exemplo para todos, de conforto e de consolação.

Na hora da crucificação, Jesus diz que vai para o Pai e que, para onde ele ia, os discípulos não poderiam ir. Jesus passa a ensinar-lhes que era preciso que o Filho fosse para que o Espírito da Verdade pudesse vir. Enquanto o Filho estava presente entre eles, servia-lhes como mestre e modelo de vida. Ensinava e mostrava tudo o que deviam fazer. Jesus anuncia a eles a sua partida, o que os entristece. Entrementes, Jesus lhes promete outro consolador. Afirma que vem um outro, porque já havia um primeiro e este era Jesus. O Cristo lhes promete a descida do Espírito Santo: virá o consolador eterno que fará com que do interior deles fluirão rios de água viva. (Jo 7.38). Esses rios que fluirão serão fontes de vida para o SER. Vida espiritual, mas também fonte de saúde psíquica, emocional e física tal como mostra o Cristo em seu ministério.

3.3.5 A importância do Espírito Santo na capacitação para a exortação

Como ato histórico seguinte, o Espírito Santo desceu sobre os discípulos marcando a história da comunidade cristã com o Pentecostes. Nele se dá o cumprimento das profecias acerca do derramamento do Espírito Santo. Esse ato histórico marca o ponto de partida das atividades da Igreja (At 2.1-4). Com o derramamento do Espírito Santo, os cristãos receberam os dons e as capacitações para os serviços na Igreja.

Com a vinda do Espírito Santo, cumpre-se também a promessa de Jesus Cristo que outro, igual a ele, viria para substituí-lo. Este é o Espírito da verdade que viria e ficaria com os discípulos para sempre orientando, convencendo e instruindo-os no seu modo de vida, no caráter cristão. Com a descida do Espírito Santo, começou a haver uma nova força e um novo poder que habita e capacita os cristãos para a obra do Senhor.

Fica evidente nos ensinamentos do Novo Testamento que toda e qualquer transformação na vida do cristão é processada no Espírito e através do Espírito, pois é pelo seu poder que a transformação ocorrerá. Em Jo 3.6,7; 6.63, a Palavra de Deus afirma que é o Espírito Santo, em seu poder, que nos outorga a vida espiritual e, conforme At 1.8 é este mesmo Espírito que vem conceder a Igreja a sua

dinamização e seu poder. Ele ensinará todas as coisas concernentes ao reino de Deus e a respeito de seu Cristo (Jo 16.12-14) concedendo à Igreja uma direção segura sobre como viver neste mundo tenebroso (Ef 6.12).

Na vida pessoal dos crentes, o Espírito Santo não esconde totalmente a sua obra, mas, sim, faz-se conhecido de diversas maneiras. Ele dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8,16), e clama “Aba, Pai” (Gl 4.6). Provê uma garantia ou um pagamento inicial de nossa futura comunhão com ele no céu (2 Co 1.22; 5.5) e revela seus desejos para nós de modo que possamos ser guiados por eles e segui-los (Rm 8.4-16; Gl 5.16-25). Concede dons que manifestam sua presença (1 Co 12.7-11). E de tempos em tempos opera sinais miraculosos e prodígios que atestam de maneira poderosa a presença de Deus na pregação do evangelho (Hb 2.4; cf. 1 Co 2.4; Rm 15.19).¹²⁹

As transformações que ocorrem por meio da atuação do Espírito Santo, modificam o SER em sua vida em todos os seus aspectos, trazendo-lhe a salvação. A presença do Espírito Santo traz vida para os lugares desertos. Por intermédio de sua exortação e conforto faz com que a justiça seja aplicada entre o povo, o que traz paz e tranquilidade. Sua presença no meio do povo promove segurança duradoura e por meio dela trará a prosperidade e a felicidade se multiplicará (Is 32.15-20).

3.3.6 Os resultados da exortação mútua

A exortação é uma das mais importantes capacitações do Espírito Santo, pois, por meio dela, no decorrer da história da igreja, muitas pessoas chegaram ao reconhecimento do evangelho, ao arrependimento, à compreensão da Palavra e a um crescimento tanto na graça quanto no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso, quando ela é exercida nos moldes neotestamentários, seus resultados produzem muitos frutos na vida interior do SER e na sua expressão social. Como exercício da mutualidade, a exortação pode ser no seio da Igreja um instrumento que modifica os relacionamentos familiares, de trabalho e dentro da própria Igreja. A Palavra de Deus tem servido de conforto, consolo e encorajamento há muito tempo por meio da exortação. Seus conselhos são sempre contemporâneos, adequados para todo tipo de convívio social, e sábios, para a edificação do SER. Os que aceitam as exortações sentem liberdade e percebem mudanças em suas vidas. Estas mudanças trazem o bem para estes e para os que com estes convivem. Dessa forma, trazem a libertação do homem e revelam as

¹²⁹ GRUDEN, 1999, p. 536.

forças, os desígnios e as determinações de Deus para cada ser humano em sua vida no cotidiano.

No cativeiro babilônico, o povo de Deus foi duramente provado e exortado pelos profetas a voltar e a permanecer fiel ao único e verdadeiro Deus. A exortação trouxe seus efeitos. As verdades da Lei foram muito bem assimiladas pelo povo judeu depois do exílio. O povo tomou o firme propósito de não mais seguir outros deuses e isto nos é relatado nos livros testamentários, especialmente, pelo Sl 119. Como foi com o povo de Deus no cativeiro, assim também é hoje. O Espírito Santo de Deus exorta a Igreja a ser fiel a Deus e, a seguir, as doutrinas vivas do Novo Testamento. Se a Igreja acreditar nessas verdades doutrinárias e vivê-las, haverá vários resultados benéficos.

O primeiro resultado é que a mútua exortação ou conselho levará a Igreja a uma íntima e profunda comunhão com Deus, com os irmãos e com o contexto social no qual a Igreja está inserida. O texto de At 2.42-47 aponta as características de uma Igreja na qual exortação, consolo e encorajamento mútuos eram exercidos. Os apóstolos faziam muitos milagres e operavam maravilhas e, por isso, as pessoas estavam cheias de admiração e respeito pelos cristãos. Todos os que acreditavam em Cristo estavam unidos e repartiam uns com outros as coisas que possuíam. Reuniam-se todos os dias no templo e, nas casas, repartiam o pão entre si. Comiam com alegria e eram humildes uns para com os outros. Louvavam a Deus por tudo e eram vistos com simpatia e graça por todos. Uma Igreja assim será Igreja fiel ao seu Senhor e ao seu Deus, deixando de lado todas as divisões e brigas, alcançando amor fraternal, que é o grande fator distintivo da Igreja do Senhor.

O segundo resultado das exortações é a colocação da esperança em todas as situações no nosso Salvador, Jesus Cristo. Ele é a fonte de toda exortação e consolação, também a fonte de toda esperança (1 Tm 1.1), evidenciada em seu ministério. Este foi realizado enquanto ele esteve presente entre os homens e, mesmo depois da ressurreição, conforme escrito em At 1 3, torna-se fundamento das esperanças da Igreja. Jesus exerce esperança também para os fiéis quanto à sua ação como Advogado (1 Jo 2.1) diante de Deus, o Pai. E, por fim, exerce a esperança como Senhor da Igreja que, com profundo amor, zela pelos seus. Sua ação perante a Igreja promove paz e esperança (Mt 28.18-20). O alcance dessa segurança para os irmãos fragilizados é outro resultado que virá por meio dos conselhos e das exortações.

A vida cristã pode ser comparada a uma corrente de metal. Nesta, sempre existe um elo mais fraco. Se quiser fortalecer a corrente, é necessário fortalecer esse elo. As exortações, na maioria das vezes, têm como objetivo o fortalecimento dos irmãos mais fracos da Igreja que são os elos fracos. Fortalecê-los é fortalecer a Igreja. O fortalecimento deles virá através das exortações em Cristo, transmitindo as verdades bíblicas e doutrinárias para a salvação do SER. Assim, tanto a Igreja quanto o SER alcançarão a segurança em Cristo. Isto acontecerá por intermédio de quem exorta sob a atuação do Espírito Santo. Assim, o irmão exortado alcançará a sua própria segurança em Deus, e, como resultado, será alguém que produzirá frutos no Espírito Santo e executará suas tarefas na Igreja, em benefício do corpo.

A exortação mútua, assim, estimulará o SER a completar sempre as tarefas que assumiu na Igreja e no reino de Deus. O exposto acima implica em importante resultado: o crescimento do SER em seus múltiplos aspectos. Conforme já exposto no decorrer deste capítulo, sabemos que na exortação haverá ajuda mútua para que os irmãos da Igreja busquem atingir a estatura do varão perfeito, Cristo. Ele é o alvo de todos os fiéis. A busca constante desse alvo trará o fortalecimento na fé, produzindo o crescimento do SER.

Como vimos acima, será também motivo para trazer a unidade e a comunhão alertando e corrigindo os que provocam desordens e contendas. Estes são os fracos na fé, que vivem na “carne” e que possuem espíritos agitados e inquietos. O conselho e a exortação refrearão os que possuem mentalidade provocante e inquieta, que faz com que provoquem desordens e se apresentem como inimigos do bem, isto é, mais amigos dos prazeres do que de Deus e guardadores da aparência da piedade, mas negam-lhe o poder. Se a Igreja for espiritual e usar da mutualidade com exortação e aconselhamento, ganhará esses irmãos e promoverá a salvação no meio deles e, assim, prosperará.

No lugar onde se manifesta a exortação mútua, haverá o conforto, o consolo e a salvação para aqueles que, muitas vezes, deixam-se levar ao desânimo e pelo peso da consciência por suas faltas e erros. A Palavra diz que é tarefa dos irmãos reerguerem as mãos enfraquecidas e os joelhos que se movem com dificuldades e endireitar os caminhos para os pés, a fim de que não se extravie o que é manco, mas antes seja curado (Hb 12.12).

A exortação e o conselho fazem o irmão ver sua falta, seu erro e confessá-lo para alcançar o perdão de Deus, o que produz a salvação. Entretanto, há

seguidamente casos em que os pecados cometidos já foram confessados e, conforme garante a Palavra, já foram perdoados, conforme 1 João 1.9. Entretanto, o irmão sente ainda o peso da consciência. Em tal situação, não é mais o Espírito Santo convencendo do pecado. É, na verdade, a própria consciência do SER Ihe acusando. A exortação mútua fará com que possa ver que é o seu 'eu' que o acusa e, dessa forma, levá-lo a se perdoar. Isto promove alívio, conforto e salvação.

Por diversas vezes, há irmãos que passam por tristezas e momentos de depressão em suas vidas, mesmo depois do encontro salvífico com Jesus. Eles permanecem em seus temores que, muitas vezes, os escravizam e os deprimem. Com isso, perdem as suas energias para o trabalho, sofrem de baixa autoestima, passam por sentimentos de culpa, vergonha, inutilidade, derrota e perdem a espontaneidade para a vida.¹³⁰

A exortação e o conforto de uns para com os outros trarão esperança para todos aqueles que passam por situações descritas acima, por meio da empatia e da compreensão e do entendimento da situação pela qual passam. Muitas vezes, a cura não vem por intermédio da exortação, mas esta poderá auxiliar no encaminhamento para a procura de soluções que levem à cura. A exortação mútua trará ainda auxílio para aqueles que passam por dúvidas em sua fé e vocação, alimentando tremores profundos quanto à certeza da salvação e do perdão de pecados.

É comum que alguém que se converteu a Cristo, com o passar do tempo, venha a ter dúvidas a respeito de sua justificação, considerando-se ainda devedor por causa de seus pecados ou por causa de dúvidas de sua fé; se ela foi genuína ou não. Mais uma vez, a exortação no Espírito Santo poderá ajudá-lo. Outro ponto de dúvidas é o da vocação. O vocacionado questiona se realmente foi vocacionado ou não, ou se tem condições pessoais de ser um vocacionado.

O único meio de fortalecer esses irmãos é através da Palavra de Deus, que traz convicção, e a exortação mútua é o instrumento dado por Deus para que a Palavra seja ensinada mutuamente entre os irmãos. Esta virá a fortalecê-los e tirá-los de suas dúvidas, dando-lhes a certeza da salvação e do comissionamento de Deus para as suas vidas. A exortação, em seu real sentido, usada em todos os momentos, será o meio pelo qual se torna possível ajudar o irmão para que o pecado não domine sua vida. Dessa forma, evita o afastamento do cristão da

¹³⁰ COLLINS, 2004, p. 122.

comunidade dos salvos e de Deus. A exortação, o encorajamento e o conforto mútuos, conforme o ensino das Escrituras, serão sempre fatores que aperfeiçoarão a comunhão com Deus e com os homens. Trarão crescimento à vida espiritual, fortalecimento na fé, segurança e viva esperança para todo aquele que passa por um processo de exortação. Alcançará também liberdade de culpa, saúde emocional, ânimo e vigor, mansidão e conforto.

Todos os membros da Igreja são responsáveis uns pelos outros e lutam para que nenhum deles se afaste do Evangelho e sofra as consequências das amarras do pecado. A exortação mútua será instrumento altamente eficaz para que tal situação não aconteça. No entanto, essa exortação implica em convivência, implica no inter-relacionamento mútuo para que todos no corpo de Cristo possam crescer. É na convivência que haverá conhecimento mútuo e também autoconhecimento. Se porventura alguém viver isolado, terá dificuldades em conhecer a si mesmo e assim não poderá conhecer os outros. É nessa vida em comunidade que se descobrirá, através das relações intersubjetivas, as necessidades que precisam ser supridas e as falhas e as dificuldades que precisam ser corrigidas. Desta maneira, a promoção da salvação se dá, seja no SER ou no relacionamento.

Assim como num campo de batalha, os soldados são exortados a permanecerem firmes e exortam-se mutuamente para que alcancem a vitória final, da mesma forma os cristãos também farão na Igreja. Constantemente exortarão uns aos outros para permanecerem firmes na fé, tendo em vista a vitória garantida na vinda do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Todos sabem que a qualquer instante há crentes em Cristo Jesus que passam por provações e problemas e que precisam de alguém que lhes dê um ombro amigo (Gl 6.2). Às vezes, até sabem, num conhecimento doutrinário intelectual, o modo de proceder em tais circunstâncias, mas não o fazem. Não partem para a prática do bem e “aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando” (Tg 4.17). Não fazem por diversas razões. Não o fazem porque há frieza no ouvir a voz do Espírito Santo (Ef 4.30). Falta-lhes também a coragem e a força – ousadia no Espírito (2 Co 3.12; Ef 3.12) – para vencerem os rudimentos deste mundo;¹³¹ falta-lhes o vigor da fé para se libertarem. Vale ressaltar que tudo

¹³¹ Quando Paulo usa a expressão rudimentos do presente mundo usa uma palavra grega que é *Stoiheia*. O conceito que a palavra traz são as doutrinas e cultos das outras religiões, as não cristãs. Traz também as forças cósmicas conforme Ef 6.10-12. Para maior compreensão, ver *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 7. p. 683-687.

isso faz com que os membros da Igreja passem por problemas graves, grandes e profundos; passem por tribulações, vários complexos e até males físicos, pois sentem que possuem problemas aparentemente insolúveis quando comparam, se é que comparam, os padrões bíblicos com seus comportamentos. Quando o fazem, sentem-se extremamente fracos para vencê-los. Uma situação mais delicada é quando não conseguem ver os princípios da Palavra, por estarem entenebrecidos e entorpecidos; seus corações estão endurecidos (Mt 13.15; 19.8).

Deus exorta a Igreja como corpo de Cristo: é primordial que se ajude tais irmãos; que os participantes da Igreja se coloquem ao lado de tais pessoas para ajudá-las. Este é o ensino de Paulo quando escreve: “Pelo que exortai-vos uns aos outros e edificai-vos uns aos outros, como na verdade o estais fazendo” (1 Ts 5.11). Na carta aos Gálatas, ele escreve:

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. (Gl 6.1,2).

São as exortações mútuas que auxiliam no aprendizado da vida cristã. Através delas, a Igreja aprende mutuamente a busca de um viver de modo digno da vocação com que foi chamada (Ef 4.1-6) e andarão com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando um ao outro em amor, esforçando-se diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

3.4 A Expressão do Perdão Mútuo

Jesus contou uma parábola, a do credor incompassivo (Mt 18.23-35), na qual narra a história de um rei que decide acertar contas com seus servos. Ao fazer as contas, percebeu que um deles lhe devia 10.000 talentos. “Um talento equivalia a seis mil denários (ou o salário por seis mil dias de trabalho). Dez mil talentos equivaliam a sessenta milhões de denários”.¹³² Uma dívida impossível de ser paga. William Barklay¹³³ comenta:

Uma dívida incrível. Era superior ao orçamento total da província inteira. Este orçamento que correspondia a Idumeia, Judeia e Samaria, somava só

¹³² Bíblia de Estudo Almeida. Nota explicativa do texto de Mt 18.24.

¹³³ BARKLAY, William. *Mateo II*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1973. p. 202.

600 talentos; a arrecadação total da província rica como a Galileia, só chegava a 300 talentos. Nos encontramos com uma dívida que superava o resgate de um rei.

O Rei cobra a dívida. “Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga”. (v. 25). Na sua profunda angústia e pressão, o servo pede paciência ao seu senhor e promete pagar tudo. Promete o impossível. O rei percebendo sua boa vontade se compadece e lhe concede muito mais do que ele pediu: dá-lhe a quitação da dívida e, assim, é absolvido e a dívida perdoada.

No entanto – pouco depois – esse servo encontra outro servo do rei, seu conservo que lhe devia 100 denários; cerca de 3 meses de serviço. De devedor passou a credor. Aquele, da mesma forma lhe pediu paciência. Diz o texto: “Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Se paciente comigo, e te pagarei”. (v. 29). No entanto, não deu ouvidos aos clamores de seu conservo. Ainda que tivesse ouvido as mesmas palavras que dissera ao rei, não se compadeceu. Lançou-o na prisão, até que saldasse a dívida.

Quando soube da sua atitude, o rei indignou-se e lhe disse:

- Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; Não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?
E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. (Mt 18.32b-34).

A parábola tem um ensino: Todo aquele que foi perdoado deve perdoar aos outros do mesmo modo que foi perdoado. Jesus termina a parábola com este ensino. Ele disse: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada uma a seu irmão”. (v. 35).

3.4.1 Definição de perdão

Em termos gerais, perdão é dar quitação do mal que alguém tenha sofrido, renunciando a todo o ajuste de contas. É remissão da culpa e da pena. Também pode ser compreendido como “deixar cair ao lado”. Arnd e Gingrich¹³⁴ definem perdão como cancelar, remir, perdoar uma dívida; ir adiante, mandar para longe;

¹³⁴ ARND; GINGRICH, 1979, p.125, 126.

tolerar, abandonar. Quando o SER perdoa, abre mão da desforra. O perdão é requisito básico da comunhão cristã.

Na Bíblia, temos instâncias que falam sobre o perdão de Deus e sobre o perdão do SER e que ambos expressam o mesmo tipo de perdão. (Mt 6. 12). Ainda que Deus seja autônomo no sentido absoluto da palavra, autossuficiente e eterno, e o homem dependente e imortal, ambos são pessoas e, em muitas situações, as atitudes são semelhantes em razão da criação, à imagem e semelhança. A questão do perdão é uma dessas semelhanças.

Há dois termos gregos que são traduzidos por “perdoar” nos versículos de mutualidade. Nos evangelhos, o termo usado é “*aphiêmi*”. Esse termo tem o significado de perdoar dívidas, conforme Mt 6.12,14, referente à oração do Pai Nosso. Em 18.27 e 32, refere-se a quitar totalmente uma dívida. Já nos escritos paulinos, os textos de mutualidade usam outra palavra “*charizomai*”. ‘*Aphiêmi*’ tem como um dos textos principais 1 Jo 1.9, e, nas palavras de Vine, refere-se

Em primeiro lugar a remissão do castigo devido a uma conduta pecaminosa, a liberação do pecador da pena imposta por Deus, e, portanto justa; em segundo lugar envolve a eliminação total da causa do delito; tal remissão está baseada no sacrifício vicário e propiciatório de Cristo. [...]
O perdão humano tem de ser estritamente análogo ao perdão divino, por exemplo, Mt 6.12. Se se cumprem certas condições, não há limitações à lei do perdão dada por Cristo, Mt 18.,21,22. As condições são o arrependimento e o perdão (ao próximo), Mt 18.15-17; Lc 17.3.¹³⁵

“*Charizomai*”, por sua vez, significa outorgar graça e favor; prática ou aplicação de consentimento; Ato ou efeito de produzir graça sobre outrem.¹³⁶ Vine¹³⁷ escreve que “*charizomai*” é outorgar um favor de forma incondicional, se utiliza do ato de perdão, seja divino, Ef 4.32; Cl 2.13; 3.13; ou humano, Lc 7.42,43 (dívida); 2 Co 2.7,10; 12.13; Ef 4.32. Perdão não é apenas ser bondoso ou delicado, ou ainda atencioso. É dar quitação do mal, sem buscar revide.

A base de perdão é: perdoamos aos outros porque fomos perdoados. O perdão de Deus ensina a perdoar e impulsiona o SER a perdoar os outros. Essas verdades são ensinadas na parábola do rei que quis acertar as contas com seus servos (Mt 18.21-35) como foi visto no início deste capítulo.

¹³⁵ VINE, 1989, v. 3. p. 160-161.

¹³⁶ ARND; GINGRICH, 1979, p. 877-878.

¹³⁷ VINE, 1989, v.3. p. 161.

3.4.2 A Oração Dominical e o perdão

Na oração ensinada por Jesus, o perdão foi o único ponto que ele desenvolveu e explicou logo a seguir aos seus discípulos. Nessa explicação, Jesus ensinou que é condição do SER a qualidade de perdoar para receber perdão. Porém, há uma questão a se resolver. Poderia alguém perdoar sem ter sido perdoado anteriormente e perdoar sem ter recebido a graça da expiação de seus pecados? Broadus,¹³⁸ em seu comentário escreve:

E em Lucas (11. 4) a oração lê-se assim: “E perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve”, o que significa não apenas o perdão presente, mas o habitual como mostra a expressão “qualquer”. O termo de Lucas “pois”, pode parecer proporcional o nosso perdão a base, para por nossa vez sermos perdoados; porém significa antes que não há disposição não perdoadora da nossa parte a obstar que sejamos perdoados. Comp. Mt 5. 7; Lc 23. 34; 1 Tm 1. 3; e a bela ilustração na parábola de Mt 18. 21-35. A base do Evangelho, a expiação e intercessão de Cristo – não é aqui estabelecida. Os discípulos, antes da morte, ressurreição e ascensão de Jesus não entenderiam qualquer referência a ela feita.

A Oração Dominical foi ensinada aos discípulos. É provável que a compreensão plena da questão do perdão somente ficou clara, como escreve Broadus, depois da ressurreição de Jesus. Aí, o ensino se torna completo. Eles passam a entender a dívida que possuíam e que possuem para com Cristo.

Seu perdão é ainda muito mais que a remissão de uma dívida a um devedor, pois quitando a pena do pecado, nos põe em posse de todo seu amor e da vida eterna. E, sem dúvida, a necessidade de perdoar se renova incessantemente em uma consciência delicada, porque diariamente contraímos alguma dívida que deve ser remida. – Todo aquele que sofre assim por seus pecados e pede perdão, está completamente disposto a perdoar aos homens que o tenham ofendido; ou melhor ainda, no momento de seu arrependimento e de sua oração, já tem perdoado no fundo do seu coração. É isso que expressa o texto autêntico: *como somos perdoados* (presente perfeito que expressa o ato realizado e a permanência da ação). O texto recebido tem o presente indefinido: *nós perdoamos*. Esta lição é tomada de Lucas¹³⁹.

Ao se pensar na Oração Dominical, faz-se necessário reconhecer que se tem uma dívida muito grande com Deus, uma dívida moral e espiritual. É bem verdade que a estrutura do pecado original foi quebrada no momento em que o SER aceitou, pela fé, a Cristo como seu redentor. Do mesmo modo, é verdade também,

¹³⁸ BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1966, v. 1. p. 207.

¹³⁹ BONNET; SCHROEDER, v. 1, 1970, p. 110.

que a “velha natureza” ou “o velho homem” ainda está dentro dele e o leva a cometer pecados de forma consciente e, muito mais, inconsciente. Essa é a grande dívida que Deus perdoa. Isto o faz clamar como o apóstolo Paulo: Na minha carne não habita bem nenhum, pois querer o bem está em mim, mas não consigo praticá-lo. Eu prefiro o bem, mas o mal que não quero este pratico. Se faço o que não quero, não sou eu que faço. É o pecado que habita em mim. Ao querer fazer o bem, encontro a lei do mal que habita em mim. Quanto ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus, mas vejo dentro de mim outra lei guerreando contra a lei da minha mente que me faz prisioneiro do pecado. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (Citação livre de Rm 7. 16ss).

A Oração Dominical é dinâmica. Ela não é uma sequência lógica. Dessa forma, todo aquele que se aproxima de Deus por meio dela, necessariamente, ao orar, faz uma solene reflexão. Se a aproximação é sincera, fará uma reflexão interior que o obrigará a rever alguns pontos de sua vida. Essa reflexão o fará buscar soluções para pontos do seu viver que precisam de transformações, não somente espirituais, mas em todos os aspectos do seu viver, buscando o arrependimento e o perdão nos pontos que o Espírito Santo o convencer do pecado, conforme Jo 16.8-9. Por esse processo, o SER desenvolverá a mente de Cristo (1 Co 2.16). Neste ponto, ele é despertado para a necessidade do perdão ao próximo, tal qual o seu débito, assim é também devedor do perdão e, a consciência disso trará alguns resultados:

- Exercerá perdão ilimitado para com seus irmãos;¹⁴⁰
- Exercerá Paciência;
- Terá um espírito cheio da graça de Deus;
- Terá um coração misericordioso;
- Será brando em seus relacionamentos;
- Desenvolverá a capacidade de suportar ao irmão mais fraco;
- Fará todos os esforços para ter paz com todos;
- Não exercerá juízo sobre seus irmãos.

O SER que recebe o perdão de Deus e expressará este na mesma intensidade e qualidade que recebeu, deve saber que esse perdão será dado

¹⁴⁰ Salvo os limites colocados pela Palavra de Deus.

gratuitamente sem esperar nenhuma recompensa. Esse perdão destaca as atitudes de compreensão e de aceitação dos outros, tal qual ele se apresenta ou manifesta ser. Ao conceder esse perdão a todos os que os ofendem, os seguidores de Cristo perceberão que, quanto mais perdoam e permitem o sondar do Espírito Santo (Sl 139.23; 26.3-4) mais podem usufruir do perdão e das misericórdias provenientes de Deus. Como consequência desse processo, tornar-se-ão imitadores de Deus. Quando o SER não concede o perdão, coloca Deus de lado e evidencia o quanto se considera autossuficiente.

Ninguém que se tornou nova criação em Cristo Jesus é autossuficiente (Jo 15.5). Ele depende de Cristo para o seu fortalecimento cotidiano para que possa crescer espiritualmente (Ef 3.16; 6.10; Cl 1.11) e aprender sobre o perdão. Assim, ele concederá perdão com naturalidade aos outros, porque a inclinação para ceder perdão faz parte da pessoa regenerada. O ato de perdoar mostra a sua suficiência em Cristo (2 Co 3.5) e quando assim se apresenta, evidencia a consciência de que é limitado, falho e pecador, necessitado das misericórdias de Deus.

3.4.3 Como deve ser o perdão

O perdão é um imperativo do Novo Testamento que deve ser concedido com amor, brandura e profunda misericórdia a todo aquele que, arrependido, lhe procurar. Esse perdão deve ser sincero e dar a quitação do mal que foi realizado. Exceto em raras exceções,¹⁴¹ o perdão é concedido diante do arrependimento do ofensor. O arrependimento implica em aceitar a responsabilidade e admitir que pecou, que ofendeu o outro, e apresentar uma mudança de atitude. A aceitação dessa responsabilidade implica na decisão de tomar um novo foco e uma nova direção em sua vida.¹⁴²

O perdão não é uma característica humana. Ele é uma nova mensagem do Reino de Deus. A mensagem evangélica, pregada por João, o batista, e por Jesus. A mensagem que pregavam era a de que o Reino de Deus havia chegado e de que era necessário o arrependimento do modo de vida que estavam vivendo, a fim de entrar no novo Reino.

¹⁴¹ É possível, em determinados casos, dar-se o perdão unilateral à semelhança de Jesus na cruz quando disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

¹⁴² BUCHANAN, Duncan. *The Counseling of Jesus*. InterVarsity Press: Downers Grove, 1985. p. 89.

Assim, o coração do Evangelho que Jesus proclamou é a necessidade do arrependimento, a mudança do coração, uma nova direção. Ele é o reconhecimento de um novo conjunto de valores e o desejo um novo estado de preparação para viver nele. Assim, o Reino de Deus não pode ser recebido sem que haja uma mudança de atitude da parte daquele que deseja entrar nele.¹⁴³

Diante disso, o perdão sempre será concedido à semelhança do perdão que Deus concede. Nos textos em que Paulo fala sobre o perdão mútuo, diz que os irmãos e as irmãs devem conceder o perdão na “presença de Cristo” (2 Co 2.10), “à semelhança de Deus em Cristo” (Ef 3.32) e “à semelhança de Cristo” (Cl 3.13). O perdão será sempre nessas condições, porque é de Deus e por meio de Cristo que fluem as bênçãos espirituais que recebemos.

A palavra perdão não é usada pelo apóstolo Paulo com frequência. Quando a utiliza, usa o termo “*charizoma*” que tem sua raiz na palavra “*charis*”, que significa graça. Ao falar de perdão, então, traz mais a conotação de conceder o perdão graciosamente, demonstrando favor e benefício. Ao escrever suas cartas, Paulo fala do perdão como característica dos verdadeiros cristãos. Estes são pessoas que sabem perdoar porque receberam o perdão de Deus, segundo as riquezas da sua graça. O exemplo supremo de graça e de misericórdia é dado por Cristo Jesus, que é o perdão que outorga a justificação e a vida eterna aos que creem. É o perdão proveniente da parte de Deus, por intermédio de Cristo. Esse perdão é destacado como o padrão que compete aos que seguem o Evangelho em suas relações com o próximo. A eles é lembrado que muito lhes foi perdoado, se assim, muito devem perdoar. É típico de Paulo lembrar o autossacrifício de Cristo no seu ato de salvação, a fim de fornecer o poder motivador para os cristãos transformarem sua amargura em amor que perdoa.¹⁴⁴

O perdão é parte importante na vida cristã. Em 2 Co 2.10, Paulo indica que o perdão deve ser dado pela Igreja àquele que arrependido necessita de perdão e àquele que é ofendido na Igreja – no caso em questão o próprio apóstolo – deve perdoar na presença de Cristo. O versículo 11 mostra que tal irmão, ao pecar, foi pego por Satanás e causou danos à Igreja. Porém, agora arrependido, volta para a Igreja. Penitente e livrando-se de Satanás, considera o grave erro que permitiu que

¹⁴³ BUCHANAN, 1985, p. 94.

¹⁴⁴ MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 123.

Satanás o amarrasse e o tivesse em seu controle.¹⁴⁵ Paulo orienta a Igreja a perdoá-lo para que “Satanás não alcance vantagem sobre a Igreja, pois esta não lhe ignora os desígnios.” (v. 11). A Bíblia de Estudo Conselheira traz um interessante comentário para esse texto:

É muito importante o ato de perdoar o faltoso arrependido, abrindo-lhe a possibilidade de recomposição emocional e encerrando a iniciativa satânica (v. 10). Não é da vontade de Deus que os pecados continuem sempre sendo lembrados e mantendo divisões e afastamentos: quando mantemos divisões e rancores, Satanás encontra oportunidade de agir. Podemos repeli-lo com a força do perdão, agindo para o resgate de pessoas e de relacionamentos. Provavelmente o pecado foi uma ofensa ou calúnia contra o próprio Paulo. Na hora de aplicar a disciplina uma minoria possivelmente não participou (cf. v.6 “maioria”). Agora que o apóstolo revela a sua preocupação com a tristeza do ofensor e o perdoa, ele deseja que toda a comunidade perdoe unida. É importante encerrar definitivamente questões, e sem perder pessoas envolvidas – para não dar vantagem a Satanás (v. 11). Tão triste que acabe caindo no desespero. Se for rejeitada e afastada do convívio, a pessoa poderá entrar em estado de depressão e em algum momento sucumbir.¹⁴⁶

O perdão promove a comunhão no seio da Igreja e àquele a quem é concedido o perdão, seja pela Igreja, seja por um irmão ou uma irmã, dá-lhe a oportunidade de restauração do seu SER. O fundamento e a natureza da Igreja são os alicerces de uma Igreja que perdoa. Esses são dados pela graça que lhe foi concedida. Ela existe exclusivamente sobre o perdão de Deus outorgado na cruz de Cristo, na qual foram perdoados, justificados e resgatados todos os seus pecados. (1 Jo 1.9). Negar o perdão é negar o que de graça, em Cristo, se recebeu; é negar ao irmão a possibilidade da sua restauração. Assim deve ser a maneira de agir dos perdoados por Cristo: perdoar livremente as ofensas daqueles que o ofenderam.

A motivação para isso fica clara quando Paulo escreve aos colossenses: “perdoai-vos mutuamente; assim como o Senhor vos perdoou, fazei o mesmo, também vós” (Cl 3.13). Os cristãos foram tão perdoados, que lhes fica mal nutrir ressentimentos contra quem eles imaginam que os prejudicou. Paulo tem o mesmo pensamento em Efésios: “perdoai-vos mutuamente, como Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4.32). Desta vez ele menciona a relevância da obra de Cristo para o processo do perdão. O perdão de Cristo significa perdão por causa de tudo o que Cristo faz. Cristo morreu pelo perdão de seu povo; como eles podem, então, recusar o perdão pelas ofensas insignificantes que lhes foram feitas?¹⁴⁷

¹⁴⁵ PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. Edinburgh: T & T Clark, 1970. p. 63.

¹⁴⁶ Novo Testamento, 2011. p. 378.

¹⁴⁷ HAWTHORNE, Gerald F. e MARTIN, Ralph P. (Orgs). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. Paulus: São Paulo; Vida Nova: São Paulo; Loyola: São Paulo, 2008. p. 977.

O texto em que Paulo escreve sobre o perdão mútuo na carta aos Efésios tem uma série de exortações de ordem prática em seu contexto. São recomendações do “despir-se do velho homem” e do “revestir-se do novo homem”, criado segundo a justiça e a retidão, na busca de uma renovação no espírito do entendimento. Paulo recomenda que, por meio da aplicação do coração,¹⁴⁸ haja uma transformação na vida do cristão. Ele exorta os cristãos a viver:

- Uma vida santa;
- Segundo a vontade de Deus;
- Disposto a aceitar e dar atenção aos conselhos de Deus;
- Que reconheça a soberania e o governo de Deus;
- Dócil ao Espírito Santo atendendo-lhe a voz;
- Reconhecendo que o Espírito Santo é o selo de que se é pertencente “propriedade”¹⁴⁹ de Deus;
- Uma vida de comunhão cheia de benignidade e serenidade;
- Mantendo sempre um sincero coração perdoador.

O texto de Efésios 4.32 exorta para que os irmãos e as irmãs tenham esse coração que perdoa, que Deus espera que sua Igreja sempre se manifeste consagrada a ele, que a ação de seus membros sejam sempre pacientes e gentis. Se alguém na Igreja tem um débito – seja de que ordem for – este não deve ser sufocado de forma semelhante ao conserto como descrito na parábola de Mt 18.21-35. Antes, a atitude a ser tomada é, se arrependido, perdoá-lo de seu erro, ainda que aquele que perdoa, como diz Paulo, tenha que suportar a injustiça (1 Co 6.7).

Jesus ensinou como deve ser esse perdão mediante a pergunta de Pedro. Este sabia que, diante de seus pares, não devia buscar vingança, mas que a um amigo se deve perdoar as injúrias. O *Matthew Henry's Commentary*¹⁵⁰ traz a explicação de que Pedro não estava pensando no perdão do mesmo pecado, no mesmo dia como Jesus diz em Lc 17.4. Pedro tinha em mente sete vezes na vida.

¹⁴⁸ Coração tem o significado de toda a atividade mental, moral, racional e emocional. Na tradição bíblica, o coração é o que reflete a intenção profunda da interioridade. O coração é o fundamento da vida psíquica (Jr 17. 9-10). O coração é o fundamento da inteligência (Dn 2.30). O coração é o fundamento da vontade: é o que forma os projetos e decide sua execução (1 Rs 8.17; 2 Co 9.7). O coração é o fundamento da vida emotiva, é o lugar das emoções (Is 65. 4). O coração é o fundamento da vida espiritual (Js 24.23; Jl 2.12-13; Sl 86.11).

¹⁴⁹ O texto do selo como propriedade está em Ef 1.13-14. O que Paulo tem em mente é a marca do brasão de um rei em seu anel que marca o que é de sua propriedade.

¹⁵⁰ CHURCH, Leslie F. e HIST, F.R. (Ed.). *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible*. Marshal, Morgan & Scott: London, 1960. p. 95

Há uma predisposição da natureza corrompida pelo pecado a por limites a si mesmo naquilo que é bom. Essa natureza coloca medo no homem de perdoar demais porque, com isso, o outro poderá abusar da sua bondade. Ele tem medo de perdoar mesmo que já tenha sido perdoado de todas as transgressões e pecados.

Paulo escreve:

Longe de vós, toda amargura, é cólera, é ira, é gritaria, e blasfêmia, e bem assim toda a malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Deus em Cristo, vos perdoou. (Ef 4. 31-32).

E ainda: “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós.” (Cl 3.13).

Esse último texto afirma que todo aquele que causou mágoa, rancor, ressentimento ou agravo deve ser procurado e a situação acertada por meio do perdão. Algumas vezes acontece na Igreja, mesmo entre os eleitos de Deus, os santos e amados, situações onde há diferenças ou disputas. O perdão é o caminho que tudo repara e, nesses casos, há o imperativo do apóstolo de conceder perdão tal qual Cristo os perdoou.

3.4.4 O que é necessário para ceder perdão?

Existem pelo menos três qualidades que são indispensáveis para que alguém conceda perdão. Sem estas, dificilmente uma pessoa poderá concedê-lo.

3.4.4.1 Compreender as pessoas

A primeira grande questão na compreensão do outro é que o SER que se relaciona vê o outro da relação através de duas fontes: o consciente e o inconsciente. O inconsciente faz com que variadas vezes se tenha preconceitos e predisposições para com o outro. As personalidades que se envolvem numa relação comunicativa são complexas.

Freud veio mostrar-nos que a personalidade era muito mais complexa do que nossos pequenos sistemas deixavam transparecer. Ele descobriu que a

“profundidade” da natureza humana estava contida nos domínios profundos e poderosos do inconsciente.¹⁵¹

É ponto básico então, reconhecer que o SER tem seus aspectos criativos e que é dinâmico; criado à imagem e semelhança de Deus que o faz ter as suas faculdades intelectuais, seus sentimentos naturais, suas emoções e a sua natureza racional e moral. Mediante esses atributos, muitas vezes, é intempestivo e imprevisível e, certamente, intangível.

Ainda na questão da compreensão do SER, o que precisa se perceber é que quem perdoa deve levar em conta os conceitos da comunicação. Um dos princípios da comunicação é que a fala do SER com quem se comunica nunca dá conta do pensamento daquele que se comunica. Assim, por esse princípio, a ideia do comunicador nunca chega completa a quem o escuta, pois a fala é um redutor do pensamento. Numa conversa, nem tudo o que se pensa se comunica. Além disso, a compreensão daquele que escuta é sempre uma interpretação feita por meio de sua subjetividade. Por último, é preciso compreender que os que se comunicam são SERES caídos. A velha natureza está presente neles, mesmo que sejam convertidos a Cristo.¹⁵² Dessa forma, a comunicação não é livre, é permeada pelo pecado que distorce o processo comunicativo.

Compreender essas qualidades no SER que busca o perdão é importante para aquele que concede, pois terá maior visão do ser humano e alcançará grande facilidade em entender a mão do perdão. Quando se busca a compreensão das pessoas, tem-se a capacidade de perdoar grandemente multiplicada, porque se compreende suas ações e reações, o que facilita a não emitir juízo precipitado condenando o outro por atitudes tomadas.

A compreensão do SER permite que aquele que perdoa veja a situação do outro do seu ponto de vista. Esse processo se chama descentralização. Ele faz com que aquele que ouve tenha a capacidade de ouvir com o “conteúdo” mental de quem está se comunicando. O próprio Deus se encarnou, vivendo vida semelhante aos homens para compreendê-los e compadecer-se deles.

¹⁵¹ MAY, 2007, p. 14.

¹⁵² As Escrituras destacam dois grandes princípios: da Santidade e o seu antagônico que é o Pecado. Na esfera moral, o primeiro corresponde ao Bem e o segundo ao Mal. Todas as demais qualidades morais podem ser classificadas de maneira a se identificar com um desses dois grupos. Bancroft, em sua Teologia Elementar, nas páginas 200 a 208 destaca esta natureza caída.

3.4.4.2 Aprender a esquecer

Perdoar é esquecer um pecado que é cometido contra o SER, que causa uma ferida profunda que resulta em dores, mágoas e ressentimentos. Perdoar é um ato muito difícil. Entretanto é difícil não tê-lo mais na memória. Dois textos falam sobre esse perdão. Um deles é Hebreus 8.12 e o outro Isaías 43.25. Comentando esse texto, Ridderbos¹⁵³ escreve que:

Toda a obra de redenção procede, não de Israel, mas apenas do Senhor (v 25). “Eu, eu mesmo” é uma maneira enfática de expressá-lo. A obra de redenção, portanto, precisa ser antes de tudo um ato de “apagar”, de remover as transgressões de Israel, e um ato de não lembrar (isto é, de perdoar) os seus pecados.

Isto é ação do Senhor, e apenas Sua, e isto por amor a Si mesmo; a motivação precisa estar em Sua própria natureza, pois Ele não tinha base nenhuma para fazê-lo devido ao comportamento de Israel. Esta passagem bem poderia ser intitulada “Em louvor da graça imerecida”!

Não se lembrar do pecado é conceder perdão completo e é um ato de misericórdia que permite a aproximação daquele que deve. Como diz Ridderbos a respeito do perdão de Deus, vezes há em que o perdão é concedido não por aquilo que o ofensor faz, mas pela misericórdia manifestada ao ofendido. Assim deve ser no corpo de Cristo para que haja restauração e salvação (saúde) no corpo. Esse perdão, como já foi exposto, é sempre semelhante ao de Cristo e em Cristo, que é o redentor do corpo e, que verdadeiramente paga todas as culpas e penalidades dos pecados cometidos.

Não se lembrar dos pecados não tem a conotação de “cair no esquecimento”. Segundo Aurélio, a palavra esquecer pode ter outras conotações, tais como: “Deixar sair da memória”; “Perder da Lembrança”; “Por de lado” “Não se lembrar mais”. Tais conotações são atos voluntários onde o ofendido toma deliberação de não mais trazer à lembrança tal fato. É assim que Deus, onisciente, não se lembra mais dos pecados do seu povo. Ele lança-os para fora da sua mente e memória, e não se lembra jamais deles de novo. Do mesmo modo, quando alguém arrependido busca o perdão de um irmão ou uma irmã, este deve concedê-lo seguindo os passos de Deus.

Sempre que se guardam mágoas e/ou ressentimentos, têm-se muita dificuldade em perdoar, permitindo que surjam raízes de amargura, conforme Hebreus 12.15. A recomendação do escritor aos Hebreus é “seguir a paz com todos”.

¹⁵³ RIDDERBOS, J. *Isaias: Introdução e Comentário*. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 364.

O querer de Deus é que seu povo viva em amor, paz, santidade e alegria guardando-se diligentemente de toda possibilidade de criar raízes de amargura. Esta atitude – a de remoer as ofensas, não nos permite o perdoar. Para seguir a paz com todos é necessário que se exerça o perdão à semelhança de Cristo. Cristo – aquele que purifica a vida dos fiéis – pode limpar da memória deles todas as ofensas, ingratidões, amarguras e ressentimentos.

3.4.4.3 Exercer amor

O amor mútuo já foi destacado no capítulo anterior. Entretanto, vale a pena frisar alguns pontos sobre o perdão e o amor. Diante da pergunta de um escriba de qual era o maior de todos os mandamentos, Jesus respondeu que o primeiro grande mandamento é amar a Deus sobre todas as coisas e o segundo é amar o próximo como a si mesmo. Esses mandamentos não estão separados. Para amar o próximo é necessário amar primeiro a Deus. O homem, por natureza, é egoísta e voltado para si. Paulo escreve a Tito e faz uma descrição desse homem sem Deus. Ele escreve: “Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda a sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros”. (Tt 3.3).

O texto afirma que é da velha natureza ser uma pessoa odiosa e viver odiando os outros, o que impede qualquer um de conceder o perdão. O verdadeiro amor a Deus levará o homem a amar o próximo. Assim Paulo afirma:

Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tt 3.4-5).

Esse amor ao próximo, ao irmão, é o segredo da comunhão em uma Igreja, pois afasta toda ação do maligno e faz cessar os frutos da carne (Gl 5.19-21). Desenvolve a confiança e o respeito mútuos e traz uma união que promove a saúde no seio da Igreja. Quando a Igreja é uma comunidade de amor:

- Desejará o bem do próximo em todos os seus caminhos;
- Desejará que as tristezas do próximo sejam todas dirimidas;
- Auxiliará, em todas as circunstâncias, para que haja alegria;
- Desenvolverá vínculos de confiança;

- A todo o instante promoverá amizade;
- Nunca provocará – intencionalmente – prejuízo ao próximo;
- Este amor não é um sentimento natural, ele precisa ser alimentado no dia a dia da comunhão com os irmãos;
- Se o amor for semelhante ao amor de Cristo – amor que busca o bem daquele a quem se ama, será amor perdoador sem restrições e o amor será invencível na sua boa vontade de perdoar.

Os dois versículos base deste ponto dizem: PERDÃO SEMELHANTE AO DE CRISTO E SEMELHANTE AO DE DEUS. Se a Igreja perdoar, conforme o ensino do apóstolo Paulo, seu perdão será um prolongamento do perdão que Deus concede. Por isso, deverá ser no mesmo espírito. Perdoar será sempre possível quando o amor de Deus estiver derramado sobre a Igreja. O perdão trará gentileza e ternura no seio da família de Deus e capacitará seus membros a exercitá-lo cada vez mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa compreensão é que o SER é o homem na sua integralidade, esse homem que foi coroado de glória e honra por Deus em sua criação, infinito na sua espiritualidade, imagem e semelhança de Deus, com um *self*, um inconsciente, com um espírito humano, ser social, moral, mental, psíquico e físico.

Ao se manifestar no social, revela-se em toda sua essência, ainda que só possa se apresentar diante do outro no papel social que ele exerce, no momento da apresentação, como por exemplo, o ser professor. Ele só manifesta esse papel quando diante do(s) aluno(s) ou quando se prepara para as aulas. O SER como um todo nunca se apresenta, mesmo porque o próprio “EU” do SER, isto é, a identidade do SER não tem o conhecimento de todo o SER.

O SER se constitui através das relações sociais. Nestas não constitui só o seu “EU” ou sua identidade, constitui o seu SER. Ele é transformado pela renovação da mente (Rm 12.2). Seu contato e desenvolvimento se dão por meio da dialética entre o seu mundo interior, por intermédio da sua identidade e a identificação com as coisas e com os outros. É através da sua “consciência de ser no mundo” que lhe é permitido contatar com os outros. Essa é uma característica exclusiva do ser humano. Assim, a constituição e a construção do SER se dão a cada novo relacionamento com o “mundo das coisas” e o “mundo dos outros”. Nesses relacionamentos, o que se dá é o encontro de Subjetividades, isto é, uma inter-relação entre sujeitos que se afetam mutuamente. Após cada inter-relacionamento, ambos os sujeitos saem transformados.

Em primeira instância, a salvação é o reconciliar-se com Deus e manter com ele plena comunhão. É também alcançar a liberdade processual através do estudo iluminado pelo Espírito Santo, da Palavra, pois a própria Palavra diz: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). Significa também alargamento dos caminhos, proteção e segurança para com os projetos de vida. Assim, Deus acompanha os seus filhos não somente em suas vidas espirituais, mas em todos os planos do cotidiano. Deus está presente, salvando, de contínuo, a seus filhos. E, em segunda instância, é a libertação da possessão demoníaca, a cura mental, da psique e do físico.

A Psicologia nos ensina que, no relacionamento de uns com os outros, é que se dá a constituição, o desenvolvimento e as transformações do SER. O Novo Testamento, quando se refere à Igreja, indica que uma das atividades básicas para o seu crescimento é o relacionamento de uns com os outros. Temos então duas premissas: a da Psicologia e a do Novo Testamento. Assim, podemos afirmar que a Igreja é uma comunidade que, por meio da mutualidade, promove a constituição, o desenvolvimento e as transformações na vida do SER. São estes que geram a salvação em sua vida. O SER é transformado em seu todo pela renovação da sua mente (Rm 12.2). Com isso, aprende um novo modo de vida, vida semelhante à vida de Jesus, tornando-se uma pessoa melhor, seus relacionamentos familiares serão aprimorados, será melhor em seus relacionamentos sociais e exercerá a cidadania com uma consciência íntegra.

Esta mutualidade que é ensinada no Novo Testamento, quando vivida, em seus diversos aspectos, fará com que a vida cristã tenha maior e melhor significado, não só quanto ao alcance do testemunho de cada cristão a respeito do Evangelho, mas também em todo o processo salvífico do SER. É preciso que a Igreja esteja sempre em estado de atenção, porque todo o contexto do mundo atual, o “mundo das coisas” e o “mundo dos outros”, cada vez mais vai para uma inserção nas redes virtuais afastando o SER dos contatos sociais, dos contatos de uns com os outros. Neste “espaço virtual” cada um vive a sua preocupação, se enreda em seus pensamentos e se perde em si. O contato com o outro, quando existe, é superficial. Muitas vezes, as pessoas estão juntas, no entanto, não se comunicam.

A Igreja é uma entidade de comunhão. De uma comunhão sólida, não só nos momento de culto, mas perene. O membro da Igreja leva o nome dela para onde quer que vá. Os membros estão ligados por um mesmo Espírito, o Espírito Santo, que neles habita e que está entre eles. A Igreja é chamada à prática do bem tanto para os de dentro quanto para os de fora. Deve ser uma comunidade liberal no amor e promover benefícios a todos. Uma das formas de exercer essa liberalidade é permitir a manifestação do dom ofertado pelo Espírito Santo com o qual todos, quer os novos na fé, quer os antigos, são agraciados. Para que isso suceda, é necessário deixar o egoísmo e começar a pensar em servir o outro em um desejo altruísta. Na manifestação mútua dos dons cria-se um ambiente para a cura do SER.

Jesus, ao responder ao doutor da Lei sobre qual o maior mandamento, faz uma releitura de toda a Lei e os Profetas e resume ambos em dois grandes

mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo. Aos seus discípulos disse: amem uns aos outros como eu também vos amei. Esse amor que é dom de Deus é também um imperativo, pois o dom capacita e a obediência leva ao exercício. O amor é o princípio governante do SER e da Igreja. Se assim for, será fonte de bênçãos e de riquezas espirituais para a comunidade.

O amor se desenvolve na vida do cristão na medida em que ele vai sendo salvo. Essa salvação se processa por meio do despojar-se do “velho homem” e do revestir-se do “novo homem”. A cada novo passo que o SER dá em direção à estatura de varão perfeito, a salvação se efetua nele e, dessa forma, é maior sua compreensão da vida cristã e da necessidade da demonstração do amor. Esse amor desenvolve um forte vínculo entre aqueles que dele participam formando uma verdadeira família de Deus. A Igreja, corpo de Cristo, que manifesta amor uns pelos outros, une, de forma singular, os seus membros e essa união produz salvação.

As quatro afirmativas anteriores devem formar o contexto de uma Igreja de Cristo. Se assim for, ela cumprirá sua tarefa promovendo um ambiente de salvação para todos os que estão e/ou entram em contato com ela. Não é por força da lei que os filhos de Deus exercem suas atividades no corpo de Cristo e, sim, praticam seus dons e serviços por amor. Tudo parte de um coração regenerado por Cristo, que age em favor da comunidade. Nessas circunstâncias, exerce-se o sacerdócio real, conforme declara o apóstolo Pedro (1 Pe 2.9).

Um corpo tem saúde quando tudo nele funciona equilibradamente. O apóstolo Paulo compara a Igreja a um corpo. Esse corpo é regido pelo Espírito Santo, que capacita os membros a exercerem suas funções através dos dons e serviços. Cada um deve exercê-los para a saúde da Igreja. Quando um dos membros não exerce sua função ou age de forma incorreta, compromete a saúde do corpo. Nem todos na Igreja têm a mesma maturidade espiritual. Da mesma forma, nem todos têm a mesma qualidade de fé e de devoção ao Senhor Jesus Cristo. Os mais fracos na fé podem ser enredados pelo poder do engano do pecado. A exortação é um meio grandemente eficaz que o Espírito Santo usa para fortalecê-los, mostrando-lhes os caminhos do Senhor por intermédio da Palavra de Deus.

O exercício da mutualidade exige dos fiéis o exercício do fruto do Espírito Santo (Gl 5.22,23), o calor humano e a empatia. Quando o cristão se manifesta dessa forma diante de seus pares, acontece a ministração da salvação entre eles. A

vida mútua na Igreja facilita em muito o ensino das doutrinas levando-a a firmar-se na fé e na convicção das verdades evangélicas. Ela leva cada membro a um assentimento intelectual dessas verdades. Atua também na instrução do viver. A instrução, no Novo Testamento, reporta-se, de forma direta, ao modo de viver o cotidiano do cristão. Se o seu viver não for condigno, o Espírito Santo usa algum irmão espiritual (Gl 6.1) para exortar e corrigir o rumo de vida do irmão em falta procurando ajudá-lo a se alinhar à ética do Reino de Deus.

No que diz respeito aos sentimentos, a vida mútua da Igreja tem também o seu lugar. Muitas vezes, o sofrimento, a tristeza ou a angústia podem ser amenizados através de uma palavra de conforto ou de consolo. No que tange aos sofrimentos, alguns deles são provenientes do próprio exercício da fé (Jo 16.33) e é no consolo e na exortação mútuos que se poderá vencê-los.

No texto de Ef 4.1-3, Paulo exorta a Igreja a andar de um modo digno da vocação com que foi chamada. Por duas vezes fala de chamamento. Em outro lugar, 1 Ts 4.1, ele fala para a Igreja viver de modo digno. A Igreja é exortada pelo apóstolo, mais de uma vez, para viver de modo digno da vocação com que foi chamada. A vida mútua na Igreja auxilia seus membros a viverem dessa forma. Cada um auxiliará ao outro quando enfraquecer, promovendo a salvação.

Na medida em que a salvação se processa na vida do SER mais visão de comunhão ele tem. Essa vida de comunhão é necessária para se viver conforme o Novo Testamento. Em Cristo, não há lugar para a autossuficiência. Há sim, interdependência. O SER depende de Cristo e de seu corpo para seu fortalecimento, para o viver cotidiano e por meio deles aprenderá sempre mais sobre a vida mútua.

A capacidade de exercer a descentralização é de suma importância para viver uma vida de relacionamentos mútuos. Ela permite que pensemos de modo semelhante ao que o outro pensa e não do nosso jeito de pensar. Assim, ao sermos ofendidos, em vez de abriremos brecha de imediato para o ressentimento ou a mágoa, a pergunta que faremos é: Por que o outro nos ofendeu? Ao fazermos tal pergunta, somos levados a pensar com a mente do ofensor e assim temos a possibilidade de compreendê-lo e perdoá-lo, sempre que necessário.

Toda vez que oramos sinceramente a Oração Dominical, somos chamados a uma reflexão interior em vários aspectos de nossa vida espiritual. Toda vez que oramos em espírito, invariavelmente o Espírito Santo nos toca. A Oração Dominical é riquíssima em seus conceitos e abrange os pontos principais da vida espiritual.

Quando a oramos, o toque do Espírito Santo atinge pontos básicos que precisam de transformações no nosso interior e, então, ele nos chama ao arrependimento e aponta o perdão de Deus indicando novos caminhos a seguir.

O perdão é uma atitude importante na vida do cristão. Sempre que alguém o solicita, ele deve ser concedido na presença de Cristo. Há determinadas circunstâncias em que ele deve ser dado unilateralmente. Existem ocasiões em que a ofensa causa mágoa e/ou ressentimentos. A mágoa e o ressentimento são semelhantes a uma ferida que precisa de tempo para cicatrizar. Também a mágoa e/ou ressentimento precisam de tempo para ser elaborados e o ofendido não venha a guardar mais as marcas contra o ofensor. Ainda que o perdão seja um ato muito difícil, ele promove a comunhão entre os irmãos da Igreja e traz salvação tanto para aqueles que o exercem quanto para aqueles que o recebem. A Igreja não pode negar o perdão ao que, arrependido, vem lhe pedir perdão. Negar o perdão é negar a graça redentora de Jesus Cristo, a possibilidade da restauração do arrependido.

Conforme o ensinamento de Jesus em Mt 18.21,22, quando ele afirma que devemos perdoar o irmão 490 vezes, no mesmo dia ensina que o perdão a um irmão não tem limites. Muitas vezes, nós colocamos limites com medo de que o outro possa abusar de nossa bondade, mas a verdade é que a mansidão e longanimidade engrandecem e enobrecem àquele que perdoa.

Importante qualidade de quem perdoa é esquecer a ofensa contra ele cometida. Muitas vezes, é impossível não tê-la na memória, visto que causa dores, mágoas e ressentimentos. No entanto, não se lembrar do pecado é manifestar misericórdia, é dar um perdão completo à pessoa que o ofendeu. Dessa forma, o perdão significa não levar em conta a ofensa cometida e nas relações com o ofensor perdoado, relacionar-se com ele como se a ofensa não tivesse acontecido. É nesse sentido que Deus não se lembra mais de nossos pecados (Is 43.25).

O SER, nos dias atuais, vive em opressão. A ansiedade faz parte do seu dia a dia e, ao abrir os olhos de manhã, já conta as responsabilidades que tem durante o dia e, na maioria das vezes, percebe que não dará conta de todas as coisas. O SER é oprimido espiritualmente. Primeiro, porque os homens, cada vez mais, afastam-se de Deus e vivem suas vidas em um ateísmo prático, vivem sem Deus. Em segundo lugar, são oprimidos espiritualmente, porque lhes falta o alimento espiritual. No afã de cumprir com todos os seus compromissos, o SER perdeu o contato com Deus e não consegue alimentar-se com a Palavra. Se, porventura, lê a

Bíblia, não a entende, pois lhe falta o conhecimento básico para entendê-la. Faltam pastores que façam a exposição da Palavra de forma clara e segura. O que temos visto e ouvido nos últimos tempos é o anúncio da doutrina da prosperidade que, na grande maioria das vezes, anuncia a salvação através da oferta e não por meio do sacrifício de Jesus Cristo.

O SER é oprimido mental e psiquicamente, porque está diante de um mundo que gira mais rapidamente do que lhe é possível acompanhar, em quase todas as áreas de seu viver. Ele é cobrado para que acompanhe as modificações e se adapte a este mundo contemporâneo, acomode-se a tudo o que é novo, o que é praticamente impossível. O SER tem raízes que o solidificam. Raízes que lhe dão um “EU” com valores sociais, éticos e morais. Ele tem também compromissos internos com seu “EU” provenientes de sua formação. Esses compromissos são, em sua grande maioria, originários do “Super-Eu”. Quando o SER, por qualquer motivo, é forçado a quebrar alguns desses compromissos, ele adocece. Tivemos oportunidade de conversar com dois doutores da psiquiatria do Hospital das Clínicas, que nos disseram a respeito de uma pesquisa realizada, que chegou ao seguinte resultado: um em cada oito brasileiros passa ou passará por um distúrbio psiquiátrico.

O SER é oprimido socialmente. Vivemos uma crise social em todas as classes sociais. De um lado, vemos na sociedade famílias destroçadas, pais que não conseguem educar seus filhos, porque querem uma vida socioeconômica melhor, por isso passam esse compromisso para as escolas, como já se costuma dizer, “terceirizando a educação” dos filhos. As escolas, não raras vezes, não estão preparadas para realizar a tarefa a elas passada. De outro lado, vemos pais que satisfazem todos os desejos dos filhos não lhes ensinando os limites para a vida. E por fim, existem pais, em todas as classes sociais, que simplesmente deixam os seus filhos no abandono. Como resultado disso tudo, vemos adolescentes e jovens que não respeitam ninguém, vivem sem limites, sem perspectivas de vida, voltados para a bebida e para as drogas, e os pais não conseguem dar conta deles. Estão perdidos, sem horizontes.

O SER é oprimido economicamente. A vida nos dias atuais é pobre, porque é pautada por um único ponto de vista: o econômico. Na grande maioria das vezes, as demais áreas da vida são esquecidas. Vezes há em que até a vida conjugal é esquecida em busca do desenvolvimento econômico. Por isso há um alto índice de

divórcio entre casais com 25 a 30 anos de casados. O que aconteceu no percurso da vida foi que cada um construiu sua própria vida. A vida comum, a vida em conjunto foi deixada de lado. No final da vida, com a aposentadoria, eles se entreolham e não se conhecem, apesar de terem vivido juntos por um longo período da vida. No entanto, nesse período, viveram vidas isoladas, cada um construiu uma vida para si. A nossa experiência mostra que os jovens e os adolescentes estão percebendo toda essa situação e não querem vida semelhante. Mas, não há quem mostre um novo caminho para eles. Faltam novos paradigmas.

O SER é oprimido fisicamente. Os espaços estão cada vez menores e o desconforto, ainda que não é percebido conscientemente, é cada vez maior, o que causa angústia e estresse. Em uma cidade como São Paulo, há vinte anos, um apartamento de três quartos tinha em média 100m². Na atualidade, a metragem é em média de 68m². Com isso, a moradia deixou de ser o lar, o lugar de conforto e passou a ser, de modo geral, um local para dormir. Outro ponto físico estressante é o trânsito. Há muitas pessoas que gastam de 4 a 6 horas por dia no trânsito para ir e voltar do trabalho. O trânsito é impossível. O transporte público é outro ponto crítico. Para entrar em um ônibus ou metrô, às vezes, é preciso deixar passar três ou quatro composições para encontrar espaço em uma. O espaço físico do SER é cada vez menor e isso gera ansiedade, angústia e estresse que adoecem o SER. Na grande maioria das vezes, falta ao SER uma Igreja na qual ele possa se expressar e se sentir livre de toda essa opressão que o mundo causa sobre ele, uma Igreja onde ele tenha possibilidades de exercer sua liberdade e de expressar tranquilamente o seu SER, praticando a mutualidade e, com seus pares, alcançar a salvação.

Por fim, dizer que Cristo é o Cabeça da Igreja. Como Cabeça, sua relação com esta é para com um corpo. A Igreja não é simplesmente um ajuntamento de discípulos de Cristo ou o povo de Deus. Ela exprime a relação essencial com Cristo, tal e qual na parábola da videira verdadeira (Jo 15). O corpo de Cristo funciona em obediência a ele, desenvolvendo sua obra no mundo. O propósito de Deus é que a Igreja venha a ser a expressão plena de Jesus Cristo e ao fazê-lo traz plenitude a todas as coisas que existem (Ef 1.23). Nele e por ele o corpo se expressa por meio dos dons e serviços e, assim, traz a salvação e aperfeiçoamento aos que do corpo participam.¹⁵⁴

¹⁵⁴ FOULKES, Francis. *Efésios: Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cristão, 2007. p. 56-57.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ADAMS, Jay. *O Manual do Conselheiro Cristão*. São Paulo: Fiel, 1982.

ADEN, Leroy; ELLENS, J. Harold. *Turning Points in Pastoral Care: The Legacy of Anton Boisen and Seward Hiltner*. Grand Rapids: Baker Book House, 1990.

ADORNO, Theodor W. *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.

ALLEN, Clifton. *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.

ARNDT, William F.; GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Librairie Hachette, 1950.

BANCROFT, Emery H. *Teologia Elementar: Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1966.

BARKLAY, William. *Mateo II*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1973.

BARMBY, J. Hebrews. In: SPENCE H. D. M. *The Pulpit Commentary*. Grand Rapids: Local: Eerdmans Publishing, 1950.

BARRET, C. K. *The First Epistle to the Corinthians*. New York: Harper & Row, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERNARD, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. Edinburgh: T & T Clark, 1972.

BIGG, Charles. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Peter and St. Jude*. Edinburgh: T & T Clark, 1969.

BONNET L. y SCHROEDER A. *Comentario del Nuevo Testamento: Evangelios Sinópticos*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1970.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca da Identidade: Contribuição para uma antropologia Teológica*. São Leopoldo; Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1966.

BROOKE, A. E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*. Edinburgh: T & T Clark, 1971.

BROWN, Colin. (Ed.) *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vida Nova: São Paulo, 1983.

BRUCE, F. F. (Ed. Ger.). *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2009.

_____. *The Epistle to the Hebrews*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1979.

_____. *The New Century Bible Commentary – I & II CORINTHIANS*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1983.

BUCHANAN, Duncan. *The Counseling of Jesus*. InterVarsity Press: Downers Grove, 1985.

BUTTRIK, George A. *The Interpreter's Bible*. New York: Abingdon Press, 1951.

CALVINO, Juan. *Institucion de la Religion Cristiana*. Rijswijk (Z.H.): Fundacion Editorial de Literatura Reformada, 1967.

_____. *Epístola a los Hebreos*. Grand Rapids: Subcomisión Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada., 1977.

_____. *1 Coríntios*. 2. ed. São Bernardo dos Campos: Parakletos, 2003.

CARONE, Iray. A Questão dos Paradigmas nas Ciências Humanas e o Paradigma da Estrutura das Objetivações Sociais de Agnes Heller. In: LANE, Silvia T. M. e SAWAIA, Bader B. (Orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense/EDUC, 1995.

CASA PUBLICADORA BATISTA. *O Cantor Cristão*. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, 1974.

CLINEBELL, H. J. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e Crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

COLLINS, Gary R. *Ajudando Uns aos Outros pelo Aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

_____. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CRABB, Larry. *Como Compreender as Pessoas: Fundamentos Bíblicos e Psicológicos para Desenvolver Relacionamentos Saudáveis*. São Paulo: Vida, 2001.

CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. 10. ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1985.

CHURCH, Leslie F. e HIST, F.R. (Ed.). *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible*. Marshal, Morgan & Scott: London, 1960.

DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1976.

ELLENS, J Harold. *Graça de Deus e Saúde Humana*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

ELLICOTT, Charles John. *Ellicott's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1976.

FOULKES, Francis. *Efésios: Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cristão, 2007.

FRANKL, Viktor E. *A Psicoterapia na Prática*. Campinas: Papirus, 1991.

FRANSMANN, Martin H. *Carta aos Romanos*. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1972.

FREUD, Sigmund. *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

GALIMBERTI, Umberto. *Os Vícios Capitais e os Novos Vícios*. São Paulo: Paulus, 2004.

GESCHÉ, Adolphe. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GETZ, Gene A. *Igreja: Forma e Essência*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GOES, Maria C. Rafael. Os Modelos de Participação do Outro nos Processos de Significação do Sujeito. In: *Temas em Psicologia n. 1*. Ribeirão Preto: Soc. Bras. de Psicologia, 1993.

GROSHEIDE, F. W. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1983.

GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

_____. *Manual de Teologia Sistemática: Uma Introdução aos princípios da Fé Cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

GUERRESCHI, Cesare. *New Addictions: As Novas Dependências*. São Paulo: Paulus, 2007.

HAWTHORNE, Gerald F. e MARTIN, Ralph P. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus/Vida Nova/Loyola, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOCH, Lothar C. A Crise Pessoal e sua Dinâmica: Uma Abordagem a Partir da Psicologia Pastoral. In: SANTOS, Hugo N. *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 143-154.

HUGHES, Philip E. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1992.

HULL, William E. João. In: *Comentário Bíblico Broadman*. Allen, Clifton J. (Ed. Ger.) Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HULME, William E. *Pastoral Care & Counseling*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1981.

JUNG, C. G. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1978.

KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

KIERKEGAARD, Sören. *O Conceito de Angústia*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

KITTEL, Gerhard and FRIEDRICH, Gerhard. (Eds.) *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1971.

LADD, George Elton. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LEADERSHIP MINISTRIES WORLDWIDE. *The Preacher's Outline & Sermon Bible*. Leadership Ministries Worldwide, 1991.

LELOUP, Jean-Yves. *Uma Arte de Cuidar: Estilo Alexandrino*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIGHTFOOT, J. B. *St. Paul's Epistle to the Philippians*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1978.

- LUTHER, Martin. *Commentary on Galatians*. Grand Rapids: Kregel, 1994.
- MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- MAY, Rollo. *A Descoberta do Ser*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. *A Arte do Aconselhamento Psicológico*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MEZAN, Renato. *Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MONBOURQUETTE, Jean. *Da Auto-Estima à Individuação*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MOODY, Dale. Romanos. In: ALLEN, Clifton J. (Ed. Ger.). *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: Juerp, 1984.
- MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. 5. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1971.
- MORRIS, Leon. *The First and Second Epistles to the Thessalonians*. Edinburgh: Marshal, Morgan and Scott, Ltd., [s.d].
- ORTEGA Y GASSET, José. *O Homem e a Gente*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1960.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do Vínculo*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. Edinburgh: T & T Clark, 1970.
- POUJOL, Jacques & Claire. *Manual de Relacionamento de Ajuda*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- POWELL, John. *Por que Tenho Medo de Ihe Dizer quem Sou?* 3. ed. Belo Horizonte: Crescer, 1986.
- RAHNER, Karl (Ed.). *Sacramentum Mundi Enciclopédia Teológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1972.
- REBER, Arthur. *Dictionary of Psychology*. London: Penguin Books, 1985.

RIDDERBOS, J. *Isaias: Introdução e Comentário*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. New York Harper & Brothers, 1932.

RYLE, J. C. *Expository Thoughts on the Gospels St. John*. Cambridge: James Clarke & Co. Ltd., 1976.

SCHNEIDER, J. Sôzô. In: BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

SCOTT, J. J. Jr. Igreja. In: HAWTHORNE, Gerald F. e MARTIN, Ralph P. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus/Vida Nova/Loyola, 2008.

SCOTT, W Frank. John. In: *The Preacher's Complete Homiletic Commentary on the Books of the Bible*. v. 25. New York: Funk & Wagnalls, [s.d.].

SMOLKA, Ana Luiza B. Construção do Conhecimento e Produção do Sentido: Significação e Processos Dialógicos. In: *Temas em Psicologia n. 1*. Ribeirão Preto: Soc. Bras. de Psicologia, 1993.

STOTT, John R. W. *I, II e III João: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

THE GREEK NEW TESTAMENT. 2. ed. United Bible Societies, 1968.

TOLBERT, Malcolm O. Lucas. In: *Comentário Bíblico Broadman*. Allen, Clifton J. Ed. Ger.. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

TUCK, Robert. I. – II. Peter, I. – II. – II. – John, Jude and The Revelation of St. John the Divine. In: *The Preacher's Complete Homiletic Commentary on the Books of The Bible*. v. 31. New York: Funk and Wagnalls, [s.d.].

VANGEMEREN, Willem A. Psalms. In: GAEBELEIN F. E. (Ed.). *The Expositor's Bible Commentary*. v. 5. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976.

VINE, W. E. *Diccionario Expositivo de Palabras del Nuevo Testamento*. Barcelona: SEDIN, 1984.

VYGOTSKY, Liev S. *A Formação Social da Mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZANDRINO, R. *Curar Também é Tarefa da Igreja*. São Paulo: Nascente, 1986.